

REVISTA DA SEMANA

Nº 3

Cr \$ 2,00 em todo o Brasil

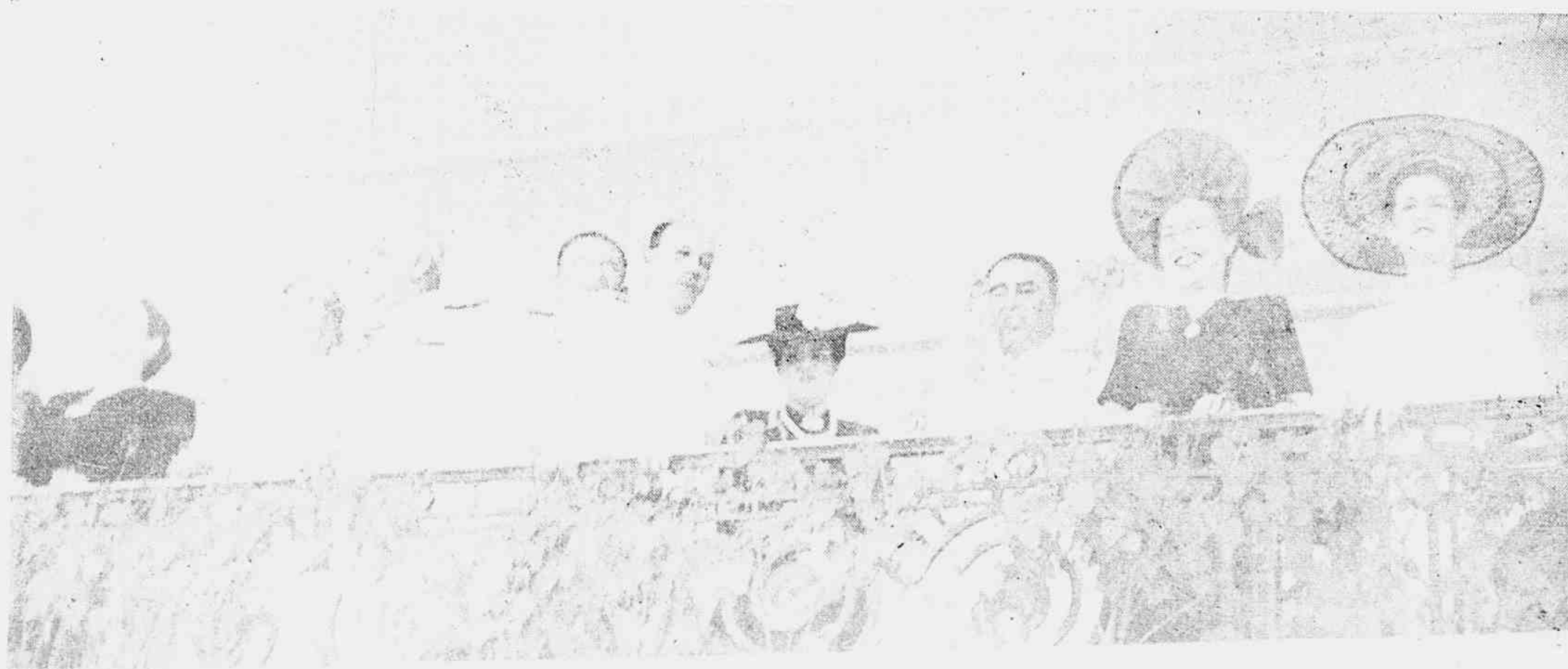
18-1-47





JOCKEY CLUB MUNDANO

Foi animadíssima a última tarde no Jockey Club Brasileiro. Todas as pessoas presentes àquela reunião social não puderam deixar de fazer a sua torcida, tal foi o entusiasmo observado no decorrer dos páreos. Aliás, como sempre acontece, reuniram-se no Hipódromo da Gávea os elementos mais representativos de nossa sociedade para, num ambiente de grande elegância, se deliciarem com o desenrolar das corridas. E foi durante os intervalos, quando as graciosas senhoritas passeiam alegremente na "pelouse", que o nosso fotógrafo colheu as fotos que estampamos nesta página.



UM NOVO RETRATO DE OSCAR WILDE

NA mesma mala de livros ingleses em que me chegaram às mãos a antologia "New Writing", um volume da Penguin Books, organizado por John Lehman, e a moderna e arrojada peça de Ronald Duncan, "This way to the tomb", editada por Faber and Faber e há pouco representada no Mercury Theatre, de Londres, também tive o prazer de receber a mais nova biografia do autor do "Retrato de Dorian Gray", o fascinante livro de Hesketh Pearson, intitulado "The life of Oscar Wilde". Entre tudo quanto se escreveu sobre o dramaturgo, poeta e ensaísta britânico que encheu a era vitoriana com seu talento, suas extravagâncias e, finalmente, com o escândalo que o aniquilou moral, intelectual e fisicamente, esse novo livro de Hesketh Pearson é o que há de melhor, de mais completo, de mais compreensivo e de mais bem documentado. A história desse livro é curiosa. De início, seu autor, — que biografou com grande sucesso as personalidades de Tom Paine, de Shakespeare, de Conan Doyle, dos reis da opereta Gilbert e Sullivan, etc., — submeteu a idéia a um contemporâneo de Oscar Wilde e de todos nós, o eterno adolescente George Bernard Shaw. É o conselho do barbudo irlandês foi no sentido de que o livro não fosse escrito. Entendia Bernard Shaw que para dar ao mundo e às gerações vindouras um retrato dessa figura singularíssima que foi Oscar Wilde já existia o livro de Frank Harris, revisito por Lord Alfred Douglas, que o melhorara em muitas passagens. Além do que, acentuava Shaw, havia pouco mais a ser dito que merecesse o interesse do público. Oscar Wilde fora um "raconteur" incomparavelmente grande, um conversador, uma personalidade dotada de raro talento verbal.

— Eu poderia repetir uma das anedotas de Oscar Wilde a você, mas não com a sua maneira de narrar, o que daria em nada. Seria tão inútil como tentar parafrasear uma história de Mark Twain, — observou Bernard Shaw.

Mas, apesar desse conselho, o livro foi escrito. Ou, talvez, exatamente porque Bernard Shaw dera ao autor esse mesmo conselho. Hesketh Pearson parece ser uma dessas naturezas ativas que se comprazem em vencer dificuldades e em provar a sem razão de certas atitudes preconcebidas.

* * *

Para realizar essa obra, cuja leitura é na verdade absorvente e o coloca na galeria dos grandes evocadores da era vitoriana, como Lytton Strachey e André Maurois, não só Hesketh Pearson leu tudo quanto Oscar Wilde escreveu, — livros, peças, cartas, ensaios, memórias, — como tudo que se escreveu sobre Oscar Wilde. E, além disso, recolheu depoimentos pessoais de várias pessoas que conheceram de perto o autor de "Uma mulher sem importância", — Robert Ross, Aileen Denaster, Robert Sherard, Frank Harris, Sir Herbert B. Tree, George Alexander, H. B. Irving, Lewis Walter, etc., e o próprio Lord Alfred Douglas, um dos protagonistas do famoso processo que o levou a prisão, a infâmia e ao exílio.

Muito bem documentado, Hesketh Pearson é implacável no ataque aos que mentiram ou fantasiaram coisas a respeito de Oscar Wilde. Para com Frank Harris, — cujo livro foi publicado no Brasil pela Companhia Editora Nacional, sob o título de "Oscar Wilde, sua vida e confissões", em tradução de Godofredo Kangel, — é mesmo impiedoso, pois declara que, excetuadas as cartas de Wilde e as contribuições de Alfred Douglas, Robert Ross e Bernard Shaw, nada mais, em todo o volume, merece o menor crédito. O próprio Frank Harris nos aparece como um aproveitador da desgraça de Oscar Wilde e de um ladrão de seus direitos autorais. Esse caso é na verdade curioso. No último período de sua vida, premido por dificuldades de toda ordem, mas incapaz de executar qualquer plano de trabalho, Oscar Wilde levantara um meio com vários empresários, por conta de uma peça cujo entredo escolheu e que narrava, com sua fluência de grande palestrador, as suas vitimas como aos seus companheiros de todas as lutas. Frank Harris tomou o compromisso de colaborar com Oscar Wilde, desde que este escrevesse uma sinopse da comédia e o primeiro ato. Ele, Harris, escreveria o restante. Entretanto, acabou escrevendo a peça sozinho e colocando-a com a famosa atriz Mrs. Patrick Campbell. Sua remuneração com Oscar Wilde era pagar-lhe £ 175, — e mais uma parte dos seus lucros, se a peça tivesse êxito. Entretanto, pretextando ter deixado em Londres o seu livro de cueques, pagou-lhe tão somente £ 25. A peça, intitulada "Mr. and Mrs. Daventry", fez um grande sucesso, mas o desgraçado Wilde nunca mais viu um xelim... Hesketh Pearson consigna as suas lamentações:

— Frank Harris privou-me da minha única fonte de renda, arrancando-me uma peça com a qual eu facilmente sempre levantava umas cem libras...

André Gide, o famoso escritor francês, também recebe um diploma de mentiroso do novo biógrafo de Oscar Wilde, que contesta passagens do livro publicado em 1905, sob o título de "Oscar Wilde, — um estudo".

* * *

Hesketh Pearson não faz uma apologia de Oscar Wilde. Fala com uma rude franquesa e sem metáfora dos seus vícios e das suas debilidades. Mas nos mostra um Oscar Wilde sem maldade, medularmente bom, incapaz de fazer mal a ele próprio. Na prisão, preocupava-se menos com sua própria sorte do que com a de uns meninos famintos presos por furto. O livro também nos mostra como era brutal o conceito de justiça daqueles tempos. Um chefe de guardas de uma prisão era demitido apenas por ter dado um biscoito a um menino preso! "The life of Oscar Wilde" é um belo livro. Não é apenas o retrato de um homem mais de toda uma época de decadência.

R. MAGALHÃES JUNIOR ★ Especial para REVISTA DA SEMANA

NESTE NUMERO

COLABORAÇÃO:

Um novo retrato de Oscar Wilde (R. Magalhães Junior)	3
O visconde de Jequitinhonha (Escra- gnolle Doria)	12

BIOGRAFIA:

A vida de El Greco (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	23/29
--	-------

CARICATURA:

Bom Humor	14/15
-----------------	-------

REPORTAGENS:

As três batalhas que Dulcina venceu em Buenos Aires (Odilon Azevedo) ..	6/9
Russo do Pandeiro conquistou Hol- lywood (Luis Serrano)	16/19
Reabriu-se o Palácio de Versalhes (Flo- rise Albert-Londres)	22/24
Os precursores de uma grande descober- ta (John Woodward)	30/32

CONTOS:

Pé Espalhado (Lausimar Laus Gomes)	20/21
A planície das aranhas (H. G. Wells) ..	26/27
O estranho (Oswaldo Alves)	32/33
Música de igreja (Denise de Oliveira Gonçalves)	10

SECÇÕES PERMANENTES:

A semana em revista	4
O mundo marcha	5
Gente de rádio (A. Migueis)	25
Livros Novos (João Luso)	34
Nos bastidores femininos	35
Modas	36/49
Música — "Canto orfeônico nas escolas" (Roberto Lyra Filho)	56
Cancioneiro internacional	55

DIVERSOS:

Jockey Club elegante	2
O terceiro senador	11

ILUSTRAÇÕES:

De Orlando Mattos, Armando Pacheco
e Abelardo Zaluar.

NOSSA CAPA

Ella Raines, a graciosa atriz da Universal Pictures, que tem aparecido em filmes notáveis como "Aurora Sangrenta", "Corvetas em ação", "Herói de mentira", e que apareceu, há pouco em "Piruetas" (The Runaround) com Rod Cameron, figura hoje na capa de REVISTA DA SEMANA, numa fotografia selecionada por Luis Serrano entre os seus últimos flagrantos. Ella Raines que foi descoberta por Charles Boyer e tem um contrato no valor de cinco milhões de dólares está agora trabalhando em "White tie and tails", ao lado de Dan Duryea e de William Bendix.



A SEMANA EM REVISTA

POLÍTICA DE SANGUE



No Nordeste, infelizmente, os costumes políticos continuam deploravelmente prejudicados pela falta de educação e de serenidade dos elementos que integram as forças partidárias de expressão preponderável. Ainda há, por ali, quem queira se manter no poder pela violência, pela brutalidade, pelo crime, negando aos adversários os mais comensuráveis direitos, como o de se reunirem em praça pública, para a doutrinação do eleitorado e para a pegação cívica, com a apresentação de plataformas e de candidatos. Ainda agora, no Rio Grande do Norte, quando uma caravana política da coligação União Democrática Nacional-Partido Social Progressista percorria o interior do Estado, fazendo propaganda dos seus candidatos ao governo do Estado e à Assembleia Legislativa do Estado, os seus componentes foram atacados com incrível brutalidade, sendo um dos caravaneiros abatido com dezesseis facadas. Essa política de sangue é uma política bastarda e execrável, que desonra os que a praticam e recai, como uma mancha vergonhosa sobre os partidos em que estão congregados tão sanguinários e desatinados inimigos das boas práticas democráticas. Estamos certos de que o presidente da República, general Eurico Gas-

par Dutra, não querará que os seus galões de alta patente do nosso Exército e a faixa presidencial, símbolo do poder que encarna, sejam maculados, imolados à estupidez das paixões políticas mais baixas. É necessário que essa política nefasta, essa política vil e miserável, que tantos malefícios tem causado, seja desaprovada pelo cheie da Nação e pelo seu delegado, em exercício no governo do Rio Grande do Norte, ao mesmo tempo que todas as providências devem ser tomadas para a exemplar punição do culpado ou culpados, réus do pior de todos os crimes, — o de tentar suprimir a livre manifestação das opiniões políticas e de querer dominar o eleitorado pelo pavor. Aliás, o interventor no Rio Grande do Norte já foi substituído. Mas urge evitar reprodução de tais atentados. Estamos vivendo numa época de esclarecimento da opinião pública, que não comporta violências e atentados aos direitos de quem quer que seja. Partidos oficiais não têm o direito de usar nem de métodos de intimidação e de terrorismo, nem tampouco das armas da corrupção e do suborno. A ação do governo deve ser pautada pelas normas da mais absoluta e intransigente imparcialidade. Quem se colocar fora da lei, quem macular o regime democrático, quem se tornar réu de crimes dessa espécie, deve ser punido com redobrada severidade. Se isso não acontecer, não teremos, jamais, um regime verdadeiramente democrático, mas uma farsa trágica, uma simulação criminosa, baseada na brutalidade, na pistola, na faca, no bacamarte, na embocada ou nos bochinchos...

UMA GRANDE PERDA PARA O BRASIL



Com o desaparecimento, domingo último, de Afrânio Peixoto, perdeu o Brasil uma das suas figuras exponenciais e as nossas letras um dos seus vultos mais ilustres em todos os tempos. Afrânio Peixoto, além de ser um homem de talento e de cultura, era também um verdadeiro "gentleman", um homem de personalidade simplesmente fascinante. Amável, discreto, sem cabotinismos, mas se afirmando, sempre, pelo seu talento de escôl, quer na tribuna da Câmara dos Deputados, onde representou a Bahia, quer na cátedra de professor ou, ainda, no domínio das belas letras, pode-se dizer que Afrânio Peixoto foi tudo quanto quis e só não foi aquilo que deixou de querer. Inaugurando sua carreira literária como poeta, fez-se romancista popularíssimo, com "Fruta do Mato", "Maria Bonita" e tantos outros livros lidos com verdadeiro agrado por milhares e milhares de pessoas. Mas essa glória não lhe bastava, — e do romance passou Afrânio Peixoto à crônica, ao ensaio, ao teatro, ao folclore, etc. Foi o autor da primeira biografia de Castro Alves, na qual levantou elementos de informação e de crítica que serviram a todos os que, depois dele,

escreveram sobre o poeta dos escravos. Versando temas como o de "Clima e Saúde", escrevendo tratados como o de "Medicina Legal", oficializado nas nossas escolas de direito, revelando-se um conferencista encantador e elegante, Afrânio Peixoto encerrou sua vida de homem de letras com um livro que é um verdadeiro hino ao seu torrão natal, o admirável "Breviário da Bahia", lançado com o maior êxito pela Livraria Editora Agir. A obra de Afrânio Peixoto, divulgada por todo o Brasil, ainda agora, em edição de formato "standard", sob a mais de trinta volumes e bem mostram quão grande e belo foi o seu infatigável labor intelectual. A morte do grande escritor teve a mais intensa repercussão nos meios literários como nos círculos do alto magistério e as homenagens póstumas que lhe foram prestadas pela Academia Brasileira de Letras e pelas casas do Congresso constituíram tributo mais do que justo a quem tanto soube honrar a inteligência brasileira. Presidente do Instituto Brasil-Estados Unidos, Afrânio Peixoto prestou também um excelente serviço à causa da aproximação entre o Brasil e a grande república do Norte. Desaparecendo aos setenta e um anos de idade, depois de haver contribuído para a formação cultural de várias gerações de brasileiros, Afrânio Peixoto deixa um claro e impreenchível no nosso mundo intelectual.

VOTAÇÃO EM "SHORTS"...



Surgiu, há dias, uma discussão interessante, no seio da Justiça Eleitoral. Tratava-se de saber-se se podiam ou não eleitores de Copacabana votar de "shorts" e "slacks" ou não. Na grande praia, que é o bairro mais populoso da cidade, presentemente, — e que é quase que uma cidade independente em si mesmo, — a indumentária masculina tem sofrido uma transformação para melhor, quer dizer, no sentido da simplificação. Um blusão ou uma camisa aberta ao peito, sem gravata, um par de calças e sandálias, ou em vez destas, apatos, eis como se veste economicamente e saudavelmente, grande parte da população de Copacabana, durante o verão. E não precisamos dizer que as eleições desta semana se realizam na parte mais dramática, mais aguda, mais terrível do território carioca! Ao ser ventilado (é bem o termo, tratando-se de uma questão de calor...) o assunto, a discussão foi muito acalorada, votando dois juizes em favor dos "shorts" e a maioria deles contra. Um dos que votaram a favor dos "shorts" acentuou que o fato de estar vestido desta ou daquela maneira

não tira, ao cidadão, a sua qualidade de eleitor. E se ele é eleitor, deve votar, assim ou assado. Parece ter prevalecido, entretanto, o critério de que não é bom relaxar as exigências referentes à indumentária porque se forem permitido neste verão os "shorts" e os "slacks", daqui a alguns verões todos quererão votar, já não mais de "shorts", mas de roupa de banho ou simplesmente embrulhado numa toalha... Entretanto, é preciso que se note que estamos num país tropical, em que a vida humana, nesta quadra de tremenda soaheira, chega muitas vezes a correr perigo, devido ao excesso do calor e da nossa indumentária. Os lugares em que se realizam os comícios eleitorais não são refrigerados, os eleitores não encontram ao seu alcance nem ao menos um copo de água gelada e além do mais, a tremenda concentração humana contribui para aumentar ainda mais o calor. É preciso certa dose de heroísmo para se desempenhar o dever cívico de ir às urnas, — e deixar de ir seria coisa criminosa e indesculpável, — parecendo-nos, por isso mesmo, que foram bem mais humanos e justos os dois juizes que, na questão em apreço, tiveram os seus votos vencidos. Se os "shorts" e os "slacks" são morais e podem ser usados na praia, na rua nos cinemas e nas casas de chá de Copacabana, não vemos por que razão, a não ser a de puro arbitrio, possa a Justiça Eleitoral impugnar uma indumentária que já entrou nos hábitos de uma boa porção de cariocas.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVIII * Nº 3 * 18-1-47

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 2,00 em todo o Brasil; atacadado, Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Correio Bahiano: Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 145

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques, Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário: R. MAGALHÃES JÚNIOR

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados



O MUNDO MARCHA trôpegamente para uma nova conflagração mundial, ou para uma paz prolongada? Não é fácil dizer-se. Por um lado, os Estados Unidos se preocupam com a unificação dos armamentos dos países latino-americanos e com os da Inglaterra e dos seus próprios. Mas no meio de tudo isso o marechal Bernard Montgomery vai à Rússia, é homenageado pelo marechal Stalin e pelo marechal Vassiliev, trocam-se brindes da maior cordialidade e o ilustre oficial inglês, vencedor de El-Alamein e das Andenas, diz que a Inglaterra receberá de braços abertos uma delegação do Exército Vermelho que queira visitar suas escolas militares e quartéis. O famoso bandido Zé da Ilha, depois de passar muitos dias foragido, resolveu entregar-se por ter sido espalhado o boato de que a polícia dera ordem para que o agarrassem vivo ou morto. Mandou um parlamentar combinar a sua rendição, como um general que compreende que perdeu a última batalha, e exprimiu apenas o desejo de que o recebessem com lhe dar pancada. O ex-chefe de polícia das últimas vinte e quatro horas da ditadura, Sr. Benjamin Vargas, mais conhecido nos círculos alicerces da cidade pelo nome de "coronel Bello", sacou do revólver na "bolta" do Copacabana e atirou no ator David Conde, do elenco de "Os Comediantes". Mas errou a pontaria e atingiu a irmã desse ator, senhorita Rosa Conde, numa das covas. O ex-chefe de Polícia está, agora, às voltas com a justiça, pois a família da vítima apresentou queixa crime. O vespertino "O Globo", num editorial de grande veemência, aconselhou os fragmentadores de "night clubs" a se armarem e se defenderem, nessas emergências uma vez que a Polícia fecha os olhos aos deslizes de pessoas importantes ou tidas como importantes. Muito triste para o nosso meio literário, como para os círculos do alto magistério, a notícia da morte do professor Afrânio Peixoto, escritor ilustre, mestre amado e antigo deputado federal pelo Estado da Bahia. Afrânio Peixoto era membro da Academia Brasileira de Letras, para a qual entrou muito jovem ainda, pela indicação de amigos, entre os quais Mário de Alencar, que levou seu afeto ao ponto de falsificar-lhe a assinatura na carta de inscrição na Academia e de eleger-lo quando ausente, em viagem pela Europa e o Oriente. Para a vaza de Afrânio Peixoto, lá está eleito, "in netto", o jurista e beltrista Afonso Pena Júnior, que há pouco lançou um belo livro sobre a autoria de "Arte de Furar" e que lá exerceu altas funções públicas, entre as quais a de ministro da Justiça. Essa decisão deve, sem dúvida, afetar da porta do Petit Triangon os "acadêmicos" literários, os "placados" da "Imortalidade", que esperam entrar para a "ilustre companhia" depois de terem vencido os acadêmicos pelo cansaço... O "adeus" da Academia a Afrânio Peixoto foi proferido pelo embaixador João Neves da Fontoura, que exaltou o ilustre morto como uma das flores excepcionais da nossa cultura e das nossas letras. Numa entrevista a "O Globo", o cronista Joel Silveira se apresentou como o mais enleado de todos os candidatos a vereador. Perseguido sobre o seu programa, o autor de "Os grandinhos de São Paulo" declarou que só tem uma preocupação: a de pedir votos para seu companheiro de chapa, o escritor Osório Barba, da Esquerda Democrática. Não pretende ser eleito, nem tem veleidades políticas, preferindo, por isso, trabalhar por um amigo que é flor de alto merecimento. O ator Procinha Ferreira voltou a representar uma peça de Joracy Camargo que assinou grande êxito há uns cinco anos atrás. E vai representar, em seguida, outra das suas grandes vitórias do passado, "O rei do patife", peça de Ladislau Fodor, universalmente famosa. É uma prática nova no nosso meio, onde os artistas intelectualmente desprezam as peças em que conquistaram aplausos, glória e dinheiro, para darem muitas vezes obras que só são novas na aparência. Obras como "Vavá Bonaca", "Dona Ihe naquele", "Amor", "Carlota Joaquina", "Marquesa de Santos", "Dance Alto", "História de Carlitos" e outras, de igual ressonância, não deviam ser aliadas do repertório das companhias que as encenam, mesmo porque o público se renova periodicamente e há sempre espectadores desolados de conhecer as boas obras que, há cinco, dez ou quinze anos, divertiram ou comoveram as nossas platéias... Por falar em teatro, encerraram sua temporada no Ginástico "Os Comediantes", conjunto que tanto tem contribuído para elevar o nível artístico do nosso teatro. Depois do carnaval "Os Comediantes" estrearam em São Paulo com a peça "Desejo", de Eugene O'Neill. Mais uma notícia teatral: o excelente ator cômico Afonso Stuart pretende se desligar da companhia de Eva e ingressar num elenco de revista, afim de variar de gênero e melhorar de finanças, pois está ganhando relativamente pouco em face das despesas de roupas com que vem arcando nos últimos tempos. Será uma perda sensível para a comédia e, especialmente, para a companhia de que tem sido um dos principais estelos. Morreu o velho jornalista Francisco Guimarães, mais conhecido pelo nome de "Vagalume", com que firmava suas crônicas carnavalescas. "Vagalume" deve ter tido um grande desgosto, — o de sentir que a morte viera buscá-lo quando já começava a rascar a culeira e se avizinhava o carnaval de 1947... O ex-ditador Getúlio Vargas, a quem devemos quase todas as aflições da hora presente, falou num câmbio em que atacou todos os partidos políticos e endossou o P.T.B., que reúne a fina flor do "queremismo"... E foi particularmente severo com o P.T.N., que chamou de "partido Sloper"... Logo depois, o ex-ditador se arrependia e engulia as suas próprias palavras. O cancelamento do registro da candidatura de Hugo Borghi ao governo de São Paulo, pelo Tribunal Eleitoral, não lhe deixou outra alternativa, a não ser a de se fazer registrar através do "partido Sloper", muito bom, aliás, para um candidato também Sloper... E por aqui ficamos nós, às vésperas do pleito que decidirá para que lado marchará a política do Distrito Federal e a do resto do Brasil...

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA PARTE

VOTOS DE BOAS-FESTAS E BOAS-ENTRADAS

REVISTA DA SEMANA apresenta seus agradecimentos a todos quantos gentilmente lhe enviaram cartões e telegramas.

* * *

Recebemos votos de boas-festas e boas-entradas, — aos quais somos sumamente desvanecidos, — das seguintes firma e pessoas:

Banco Português do Brasil S.A.; Cia. Química Rhodia Brasileira; Dr. Godofredo Matos; Dorival Hipólito Ferreira Pena; S.A. Mercantil Anglo-Brasileira; Shell-Mex Brazil Limited; Cia. T. Janér; Almeida Rabello & Cia.; Sul América Capitalização; J. Walter Thompson Company do Brasil; Banco da Barra do Pirai S.A.; J. C. Eno (Brasil) Ltd.; Scott & Bowne, Inc. Of Brazil; Linotipo do Brasil S.A.; McCann-Erickson Corporation of Brazil; Colonial Fabrica de Artefatos de Madeira Ltda.; British News Service; Artega Ltda.; Polícia Militar do Distrito Federal; Tintas Supercor Ltda.; Sociedade de B. e S. M. dos Auxillares da Imprensa; Consulado Real da Suécia; Klabin Irmãos & Cia.; Record Propaganda Ltda.; Empresa de Propaganda Poyares Ltda.; Guarda-Móveis Gato Preto; Casa dos Artistas; Tintas do Brasil Ltda.; C.R. Vasco da Gama; Cottomar Ltda.; Murray, Simonsen & Co. Ltda.; Estevam Carraro (Livraria e Tipografia Modelo A Voz da Serra); Mozart da Gama; Associação Atlética Banco do Brasil; Antonini & Cia. Ltda.; Empresa Gráfica Ouvidor S.A.; Albino Mesquita & Cia.; Banco do Comércio S.A.; Cia. Metropolitana de Papéis; Chimica "Bayer" Ltda.; Empresa de Transportes Campos; Keller Weber S. A.; Companhia Brasileira de Eletricidade; Publicidade da Light; Usina de Ácidos Brasile; Sr. Frederico Lage; Casa Bruno (Casa Bruno, Mandarino — Papéis e Artes Gráficas Ltda.); George G. Cobean; M. Gonçalves & Cia. Ltda.; Bulkley, Duntun Paper Co., S. A.; Agência Zambardino; Universidade do Brasil (Diretório Central de Estudantes); Companhia de Seguros Minas-Brasil; Estados Unidos — Companhia de Seguros; Empresa Folha da Manhã S.A.; Aviação Aérea Brasil S.A.; F. Perminio das Neves; Cia. Importadora Sueca Ltda.; Avio Brasil; Lucia Delor e Delorges Caminha; PRE-3 Rádio Globo S.A.; Cruzada Brasileira Contra a Tuberculose; Clasa Films Mundiales; Santa Teresa Piscina Clube; Santiago & Kirtchenko; Jean Désy — Embaixador do Canadá; Companhia Paulista de Papéis e Artes Gráficas; General Electric; Companhia Lanston do Brasil, S.A.; João Alves de Melo; Esperanto-Grupo de Bahia; Pan American World Airways; Tecnigráfica S.A.; E. H. Wolff; Martha Sieran; Octavio Sagebin; "Agência Literária Dona Carlota"; "Publicidad" Capurro & Co.; Lauro Jorge de Oliveira; Agência Telegráfica da União Soviética (TASS); Cappuccini & Cia.; Edouard Legris; Duprat & Cia. Ltda.; Secretaria Geral do Ministério da Guerra; "União das Operárias de Jesus"; Adolpho Magalhães & Cia. Ltda.; Mara Rúbia; Centro Carloca; Caixa Beneficente do Sanatório "Almorés"; A. Cardador & Cia. Ltda.; Atílio Riccio; Bureau do Contribuinte S.A.; A. Assis Bilezikjian; Confeitaria Colombo (França & Cia. Ltda.); Companhia Nacional de Navegação Costeira; Produtos Químicos Cirdrolabor Ltda.; Departamento de Turismo e Publicidade da E.F.C.B.; Norberto Paiva Magalhães; Arco Artusi; Francisco Cinelli (Casa das Máquinas); "A Torre Eiffel Confeccões Ltda."; Banco do Comércio S. A.; Sociedade Relojoeira Ltda.; Comércio e Indústria Induco S.A.; Wandyk, Van Liende & Co., de Amsterdão, Holanda; Cia. Química Rhodia Brasileira.

O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO
OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO
JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



Em cima : a fachada do Teatro Astral, em Buenos Aires, anunciando "Chuva", com Dulcinea de Moraes. O público afluí em massa, por ocasião de uma das vespertais da famosa peça. O êxito de Dulcinea honra o teatro nacional, nessa mesma casa ilustre em que, há sete anos atrás, Ernesto Vilches representou "Disraeli" (Um Judeu). Em baixo, Dulcinea, entre colegas argentinos, na Casa del Teatro, quando era saudada pelo primeiro ator Enrique Serrano. Presente, também, o diplomata brasileiro e antigo jornalista Diniz Junior. Na página à direita, Dulcinea, a nossa primeira atriz dramática, na interpretação de Saddle Thompson, em "Chuva", em Buenos Aires.

AS TRÊS BATALHAS QUE DULCINA VENCEU EM BUENOS AIRES

Por ODILON AZEVEDO

Especial para REVISTA DA SEMANA



A O partir do Rio para Buenos Aires, Odilon Azevedo aceitou a incumbência de escrever algumas crônicas para a REVISTA DA SEMANA. A primeira dessas correspondências foi publicada há algumas semanas em nossa página de honra. Hoje Odilon Azevedo nos fala do triunfo alcançado por sua ilustre colaboradora Dulcinea de Moraes no teatro argentino, atuando num elenco de língua espanhola, com o qual tem representado a peça "Chuva", de John Colton e Clemence Randolph, "d'après" Somerset Maugham, no Teatro Astral, uma das casas mais importantes, pela sua capacidade e pelas suas tradições, na capital portenha. Antes de publicarmos a crônica de Odilon Azevedo, queremos antecipar, aqui, algumas informações que os "fans" de Dulcinea certamente gostarão de saber.

A primeira dessas informações é referente ao êxito da própria peça "Chuva". Firmado o contrato com o Astral, inicialmente, para sessenta dias, foi tão sensível o êxito que a empresa Gallo e Rainieri o prorrogou, de modo que a famosa peça em que Dulcinea tão bem criou a figura de Saddle Thompson permanecerá no cartaz até o dia 25 de fevereiro próximo vindouro. A segunda notícia é a que a mesma empresa resolveu convidar Dulcinea para, em seguida, apresentar "Chuva" em Montevideu, no Chile e nas repúblicas do Pacífico, encerrando a sua excursão na capital do México. A terceira é a de que Dulcinea foi surpreendida com um convite para representar em Madrid e dirigir um elenco de língua espanhola, o que é provável que não aceite ao menos por enquanto, visto ter planos de atividade também traçados para o Brasil, onde os seus admiradores, embara acompanhando com satisfação os triunfos que tem alcançado no estrangeiro, anseiam por vê-la de volta e para aqui de novo aplaudi-la em novas criações dramáticas.





Dulcina, em três estudos fotográficos novos, tirados em Buenos Aires, um deles no papel de Sadies Thompson, que lhe valeu grande popularidade no Rio e em São Paulo e que, agora, o público de Buenos Aires também está aplaudindo entusiasticamente. Dulcina irá levar a Montevideu, Santiago, Lima, México e outras cidades a sua maior criação dramática, — criação que projetou o seu nome fora das nossas fronteiras e deu-lhes o prestígio de primeira atriz em língua espanhola.



BUENOS AIRES, Janeiro. — Enfrentando-se com grandes figuras da cena mundial, cujos nomes brilhavam nas marquises dos lindos teatros da "calle" Corrientes, entre os quais sobressaíam Ben Ami, o célebre ator israelita, interpretando "Beethoven" no Teatro Smart, Miguel de Molina, o afamado bailarino e "cantor" andaluz, também mundialmente conhecido, atuando no Teatro Premier, Luis Sagi-Vela, celebridade espanhola, com suas zarzuelas no "Comico", os astros castelhanos Josefina Dias-Manuel Collado no Teatro Polytheama, Delia Garcés e Esteban Serrador, grandes nomes do teatro e cinema argentino autando no "Odeon", Dulcina chegou, viu e venceu.

Acompanhei de perto, em todos os seus pormenores, a extraordinária façanha que Dulcina realizou e que terminou vitoriosamente no dia 22 de novembro, na memorável noite de sua estréia no Teatro Astral, noite de arte que empolgou Buenos Aires e cujo sucesso verdadeiramente sensacional é do conhecimento de todos, no Brasil.

Sim, porque foi realmente uma façanha. Representar em um idioma estrangeiro, dirigir um espetáculo dramático em um país estrangeiro não terá essa característica de façanha, se um ator ou uma atriz se acham radicados nesse país, o, assim, já relacionados, ainda que seja por espaço de meses, não se lhes apresenta um ambiente estranho, desconhecido.

Esse não foi o caso de Dulcina. Contratada pela Empresa Gallo e Raineri, do Teatro Astral, de Buenos Aires, para interpretar e dirigir uma temporada dramática, em castelhano, nesse teatro, Dulcina só estava familiarizada, quando chegou a Buenos Aires, um mês antes de sua estréia com uma coisa: a obra que ia interpretar e dirigir — embora em idioma estrangeiro — "Chuva", que havia representado três meses e tanto no Rio e quatro meses em São Paulo. O mais, tudo lhe era desconhecido: elenco, teatro, público, críticos e todo o ambiente teatral, dentro do qual ia mover-se, como intérprete e diretora.

E Dulcina teve, diante de si, três batalhas a vencer. A primeira batalha, principalmente como diretora: junto ao elenco, ao qual desconhecida, teria que impor-se; a segunda, como intérprete e diretora: a crítica; a terceira, principalmente como intérprete: o público.

E Dulcina venceu galhardamente as três batalhas. Imediatamente depois de haverem começado os ensaios, os artistas, contratados para interpretar "Chuva", se convenceram de ter diante de si um diretor com invulgar cultura e invulgares conhecimentos de teatro. E Dulcina dominou de pronto o ambiente, conquistando a todos os seus colegas com o seu valor e a sua simpatia pessoal. Um de seus dirigidos era Santiago Arrieta, ator experimentado e consagrado, que, durante muitos anos, possuiu e dirigiu sua própria companhia. Houve, entre Dulcina e o simpático conjunto, um perfeito entrosamento e harmonia. Quanto aos críticos e cronistas teatrais, cheios de curiosidade, não esperaram a estréia para ver Dulcina e o espetáculo que ia apresentar. Durante os ensaios de "Chuva" havia sempre um, dois, e às vezes três, sentados na platéia do "Astral", assistindo Dulcina ensaiar. "Está aí assistindo o ensaio o crítico de tal ou tal diário", vinham me dizer. Entravam calmamente, permaneciam sentados na platéia meia, uma hora, e se iam. Até que no ensaio geral, na véspera da estréia de "Chuva" estavam todos ou quase todos os críticos. Firmes, até as três da madrugada, hora em que acabou o ensaio. Mas não só havia críticos. Havia muita gente de teatro, inclusive vários diretores de grande fama. E aconteceu uma coisa notável e difícil de se presenciar em Buenos Aires, conforme me disseram: não só os finais de ato, mas também cenas da peça foram aplaudidas durante o ensaio geral.

E, no dia seguinte ao da estréia — para a qual havia um ambiente do que pode haver de mais cordial e simpático por parte dos argentinos — Dulcina havia

(Conclui na pág. 58)



Detalhe da caracterização de Dulcina em Saddle Thompson, a figura que W. Somerset Maugham criou num conto magistral, dramatizado com grande habilidade por John Colton e Clemence Randolph.



Conto de DENISE DE OLIVEIRA GONÇALVES
Ilustração de ORLANDO MATTOS

LA vinha Maria Eugênia descendo a rua. O barulho da criançada era infernal. As pequenitas coradas e alegres tagarelavam, riam, atropelavam-se umas às outras. Todo mundo sabia que o catecismo tinha terminado e a gentil professorinha desceu a rua principal da cidade no meio dos garrulos pequenos.

Fazia sol nesse dia. Sol gostoso de primavera. O céu brilhava azulado. Dava gosto encostar os cotovelos no parapeito quentinho da janela. Para quem não tem nada que fazer uma janela é sempre um consolo. Principalmente numa rua do interior quase deserta. Aqui só passa caminhão que segue viagem. Japonês tintureiro de bicicleta. Cachorro vagabundo. Só.

Maria Eugênia passa com a tropinha. Cumprimenta com aquele seu jeito peculiar que se ouve lá do Largo da Matriz. Responde. Meus olhos vão atrás do vestido azul que ela veste. Vestido feio e antigo. Tolo. Mangas compridas. Saia comprida. Liso. Esticado. Sem enfeites. Monótono.

Maria Eugênia anda sempre assim. Se andasse doutra maneira seria das mais lindas moças daqui. Tem cabelos negros puxados em duas tranças grossas. Seus gestos são suaves, seus olhos brilham e seus dentes são perfeitos. Verdade que é magra. Mas magreza anda agora na moda.

As vezes fico pensando... será que Maria Eugênia gosta dessa vida da casa para a igreja, da igreja para casa? É filha única. O pai toca órgão na igreja; a mãe toca violino; ela toca piano.

A vida para os três é um terceto. Maria Eugênia é uma figura. Nada mais. Não tem pretensões. Não tem personalidade. Sabe dar conta das crianças. Sai em todas as procissões. Arrecada esmolas todos os domingos, todos os dias. Sempre.

Quando correu a notícia que haviam descoberto minérios naquele rincão longínquo, a cidade inteira se movimentou. O assunto de todas as conversas era sempre o mesmo. Dizia-se que vinha muita gente da capital. O dono dos terrenos favorecidos pela natureza era um jovem muito rico que assim ainda mais ia aumentar a sua fortuna. As moças ficaram assanhadas quando viram o dono das minas. Bonitão, solteiro, moço e rico. Além disso, rapaz trabalhador e sério.

Maria Eugênia um dia foi pedir esmola para a igreja. Seus olhos negros abriram-se muito. Nunca fora tratada tão bem por um rapaz. E logo quem! O centro de todas as especulações casamenteiras do lugar! E como era guapo e bem-pósto!

(Continua na pág. 50)

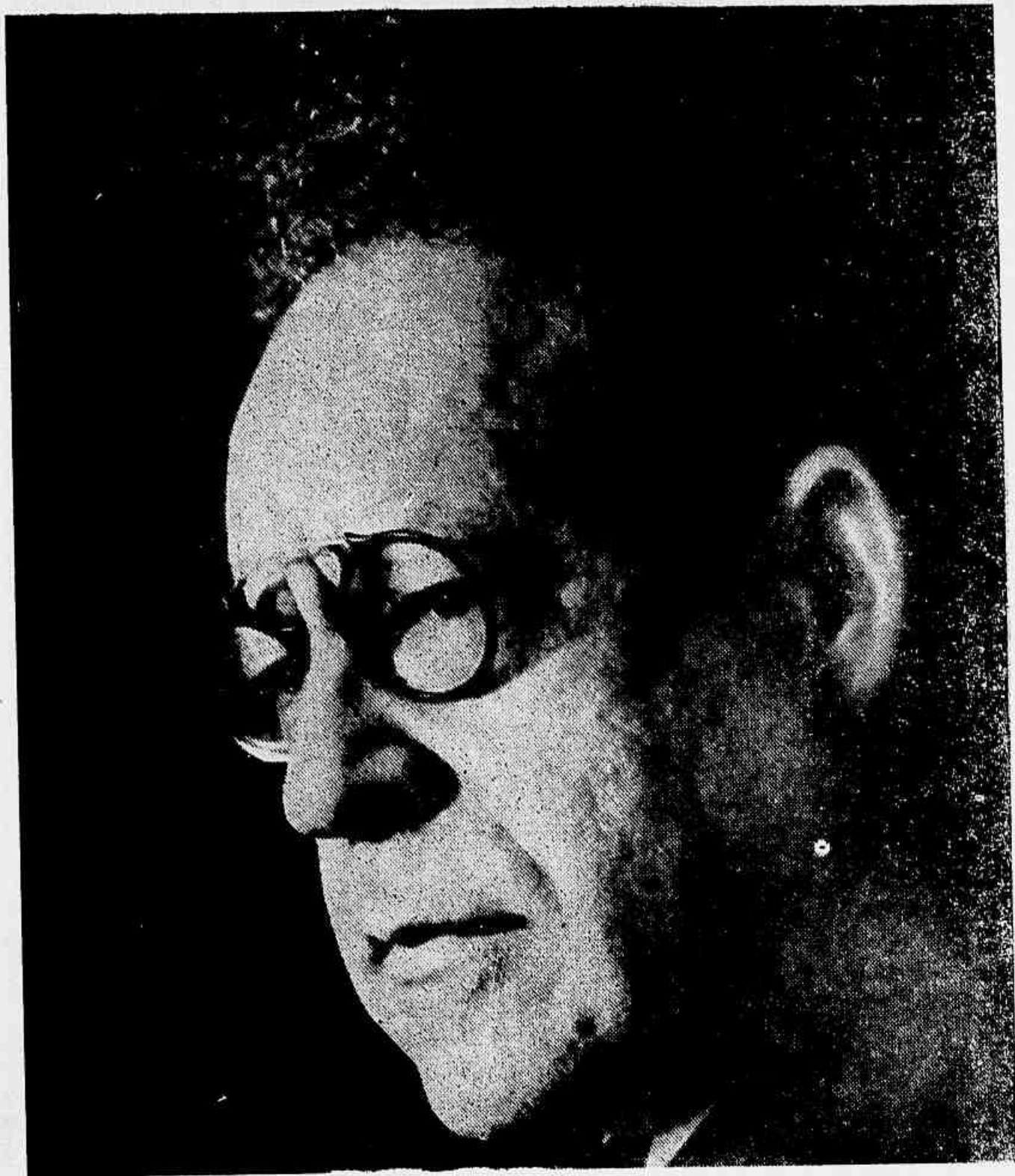
Premiado no Concurso Permanente da REVISTA DA SEMANA



Musica
de
IGREJA



O Sr. João Mangabeira foi o primeiro a ter sua candidatura lançada, pela Esquerda Democrática, que se antecipou a todos os outros partidos, na escolha dos seus candidatos. Antigo deputado federal, disse que a E. D. será um partido de oposição, se é que os outros não querem aceitar esse papel.



O Sr. Heitor Beltrão, como um dos elementos de relevo da União Democrática Nacional, prestou grandes serviços à campanha do brigadeiro Eduardo Gomes e à redemocratização do país. É um dos subleites de deputado federal da U.D.N. e tem uma grande folha de serviços como jornalista a serviço da democracia.

TIVERAM grande repercussão as nossas reportagens anteriores, focalizando as candidaturas e os candidatos ao pleito de 19 de janeiro, ambas de autoria do nosso companheiro Marcelo Torres, que tñmbrou em ser imparcial e em tratar com a mesma isenção de ânimo personalidades de todos os partidos políticos. Como complemento dessas reportagens, faltava, entretanto, uma página a propósito das candidaturas à vaga de senador pelo Distrito Federal. São quatro os políticos que concorrem à terceira senatória, representando cada um deles uma corrente partidária bem caracterizada, do ponto de vista doutrinário. A primeira candidatura a ser lançada foi a do Sr. João Mangabeira, candidato da Esquerda Democrática, sob a legenda "Socialismo e liberdade". Presidente desse

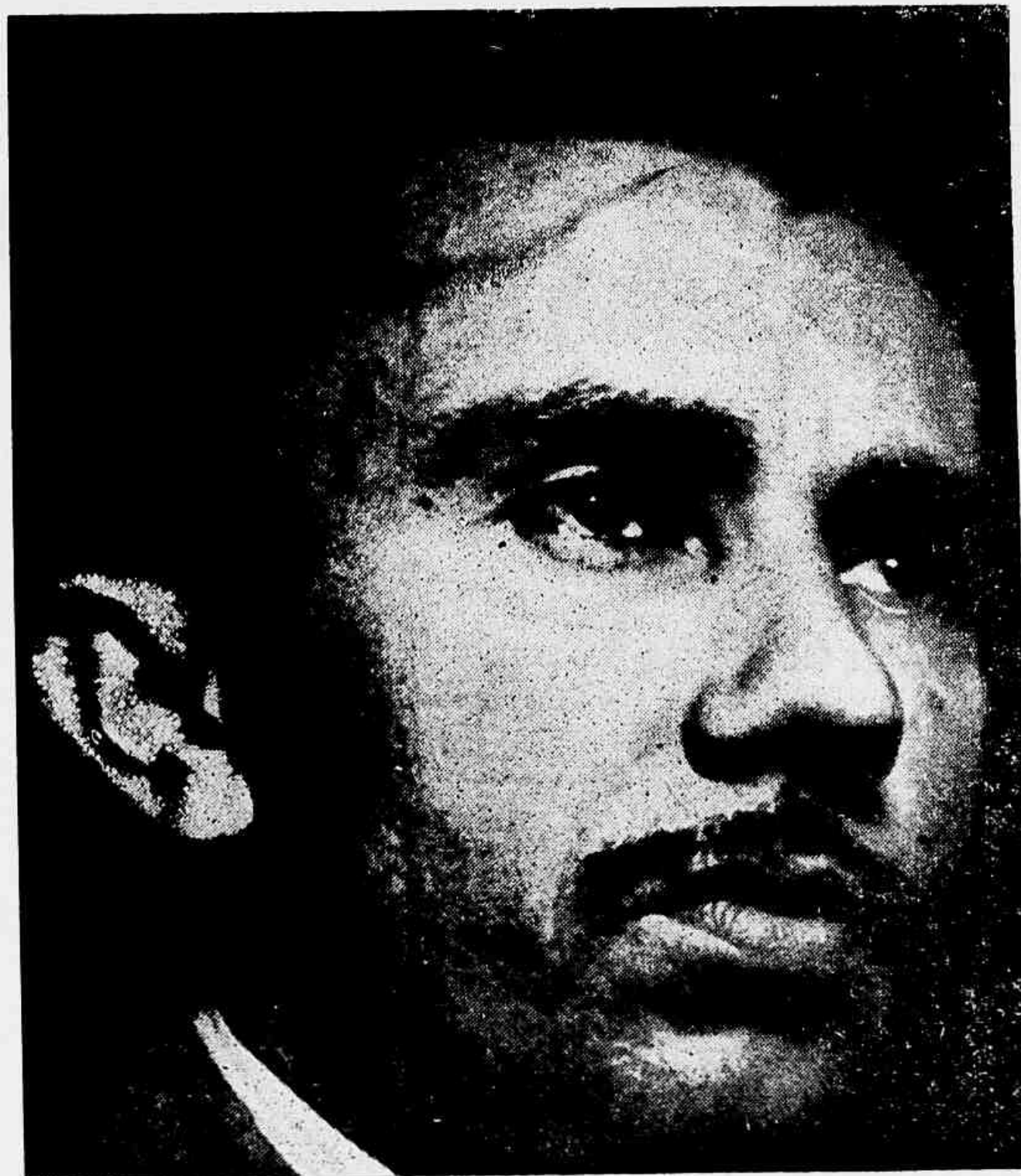
O TERCEIRO SENADOR

Quatro candidatos em disputa de uma vaga

partido, o Senhor João Mangabeira é um antigo deputado federal e foi constituinte em 1934. Depois, vieram as outras candidaturas. A do Sr. João Amazonas, deputado comunista e constituinte de 1946; do Sr. Heitor Beltrão, figura de grande relevo da U.D.N.; e do Sr. Mário de Andrade Ramos, da coligação de partidos chamada Aliança Democrática Trabalhista. O Sr. Mário de Andrade Ramos também foi Constituinte de 1934 e deputado federal. Um desses quatro candidatos será o novo senador pelo Distrito Federal, já representado na Câmara Alta por duas figuras que estão em polos opostos, — os senadores Luis Carlos Prestes, comunista, e o senador Hamilton Nogueira, católico e democrata, da bancada da oposição.

O Sr. Mário de Andrade Ramos foi candidato a senador pelo Partido Republicano, no pleito de 2 de dezembro de 1945. Teve uma votação expressiva, embora não fosse eleito. Volta, agora, a ser candidato, por uma coligação de sete partidos. É católico e conservador.

O Sr. João Amazonas, atual deputado pelo Partido Comunista, constituinte de 1946, é candidato da extrema esquerda à terceira senatória. No Congresso, a atuação do Sr. João Amazonas não se tem destacado de maneira particular. Se ele for eleito, tomará posse, na Câmara, o Sr. Trifino Correia.



O VISCONDE DE JEQUITINHONHA

ESCRAGNOLE DORIA

QUÃO original, sobretudo na vida parlamentar do Império, foi a figura de Francisco Gê Acayaba de Montesuma.

Original desde cedo. Propuzera-se o pai a fazer dele um frade franciscano. Não tendo reparado bem o pai quanto o filho era pouco seráfico ao noviciado bastaram seis meses de convento.

O egresso passou a extremo, de índole fogosa quis aistar-se soldado de artilharia. Não lhe consentiu a autoridade paterna ressentida. Dedidou-se então o adolescente Francisco Gomes Brandão Montesuma a estudos médico-cirúrgicos, desamparados a cabo de três anos. Iniciou novos estudos, desta vez fora da pátria, na Universidade de Coimbra onde se sagrou em leis, deixando fama de talentoso e endiabrado, até adepo de sociedade secreta, a dos Jardineiros, as sociedades do gênero trazendo à mente a suposição de sombra e mistério. Os jovens Jardineiros coimbrões deviam cultivar frutos proibidos.

Em 1821 o recém-formato Montesuma chegava à Bahia toda em movimento da Independência. Deda o advogado Montesuma esposou a causa, com ardor tal que na afirmação de brasilidade rejeitou os apelidos de Gomes Brandão, a seu vêr por demais lusitanos, adotando em troca os apelidos de Gê e Acayaba, Gê nome de tribo selvícola, Acayaba nome de árvore.

Na Constituinte de 1823 achou-se Montesuma representante da Bahia. Não tardou em ser o que seria vida inteira, orador, fluente, audaz e cáustico sublinhado até pelo riso sandônico.

Dissolvida a Constituinte, o deputado Montesuma foi deportado para a Europa. Tinha de aceitar viagem e chegada ao Velho Mundo empreendeu visitas a vários países dele, o que supõe certa falta de recursos.

Em 1831 embarcou Montesuma para o Brasil. Seja notado o dia do embarque: Sete de abril, cruzando-se Montesuma, o deportado, com D. Pedro o exilado, o cruzamento no meio do mar.

Montesuma partira do Rio de Janeiro no Primeiro Reinado nele desembarcava no Segundo Reinado sob a tutela da Regência instituída parlamentarmente sem perca de minuto após a Abdicação para resguardo do Império.

"Desde os últimos dias do Primeiro Reinado — disse Justiniano José da Rocha — a República se apresentava francamente sob o vênus da federação".

Segundo o publicista, no após Abdicação a opinião pública dizia aos partidários da república: Não nos ocupemos do passado senão para evitar a sua reprodução, no trono está um príncipe nascido no Brasil, que há de como nós amar a sua pátria e a sua gente.

Advertia a opinião pública de 1838, reproduzindo pensamento e palavras da época dirigidas "aos famintos da república":

"Para que precipitações? O trono é um berço, temos pois todo tempo de preparar o país para esse governo republicano, tanto nos nobres, tanto mais excelentes quanto assenta em ilustração e virtudes que o povo brasileiro irá adquirindo nos longos dias da minoridade".

Cansado de lutas civis durante a Regência, em 1840, o Brasil deu aplauso à continuação da ilustração e das virtudes o preparando para o regime republicano, julgando que aquele tirocinio podia ser feito no Segundo Reinado.

Na Regência entendeu Feijó chamar Montesuma, seu antigo adversário, a Ministro dos Estrangeiros.

Todo ministro da pasta não escapa ao exame e à crítica daqueles com os quais é forçado a tratar, os representantes de nações alheias habituados a observar para informar.

Em 1837, o encarregado de negócios de França, o Sr. La Rozière dizia ao seu governo acerca de Montesuma: "E" um ministro dos Estrangeiros tratável, conhecendo bem sofrivelmente francês e inglês, inteligente, mas se esforçando por parecer ainda mais do que é".

A informação de La Rozière data de 1837, descobrimos-la em 1911, na própria fonte, a do "Quai d'Orsay", sede da chancelaria francesa.

As informações são religiosas, cumpre deixar passar bastante tempo para que possam vir à flôr da publicidade. Subiu-lhe à tona quarenta anos após a morte de Montesuma em 1870.

Tirasse o retratado conhecimento ou próximo da informação... Não seria de rosas para La Rozière a réplica do "tratável".

No Segundo Reinado obteve Montesuma posições elevadas e fixas, as de Senador do Império e conselheiro de Estado. Posições realmente invejáveis, a senatoria por vitalícia de direito, a do Conselho de Estado vitalícia de fato. Montesuma nunca presidente de província, coisa que não acontecia no Império a político em evidência.

Diogo Feijó em cuja regência do Império, o visconde de Jequitinhonha foi ministro pela primeira vez.

No antigo regime muito se disse de Montesuma, bem e mal, ele ferido com o ferro com que ferira, increpando-se-lhe reviravoltas de opinião, em geral corriqueiras na política, a trocar o sim pelo não e vice-versa.

Nabuco declarou Montesuma "quase sempre liberal". Machado de Assis, profundamente apolítico, aludiu "às infidelidades" de Montesuma, infidelidades por versatilidades.

Diria também o escritor do seu espanto ao vêr entrar no "Velho Senado", vindo da Europa, "um homem alto, suíças e bigodes brancos e compridos". Era Montesuma. O espanto de Machado de Assis provinha de ter-lhe ficado nos olhos uma litografia de Sisson apresentando Montesuma de cara rapada.

O constituinte de 1823 morreu visconde de Jequitinhonha. Na quadra da Independência quis D. Pedro I torná-lo barão da Cachoeira, a vila baiana de tal nome um dos redutos do movimento libertador do domínio português.

Montesuma não aceitou o baronato, alegando entre outras razões, "a de não pertencer a família rica e prestigiosa na Bahia".

Concedeu-lhe então D. Pedro I a dignidade da recém-criada ordem do Cruzeiro. Recebeu-a Montesuma com satisfação.

No extinto Museu Histórico do Arquivo Nacional figurou uma mesa do mobiliário leilado após a morte de Montesuma. Era uma mesa de jogo, volante, bem ornada sobretudo na parte superior marchetada de madrepérola, gravada na peça a reprodução da dignidade do Cruzeiro.

Aquisimos a mesa para as coleções do Museu Histórico do Arquivo. O objeto pertencia então a um senhor Aguiar,

que o herdara de pai que lhe referira ter visto muitas vezes Montesuma e amigos dele em torno à mesa, jogando por passatempo.

Inimigos teve muitos Montesuma. Amigos certos teve alguns, isto tudo acontece a todos de qualquer época. Amigos certos foram reciprocamente Montesuma e Carvalho Moreira, ao depois barão de Penedo.

Nada pinta tão bem um homem notável como a sua correspondência momentaneamente íntima. Na seguinte carta dirigida a Carvalho Moreira, talvez queixoso de retardamento de correspondência por parte de Montesuma, este não deixa de retratar-se, ao que nos parece.

"Meu caro Sr. Dr. — Que eu sei apreciar a amizade que lhe devo, que eu sei ser-lhe grato e dar toda o apreço às nobres e excelentes qualidades que o ornão, creio que sobre tal assumpto não pôde subsistir a menor suspeita.

Pôde ser que em uma ou outra ocasião não sejam por mim bem compreendidas as formulas que servem de arrebitamento à amizade, que quando defeituosa cuida de encobrir, à imitação de atriz de theatro, os senões que a desfigurão.

Assim pôde ser que eu falte a uma resposta inútil a um cumprimento vão, e a felicitação está dada pelos antecedentes sinceros da minha dedicação.

Apezar de melindroso pelo que concerne as relações sociais, enquanto às de amizade dou carta branca ao meu amigo para se queixar de mim, salvo quando as circunstâncias do caso, o nome, o interesse, a honra, a glória do amigo exigirem publicas e solenes demonstrações.

Então ousado, activo e franco, não me contento em dizer e praticar o que sinto, o que tenho por bons e útil, desejo adivinhar os pensamentos daquelle a quem o caso interessa.

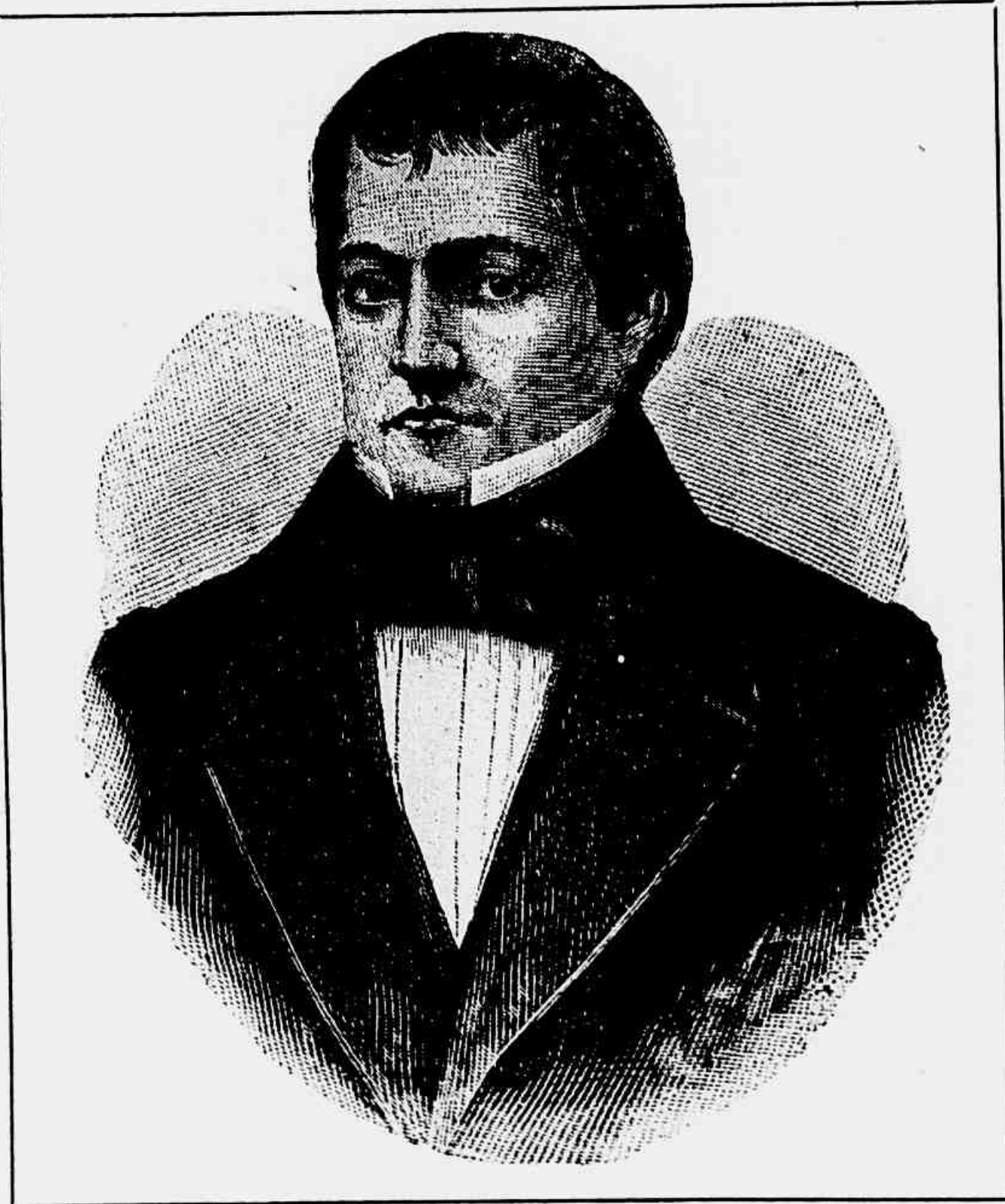
Com 60 annos feitos em 23 de Março passado, sinto a vida fugir-me, mas ainda energia sufficiente para empregar-me no serviço de V. Exa. sinto e sentirei até a morte.

Da política externa pouco ou nada ha a dizer no momento. Sentimos os efeitos da guerra do Oriente (a da Crimeia), mas em escala muito menor do que se devesse recear attenta a vastidão desta luta de gigantes. Pôde ser que com sua devastação o mal se exacerbe.

Collecado no Conselho de Estado e na Secção de Fazenda, já vê V. Exa. quaes os trabalhos em que me occupo, momentaneamente não tendo dos nossos usos frequente a reunião do Conselho pleno.

A nossa politica interna toda felizmente se dirige para melhoramentos materiaes. Movendo-se sobre esse eixo, sendo essa a sua molla real, alguma coisa se ensaia pouco porem em consequencia dos pequenos recursos financeiros que sobra de uma administração de tempo immemorial inconsiderada, e mais ainda porque V. Exa. sabe é uso usado entre nós sa'tar sempre pelo meio das coisas, primeiro os extremos, ou de nada fazer porque queremos tudo e optimo, ou porque fazemos e empreendemos o que não podemos acabar sem sacrificios enormes.

Affectuoso e obrigadissimo amigo e criado — Montesuma".



ÊLE ERA UM SEDUTOR
AVENTUREIRO E ELA

PAGOU COM
A MESMA
MOEDA!



George BRENT Lucille BALL Vera ZORINA

em "A Mulher
e a Mentira"
("Lover Come Back")



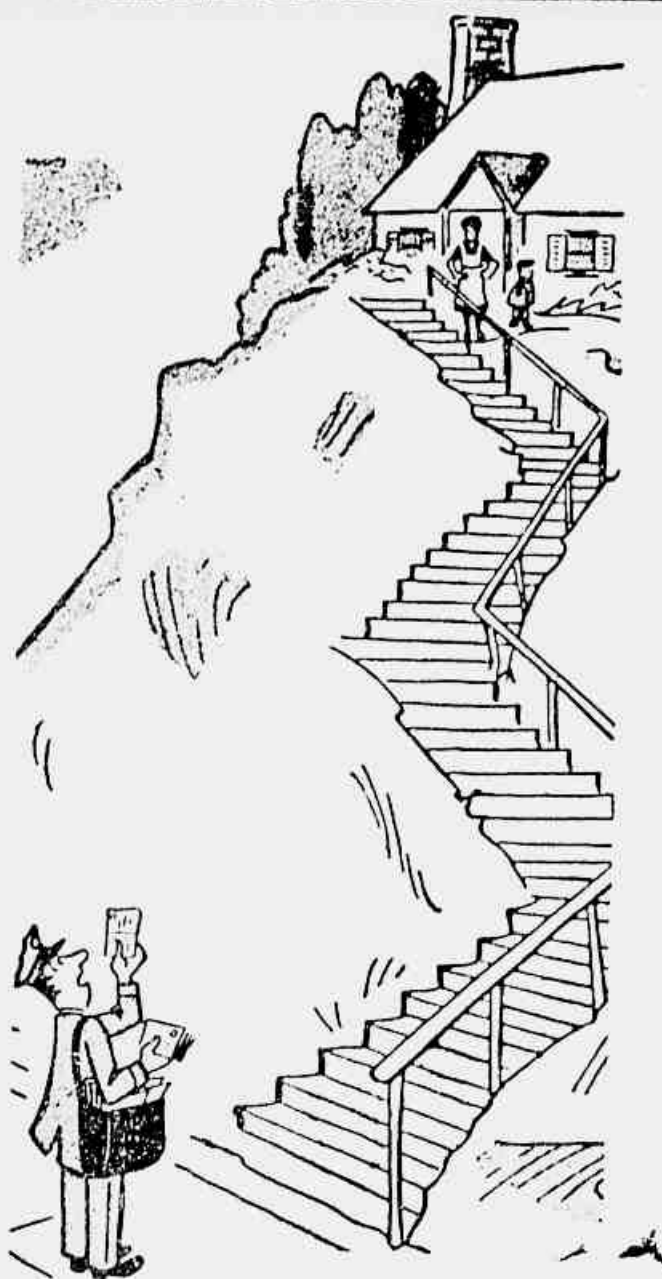
com

CHARLES WINNINGER

CARL ESMOND • RAYMOND WALBURN • ELISABETH RISDON
LOUISE BEAVERS • WALLACE FORD • FRANKLIN PANGBORN

Direção de WILLIAM A. SEITER • Produção de HOWARD BENEDICT





— E' sua tia outra vez. Diz que está indo muito bem nas águas e manda uma grande abraço...



— Passe um pouquinho de mostarda nesse, que eu já quero ir-me embora...

BOM FIM



— E' sua essa árvore que se meteu no meio do caminho?



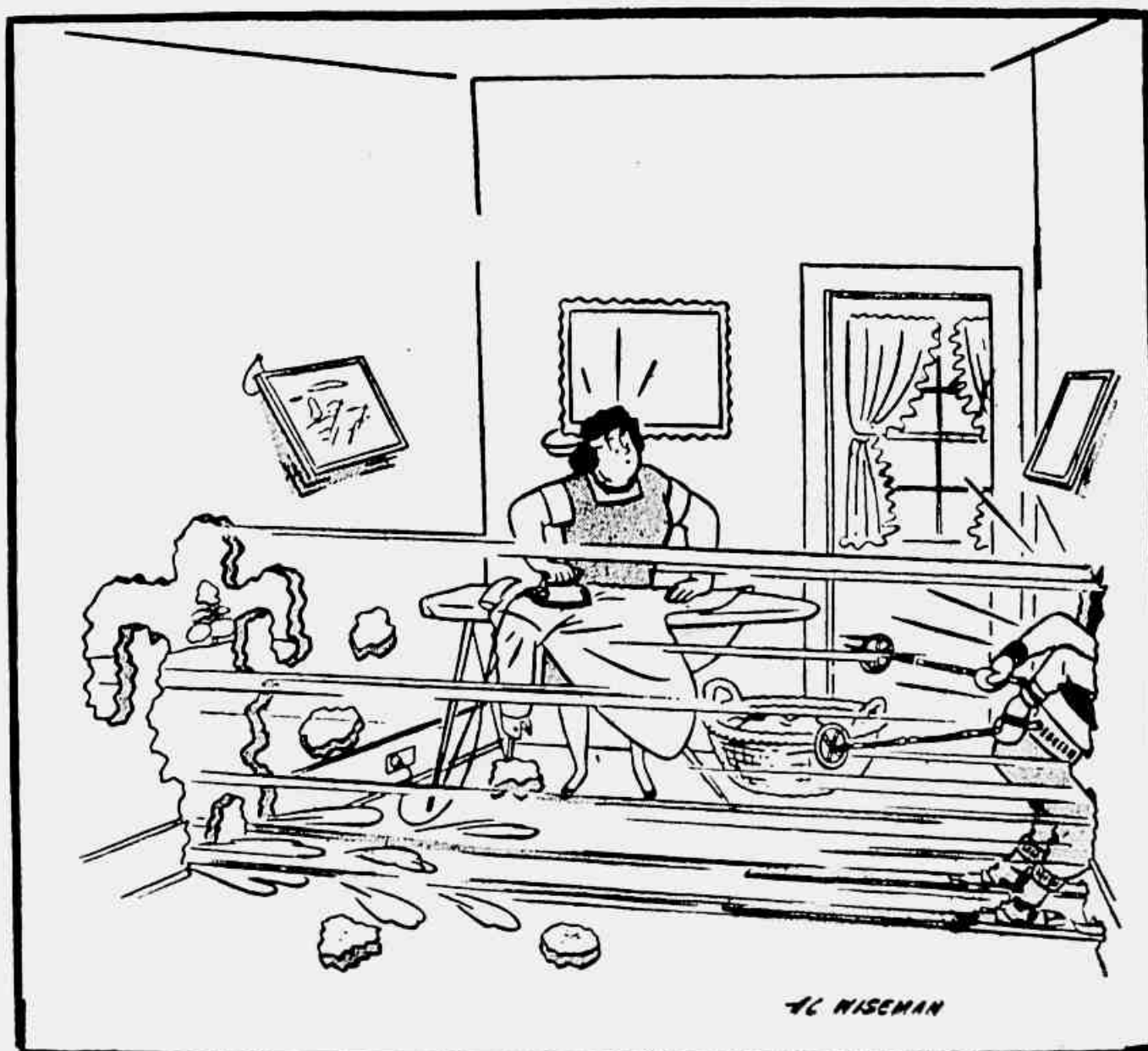
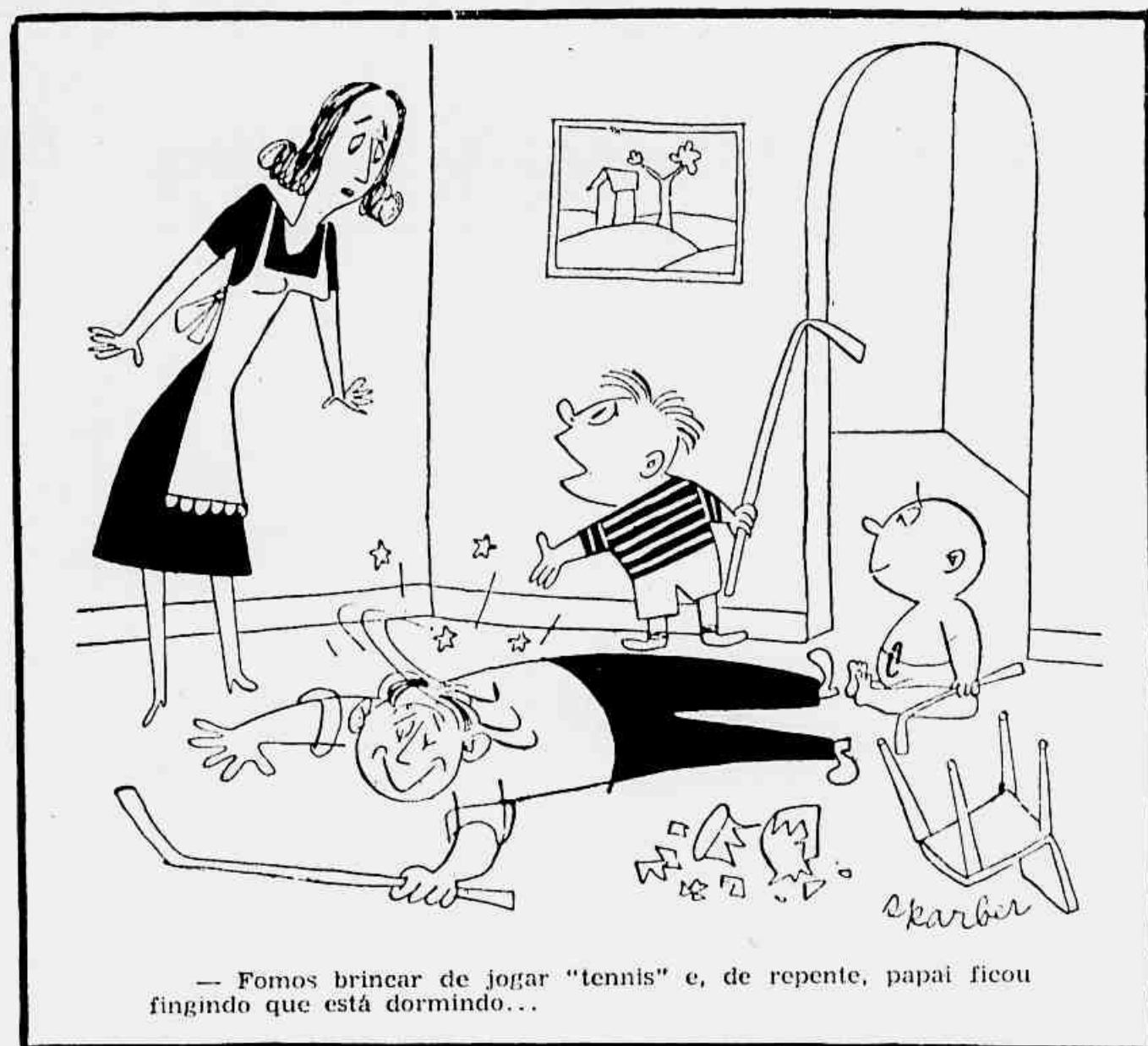
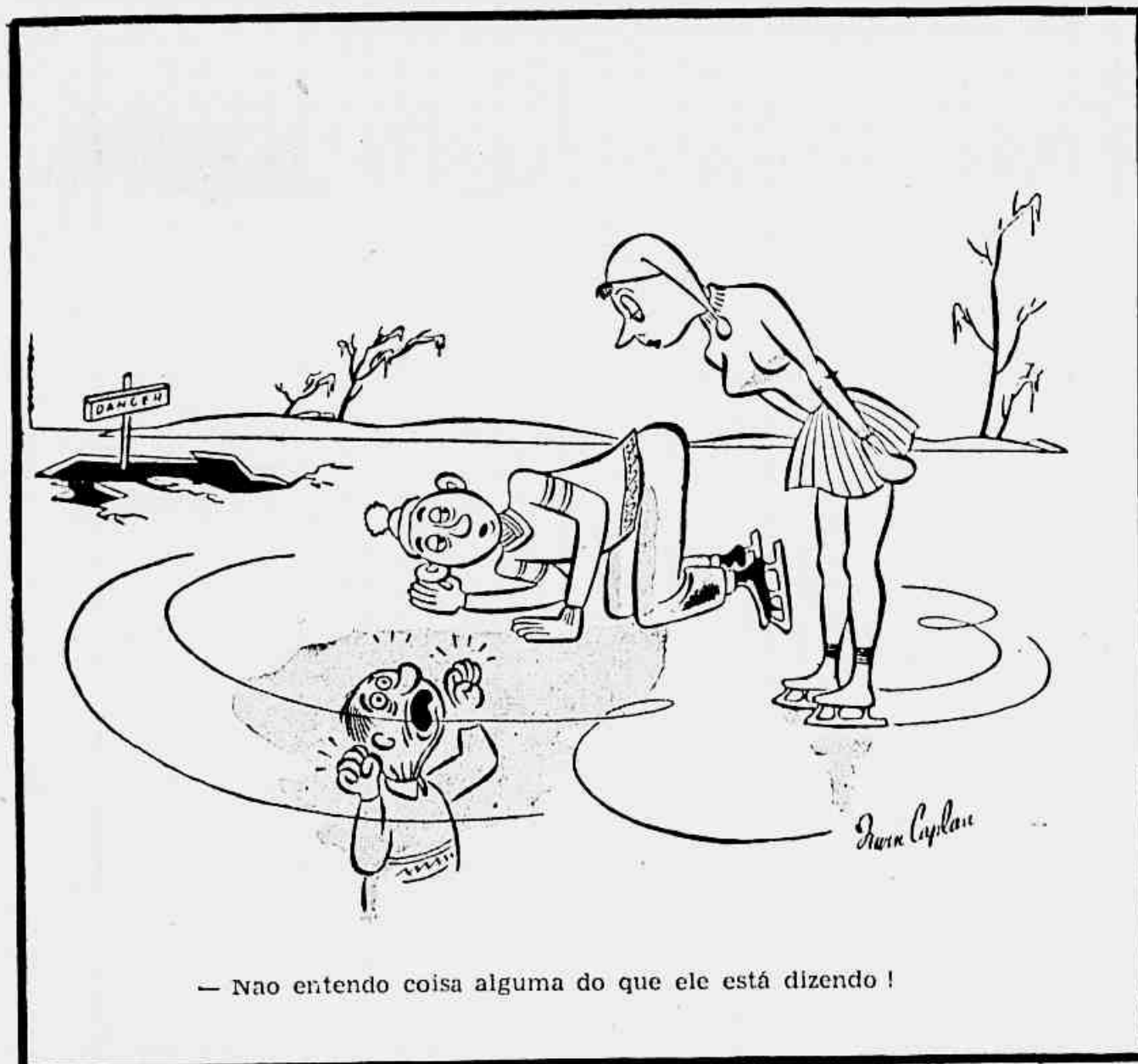
— Vocês também estão fazendo "lucros extraordinários" presente-mente?



— A senhora ao lado manda perguntar se madame vai ou não vai comer o seu pão...



— Ou eles nos viram chegar ou esta casa é mal-assombrada...





Russo do Pandeiro, o brasileiro que acaba de conquistar Hollywood, seguindo nas águas de Carmen Miranda. Empunhando o seu pandeiro, — o "little tan tan" dos americanos, — ele estará nos filmes "Copacabana", de Samuel Goldwyn, e "Road to Rio", da Paramount. Ao lado, Russo do Pandeiro, numa foto americana, autografada para REVISTA DA SEMANA.

RUSO DO PANDEIRO CONQUISTOU HOLLYWOOD

HOLLYWOOD, janeiro — Russo do Pandeiro, esse rapaz simpático, que a princípio aparecia anonimamente, tocando nas orquestras da Urca, e que mais tarde aparecia como solista, despertando vivos aplausos com as exibições de maestria no manejo desse instrumento, está a caminho de ficar rico e famoso nos Estados Unidos. A verdade é que Russo do Pandeiro foi recebido de braços abertos pelo mundo musical norte-americano, quer em Nova York, quer na Califórnia. Personalidades como Tommy Dorsey, o popularíssimo chefe de orquestra, não hesita em chamá-lo de "maestro intérprete da música popular". O

E seu instrumento, esse "little tan tan", como o chamam os norte-americanos, vai ter um lugar nas grandes orquestras — No elenco de "Road to Rio", ao lado de Bing Crosby e de Bob Hope — Já comprou uma bela casa na cidade das estrelas.

Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial da REVISTA DA SEMANA em Hollywood)

pandeiro está começando a ser encarado como um verdadeiro instrumento e terá, decerto, um futuro nas orquestras populares, com uma aplicação mais ampla.

Russo do Pandeiro começou a conquistar os Estados Unidos em Nova York. A fama do seu pandeiro já havia chegado ali através de "girls", de músicos e de

cantores que, tendo passado pelos "shows" dos nossos cassinos, não se esqueciam, no seu regresso, de recomendar o rapaz brasileiro aos agentes de artistas, como um "número de sucesso". Quando, entretanto, diziam que ele tocava pandeiro, a maioria dos agentes e empresários torcia o nariz. Eu mesmo me vi louco para explicar exatamente a um deles o que era um pandeiro. E isto porque uma "girl" que estivera no Rio lhe falara, com entusiasmo, de um "little tan tan". Entretanto, a minha explicação não satisfaz. Nem explicação alguma pode fazer, porque o que é necessário não é que se saiba o que é esse





Em cima: Russo do Pandeiro, num "night club" de Hollywood, ao lado do seu "velho amigo" Orson Welles (o "Gildo") e de Frank Sinatra, popularíssimo cantor e ator de cinema cognominado "The Voice" pela imprensa americana.

"Little tan tan", mas sim que se veja como Russo toca o pandeiro prodigiosamente bem. Russo não apenas toca pandeiro com prodígios de agilidade. Ele também se revela a um só tempo um

malabarista e um dançarino. Nos cassinos do Rio, frequentemente paravam casais de estrangeiros que estavam dançando, para apreciar melhor as "visagens" do Russo do Pandeiro. Mesmo para os

brasileiros, habituados às suas pandeiras, aquilo era um espetáculo interessante.

Tal foi a reclame que fizeram de Russo do Pandeiro, — e um dos mais ardorosos

propagandistas foi Orson Welles, o marido de Rita "Gilda" Hayworth, — que Monte Proser, dono do Copacabana, o já famoso "night club" de Nova York, se animou a oferecer um contrato ao rapaz, uma vez que ele para lá fosse e realizasse uma prova. E que essa prova agradasse, é claro...

Em Nova York, como antes no Rio, Russo do Pandeiro fez vibrarem as multidões que acorriam ao Roxy, — um dos maiores cinemas do mundo, onde se exibiu também, — e ao Copacabana. Nesse "night club" Russo do Pandeiro bateu todos os "records" de permanência no cartaz assinalados por outros artistas anteriormente. Ficou durante nove meses a fio, no "night club" elegantíssimo de Monte Proser, que agora já tem uma filial em Hollywood, na qual Carmen Miranda está profissional e financeiramente interessada.

★

Russo do Pandeiro está agora em Hollywood. Tendo ganho muito dinheiro, — mais, num ano dos Estados Unidos, do que em dez anos no Brasil, — comprou uma casa que não só é linda mas "suficientemente grande para receber todos os brasileiros de Hollywood", como costuma dizer, mostrando o seu apreço pelo Brasil e pelos seus patricios que aqui mourejam. Para os brasileiros que vivem fora do seu país o fim do ano, com as festas de Natal e Ano Bom, é um período de cruciantes saudades. Todos nós ansiamos por estar junto das nossas famílias e dos nossos amigos. Esse ano Russo soube compreender este "feeling" nos-

★

Bob Hope, Bing Crosby e o diretor George Marshall estarão juntos na filmagem de "Road to Rio". E Russo do Pandeiro, com seu "little tan tan", também estará presente.





Aí estão Carmen Miranda, a "star" do filme em technicolor "Copacabana" (com Groucho Marx e outros) e sua irmã Aurora, que tanto sucesso fez em "Você já foi à Bahia?", ladeando Russo do Pandeiro, já muito granfino no seu "smoking" e no seu bigodinho cinematográfico.

tálgico e organizou uma festa tipicamente brasileira em sua casa que foi por momentos um cantinho brasileiro na longínqua Hollywood. Foi neste dia que conversei longamente com Russo, colhendo os elementos para esta reportagem.

— "Seu" Serrano, como está vendo creio que vou ficar por aqui uns tempos... Estou filmando com a Carmen Miranda a película "Copacabana" e tenho tantos convites de trabalho, que não sei qual aceitar.

— Soube que vai estrelar no "night-club" Copacabana daqui de Hollywood, não é?

— Parece que sim, se não já estiver filmando na Paramount, ao lado de Bing Crosby e Bob Hope, no filme "Road to Rio"...

— Onvi dizer que o conjunto "Carlocas Boys", com o Zezinho, Nestor Amaral e outros brasileiros, quer que você tome conta do pandeiro. Confere?...

— Também é verdade. E ontem tivemos uma das nossas tardes gloriosas exibindo o conjunto pela primeira vez diante duma assistência americana. Você estava no ensaio, ontem, no Trocadero?

— Estava, Russo. E realmente foi um triunfo. Estou certo que o "Miranda Room", do novo "night club" Copacabana, não terá mesas vagas enquanto vocês estiverem por lá...

Notára, desde que entrara na grande sala de visitas da "Russo's Home", dois troféus perto da lareira, tipicamente ca-

liforniana: uma grande estátua em ouro, e dois pergaminhos enquadados em legítimo "redwood". Não pude conter a minha curiosidade e perguntei ao anfitrião o que significavam.

A estátua-troféu me foi conferida num Baile em que vários artistas exibiram as suas qualidades e eu fui considerado, bem..., o melhor, e os pergaminhos pelo governo e Exército americano por ter

feito várias exibições para os enfermos e inválidos de guerra. E me abraçando, concluiu à Brasileira, esqueça agora as notas para a reportagem e se divirta aqui com a "Colônia"...



Russo do Pandeiro não toca, apenas. É igualmente um malabarista e um dançarino. Não admira que ele tenha assombrado os norte-americanos e já seja dono de uma bela casa em Hollywood. Só num ano de Estados Unidos ganhou mais do que em dez no Brasil!

Conto de LAUSIMAR LAUS GOMES * Ilustração de ORLANDO MATTOS

JOAQUIM desceu do cavalo, amarrou-o na golabeira, do lado da venda do Zé Antonio, olhou para o sul e viu que aquelas bandas estavam carregadas. Na certa, chuva vinha aí como cabelo de sapo. Coçou o queixo e antes de dar os dez passos que faltavam para entrar na vendola, esticou o pescoço pela redondeza, buscando encontrar tudo o que há dez anos havia deixado, quando foi para a capital fazer os preparatórios para entrar na Faculdade. Alguma coisa, é verdade que lá não estava, e alguma ainda permanecia ali, tranquilamente, como a velha golabeira do lado da estrada, um pouco descascada e mórbida, porém, continuando a fazer parte do cenário triste do lugarejo acanhado. Tirou os olhos da golabeira que lhe dava inúmeras lembranças e quando ia perguntar a si mesmo pelos Silveira, o Zé Antonio gritou por ele.

— Joaquim, se não és o Joaquim, és a alma dele, homem.

— Sou eu sim, Zé. A comoção o embarçou um pouco e ele tropeçou numa pedra, quase caiu no chão, mas enfim, foi cair nuns braços fortes e bons.

Joaquim sentiu ao tocar nas costas do amigo, a mesma estranha e viva coisa, que lhe acudiu à alma, quando sentiu outra vez a terra da Barra Velha, através da areia viva que os buracos das solas dos sapatos lhe facilitaram o contacto. O dia devia ter sido um dia ardente e de grande soalheira, pois aquele bafio morno que se desprendia do chão, bem o denunciava. O Zé, bem vermelho, sempre com o mesmo jeito, falando um pouco pelo nariz, não sabia o que havia de fazer para agradar o amigo.

— Senta-te, Joaquim. Estás ainda o mesmo Quincas! Só o cabelo... E passou-lhe a mão pela cabeleira farta e grisalha.

— É verdade, Zé. Ainda o mesmo. O mesmo "Pé Espalhado" de sempre. O mesmo trocador de pernas, o mesmo homem que só ganhou da vida, o apelido de "Pé Espalhado". Continuou a ser o Quincas de sapatos rotos, de roupas surradas e de bolsos vastos. O cabelo grisalho, corre por conta disso.

— Qual, nada de tristezas, depois de tantos anos de ausência. Adiantou o Zé. Vamos beber um trago e depois, contaremos o que temos feito da vida. Sei que me contarás coisas boas. Andaste por muitos lugares, conheceste deveras a vida. Eu, por minha vez, tenho um cenário muito pequeno, onde todas as cenas são repetidas e insignificantes: a venda, as conversas da venda, o futebol nos domingos no pasto dos Silveira...

Ao ouvir esse nome, Joaquim tirou os olhos do cálice da branquinha. E o Zé, como quem se lembra de alguma coisa distante, juntou:

— Por falar nos Silveira, sabes que eles perderam tudo? Coitado do velho. Antes de morrer teve de assinar a venda de tudo, para pagar as dívidas.

— E o pessoal? Inquiriu Joaquim, numa interrogação quase sufocante.

— O pessoal? Todo estragado. O Nino deu prá beber que nem condenado. O Nelson, fugiu para a Argentina com a Nóca. Tu te lembrás... aquela pequena que era do velho Sipriano. A Dulce, a mais velha, tomou veneno no dia em que o velho assinou a venda das propriedades...

Joaquim, aí, já estava suando muito e não sabia bem se era a branquinha a culpada, o calor, ou essa triste novidade dos Silveira. Não podia esperar mais pela corte de Doraci, a última, a mais nova, a sua antiga namorada desde os tempos da escola pública. E o Zé, calmamente, vai desfilando a história:

— Pois é, a mais moça, a Ceci, que era a tua namorada, coitada... teve uma sorte tão triste...

— Triste? Por quê? É infeliz? Onde está ela?

— Casou-se com um preto!

O Quincas rebuscou acordar nos olhos, uma feição preta e lembrou-se do Sebastião da Barra, o negro mais negro que os seus olhos já tinham visto. Sacudiu a cabeça, como querendo se libertar de tudo, e repetiu:

— Preto?

— Sim, um negro belchudo, pior do que o Sebastião da Barra.

E o Joaquim pôde observar como o seu pensamento se tinha cruzado com o do Zé. Ele também, coisa interessante, pensara no Sebastião. E de sobrolhos franziu perguntou:

— Mas, como foi isso? — E procurava recordar a

Ceci, tão linda, tão alva, com uns olhos que estavam sempre sorrindo, os dentes muito brancos, enfileirados, com uma boquinha bem contornada, de faces rosadas, tal qual uma flor da várzea. A Ceci, que tinha um jeito tão melgo e tão bom de fazer carinho, ainda estava presente no seu coração. E ele via a Ceci, passeando na sua imaginação, ao lado do marido rústico e apático, ciumento e patético, negríssimo marido de azeviche. Não podia suportar a realidade em que se deixará enrolar a Ceci. Lembrou-se ainda como seria ele horrível e brutalizado, de belcos inchados e de mãos grotescas, de pés chatos e de cabelos encarapinhados. Foi passando a mão pelo cabelo que se lembrou de como a Ceci gostava de acariciá-lo. E com um amor de voz que era mais um tépido carinho, dizia sempre que nunca vira cabelo mais macio. Baixou os olhos e deixou de prestar atenção nas palavras do Zé, buscando cada vez mais, trazer a figura da Ceci para a sua lembrança. Começou a rebuscar tudo, como quem remexe numa gaveta mal arrumada e cheia de objetos estranhos. Enquanto isso, o Zé continuava...

— Eu sei que é triste prá ti. Tu gostavas dela... Deixa que ela era um bocado bonita. Que mãos! Que coisa formidável! Ainda me lembro muito bem de quando tu trouxeste aquele teu amigo que era escultor, para tirar o modelo das mãos dela, para fazer as mãos de uma santa. Quando ela vinha aqui, comprar qualquer coisa na venda, eu tinha uma vontade doida de pegar as mãos dela e dar um beijo... era toda bonita. Tanto de corpo, como de rosto.

Joaquim, de cabeça baixa, via que apesar do tempo ter levado tudo, ainda sentia junto de si, tão fresca como a brisa que vinha do mar, a figura dela, naquela tarde prometedora de chuva. Não quisera ter detalhes da sorte da Doraci, mas ao mesmo tempo, desejava saber mais um pouco. Tornou a olhar o rosto esbaforido do Zé, e como quem procura o fim de alguma coisa má, indagou:

— Mas como foi que arranjaram esse casamento?

O Zé apontando para a curva da estrada, através da janela da venda, falou:

— Tu é porque ainda não viste como a Barra está diferente. É só dobrar a curva, que tu vais ver que transformação!

— Mas isso tem alguma coisa com o casamento dela?

— Se tem? — falou arregalando os olhos. — Das terras do velho, o americano fez um campo de aviação. Está uma verdadeira beleza. Tu podes olhar de cá prá lá e não encontras mais nem a sombra daquela Barra que era. Uns dizem que foi o americano, outros dizem que foi o governo. O caso é que a Base passou a pertencer a Aeronáutica, e começou a vir gente de farda prá cá. Tenentes, capitães sargentos, e não sei que diabo mais. No meio desses todos, veio um matoral, todo endragonado, todo endevizado, o comandante da Base da Barra. Chegou aqui e já sabe, começou a rondar a casa da Emília do Antonio Bicheiro, que foi onde a Ceci ficou, depois que o velho morreu. Que ele era comandante, era. Tinha mesmo um jeito de peste que prá mandá tá sózinho. Mas negro, bem negro, ele era também. Dizem que ela tinha um medo dele danado. A princípio começou a se esconder, mas nada adiantava, porque quando menos esperava, esbarrava-se com ele. Eu não sei se é verdade, mas o que o povo diz é que ela começou a ficar meio gira, tinha medo de tudo, chorava dias inteiros e queria se atirar no mar. A verdade é que nunca mais se viu a pobre. Um dia passou por aqui uma fileira de automóveis que não queria acabar mais. Depois que a poeira arrefeceu um pouco, eu enfi a cabeça do lado de fora da janela e quase tive um ataque, quando me disseram que era o casamento dela, com o negro da Base.

O Joaquim olhava agora, fixamente pela porta aberta da venda, a cauda do "Major", o cavalo magricela que tinha pedido emprestado para aquela comprida viagem de Tubarão até a Barra. E a cauda do "Major", continuava inquieta como o pensamento do Quincas. Os olhos do Zé perseguiram os do companheiro e foram ter também no "Major". E como quem faz uma parada na narrativa, falou o Zé:

— Mas que diabo de galola é aquela que carregas no lombo do cavalo?

— É uma história muito comprida e tola.

— Conta-me a história, homem, — insistiu o Zé.

— Não, não posso porque preciso ir embora depressa, antes que caia a tormenta.

— Nan, nan, não... isso é que não. O temporal já está por aí perto e não tarda a cair. Até que passe a chuva, ficarás aqui.

E como quem está divagando, serenamente, subindo e descendo as escadas de um passado distante, o "Pé Espalhado" começou a falar:

— Lembra-te do tempo em que pegávamos passarinhos? Tínhamos mais de cinquenta presos em galolas de taquara, feitas por nós.

— Se me lembro... tempo bom que não volta mais nunca...

— Pois é. Ela sempre ralhava comigo por causa disso. Dizia que talvez nunca pudessemos ficar sempre juntos, porque eu vivia prendendo os passarinhos, separando sempre, às vezes, quem sabe? casais que tinham construído os seus ninhos nas ramadas das figueiras ou das aroeiras. Mas eu nunca fui supersticioso e sorria sempre desse conselho ingênuo. Toda vida gostei de galola com um pássaro pelo menos. Quando saí daqui para estudar no Paraná, levei comigo uns pássaros. Não tive êxito nos estudos. Tentei trabalhar, tudo inútil. Depois uns pássaros morreram, outros o gato da dona da pensão comeu. Pedi a um amigo que veio aqui, que me levasse um cardeal. E ele me levou um. Disse que tinha pegado na Barra, perto da casa dos Silveira. Isso faz uns dois anos. É muito cantador, mas às vezes parece triste. Todos os meus planos de juntar dinheiro para depois vir casar com a Ceci, começaram a falhar. Desempreguei-me e principiei como nunca a me sentir amargurado. Pensei tanto na Ceci e fiquei crente que o que me fazia infeliz, era a galola prendendo o cardeal. Uma noite, não podia dormir, então fiz uma promessa; eu devolveria às árvores da Barra e ao seu par o pequeno cardeal cinzento, de crista vermelha. Mas que em troca disso, Deus me ajudasse a ser um homem capaz de vencer, para ganhar a Ceci. No dia seguinte fui chamado para um bom lugar nas minas de carvão de Imbituba. A sorte estava ganha. Faltava agora, cumprir a promessa. Logo que cheguei em Tubarão, a primeira coisa que eu fiz, foi pedir um cavalo emprestado, para ver a Ceci e soltar o cardeal. Eis porque vês agora, no lombo do cavalo, a galola com esse maldito passarinho...

— Bobagens, disse o Zé. Passarinho não tem culpa de nada, Quincas. Casou, casou. Aconteceu, aconteceu. Arranja outra guria e esquece o passado. Olha, tenha dinheiro, guria é que não falta. Bonita não era só ela. Há cada "madeira" por aí, que deixa a gente de boca aberta...

A chuva já estava caindo e ia na sua fúria de lavar tudo, vasculhando o cavalo, limpando a galola escura, criando à porta da venda uma lagôa em miniatura. Zé pediu a alguém que lhe trouxesse o ponche. Não era possível deixar o cavalo continuar ali em baixo do temporal. Levá-lo o bicho lá para trás, para o pedaço de rancho onde focavam guardados os sacos velhos da venda. Zé pôs o ponche nas costas, enquanto Quincas ainda permanecia quieto e indiferente.

— Espera aí que eu vou puchar o animal para o rancho.

Deve-se ainda uns minutos respitando os fortes relâmpagos que se sucediam. E no momento em que ia sair da porta, um enorme estrondo se fez ouvir. Zé recuou para dentro da venda. Olhou assustado para o outro e disse:

— Calu por aqui!

Esperou alguns segundos e ainda meio surdo, olhou para a porta, procurou no alto os galhos da golabeira. Não estavam. Olhou então para o chão. Recuou pálido e estarecido. Chamou o Quincas e ficaram os dois sem poder falar. No chão estava o cavalo ao lado da golabeira e do cardeal. Tudo morto, tudo carbonizado, tudo preto. O ralo tinha caído perto demais, sim, o Zé não se tinha enganado.

O Quincas apertou muito a mão do Zé e ficou parado como um estátua. O seu pensamento se meteu através da chuva, através dos trovões, através dos relâmpagos e ficou zig-zagueando à toa, como um cão vadio. Não sabia se a fala lhe tinha fugido, e para experimentar, disse medroso, no ouvido do Zé:

— Vês? Tudo ficou negro. Primeiro o emprego nas minas de carvão de Imbituba, depois aquilo que aconteceu com a Ceci, e agora outra desgraça negra acaba de me alcançar. Não tem que ver, Zé, essa cor está me perseguindo.

A chuva continuava lá fora no fim da tarde, e os trovões marcavam o compasso tenebroso da sinfonia furiosa. Parecia uma música sinistra a aniquilar o Quincas. E ele continuou mudo, com os olhos metidos nos longes das interrogações, vendo tudo negro e ouvindo apenas a algaterra dos garotos de há dez anos que cantavam quando o viam passar, para deixá-lo furioso:

Pé Espalhado
Quem foi que te espalhou?
Foi uma bala
Que o Aquidaban mandou...





REABRIU-SE O PALACIO DE VERSALHES

O majestoso monumento histórico volta a despertar o interesse dos turistas.

Por Florise ALBERT-LONDRES

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

DEPOIS de seis anos de sono, o Palácio de Versalhes reabriu as suas grandes portas. As salas históricas, fechadas desde a guerra, acolhem de novo o público. E parece que toda uma multidão enamorada de arte e da majestosa beleza não esperava senão esse instante para abordar, pressurosa, as duras calçadas do Pátio Real. Com um pouco de imaginação, ter-se-ia a impressão de ouvir ainda o rumor das rodas das carruagens rutilantes e dos cascos nervosos dos cavalos montados por surpreendentes cavaleiros empenachados...

Digo bem, toda uma multidão, porque, sob o sol pálido de princípio de inverno, eis que se dirige para a praça do Palácio uma longa fila de peregrinos... Caminham com os olhos postos nas pequenas colunas dos primeiros edifícios e um sorriso no canto dos lábios. Desde a entrada, cada um se entusiasma, se liberta das preocupações do momento e firma os seus olhos. Vêm-se muitos jovens, para quem as maravilhas ali encerradas são uma descoberta, velhos que vêm refrescar os seus conhecimentos históricos e turistas ingleses, americanos, nórdicos e suíços, munidos da clássica máquina fotográfica e consultando o seu inseparável Baedeker...

É um verdadeiro sucesso. Depois da livre visita a algumas salas, onde se admiram vários retratos da autoria de Felipe de Champaigne, entre os quais o de sua filha, religiosa de Port-Royal; onde se fica sabendo que a comovente La Vallière chamava-se em verdade Louise-Françoise de la Baume Le Blanc, e onde, enfim, se pode seguir nos Gobelins em painéis toda a vida de Luis XIV, um de cujos episódios mais simbólicos é a passagem do Reno pelo Rei Sol, descobre-se, entre tantas telas atraentes, o adorável retrato da Duquesa de Berry de olhos de porcelana azulada. Quem, diante de frágil sorriso dessa bela filha de Francisco I de Nápoles, não pensaria um instante no fato de ter essa graciosa beleza, entre as suas numerosas aventuras romanesecas, tentado, levantar a Vendaia contra Luis-Felipe?

Depois, a gente se torna rapidamente uma presa do guia, que conta à sua maneira a história dos reis de França e a do Museu durante a recente guerra: "Ah! bem que pensastes que se havia fechado a casa por causa dos alemães dos arredores. Eles enchiam Versalhes até a orla do Parque! Fizeram esvaziar os pequenos lagos, porque brilhavam à noite! Mas não se instalaram aqui. Somente,

Na página à esquerda: — Detalhe do altar de mármore e bronze dourado da capela real do Palácio de Versalhes. À direita: Parte central da Fachada do Palácio de Versalhes. No primeiro plano, a estátua equestre de Luis XIV. — (Fotos do S.F.I.).



depois de seis anos, há poeira. Assim, não podeis visitar ainda os pequenos apartamentos de Maria Antonieta, nem o quarto em que morreu Luis XIV, nem o gabinete particular de Luis XV, de onde ele assistiu à passagem do cortejo fúnebre da Pompadour... Trata-se, no momento, de arejar tudo isso".

"Começamos a visita pelo Salão de Hércules. Olhai para ele, Hércules, no teto. Foi a princípio o salão de baile e depois o da Abundância, onde Luis XIV oferecia as suas consoadas. Continuamos pelo Salão de Venus, antiga sala de bilhar, decorada com o "Sacrifício de Ifigenia" e o Salão de Apolo ou Sala do Trono. Era aí que o grande rei dava audiência aos embaixadores..."

E isso continua durante duas horas. A multidão se comprime em volta desse ciccone pitoresco, que às vezes suspira, concluindo as suas narrativas: "Ah! quantas recordações enchem estas galerias!..."

Mas os visitantes rememoram as suas leituras e cada um faz uma idéia da vida dos séculos idos, admirando os suaves ou vigorosos coloridos dos pintores célebres da Corte e a vista grandiosa que descortina através das grandes janelas. Enfim, chegamos à Galeria dos Espelhos, ladeada pelo Salão da Guerra, que contém o escudo da cidade de Estrasburgo acabando de se ligar livremente à França, e pelo da Paz recuperada por Luis XV. Que dizer dessa galeria que não seja conhecido do mundo inteiro, a não ser que o lugar onde o rei da Prússia se fez, em 1871, sagrar imperador da Alemanha, está ocupado, desde 28 de junho de 1919, pela mesa de trabalho de Mazarini, em que foi assinado o Tratado de Paz que apagou essa nódoa?

"E não esqueçais, senhores e senhoras — dirá ainda o guia — que os representantes da Alemanha foram conduzidos até lá sob boa guarda e por uma pe-

"Colunatas" do Grande Trianon, construído num maravilhoso recanto de Versalhes. — (Foto do S.F.I.).



O salão da Guerra, vista tomada da Galeria dos Espelhos. — (Foto S.F.I.).

nosso, tão desprovido de mecânica e de bomba atômica, que se tem a impressão de estar, por uma tarde, no castelo da Bela Adormecida no Bosque! E se, por influência de uma varinha mágica, tudo isso adquirisse vida? Se todos esses personagens inaturais, com as suas perucas e os seus adornos cintilantes súbitamente se animassem? Não é certo que se ririam com piedade das nossas atitudes esportivas e da nossa loucura do progresso?

Mas deixemos esta espécie de conto de fadas, e, passando, admiremos a capela, refulgente de ouro, onde Bossuet pronunciou as suas mais notáveis orações fúnebres...

A Capela, nesta residência do rei, ficava próxima do Teatro... Esse Teatro construído por Luís XV e cujo palco era, na época, o maior do mundo, foi inaugurado, em 1770, por ocasião do casamento de Luís XVI. Nesse anfiteatro, a vida readquire os seus direitos. Vê-se aí a tribuna em que se achava Luciano Bonaparte, quando do golpe de Estado de 18 de Brumário. O Senado, mais tarde, também se reuniu algumas vezes nesse recinto.

Presume-se que Napoleão tenha pensado em residir em Versalhes. Sem dúvida não teria tido vagares para isso. Todavia, depois de se haver divorciado de Josefina, esse homem apressado dormiu algumas vezes no Grande Trianon, essa maravilha de mármore róseo encaçada no centro dos jardins traçados por Le Nôtre.

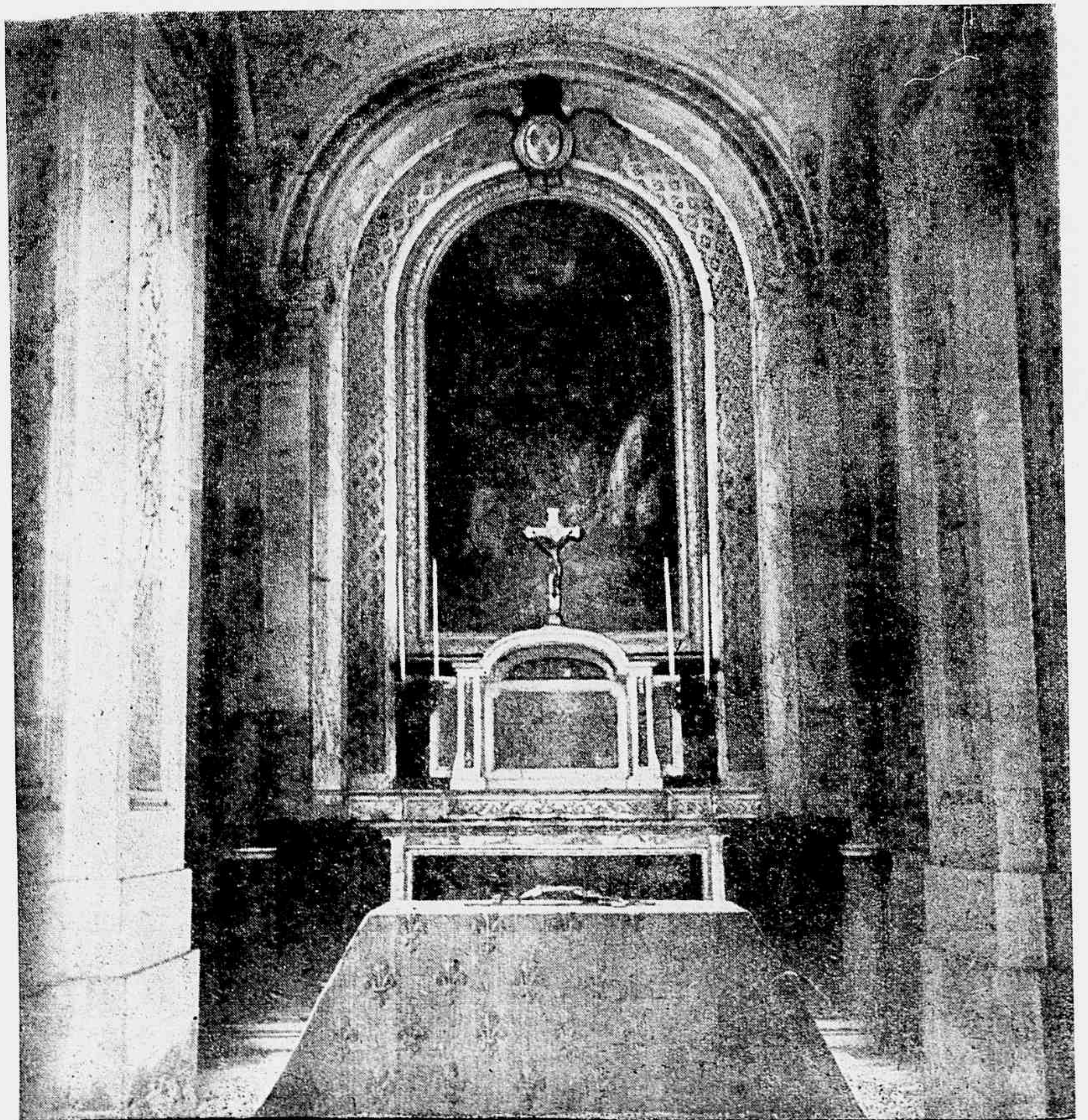
Mas tudo o que se possa dizer sobre o que foi Versalhes não igualará nunca a impressão de grandeza comunicada pelo seu conjunto: palácio, grande e pequeno Trianon, parque, bosques, chafarizes, perspectivas e o encanto do pavilhão de Maria Antonieta. Nenhuma palavra é bastante evocativa para descrever a solene beleza e a arte consumada que reinam nesses lugares encantados... — (Copyright do S.F.I.).

quena escada de serviço! Agora, para variar, eis aqui o quarto da Rainha, ocupado por Maria Teresa da Áustria, pela princesa da Baviera, a duquesa de Borganha, Maria Leezinska e Maria Antonieta.

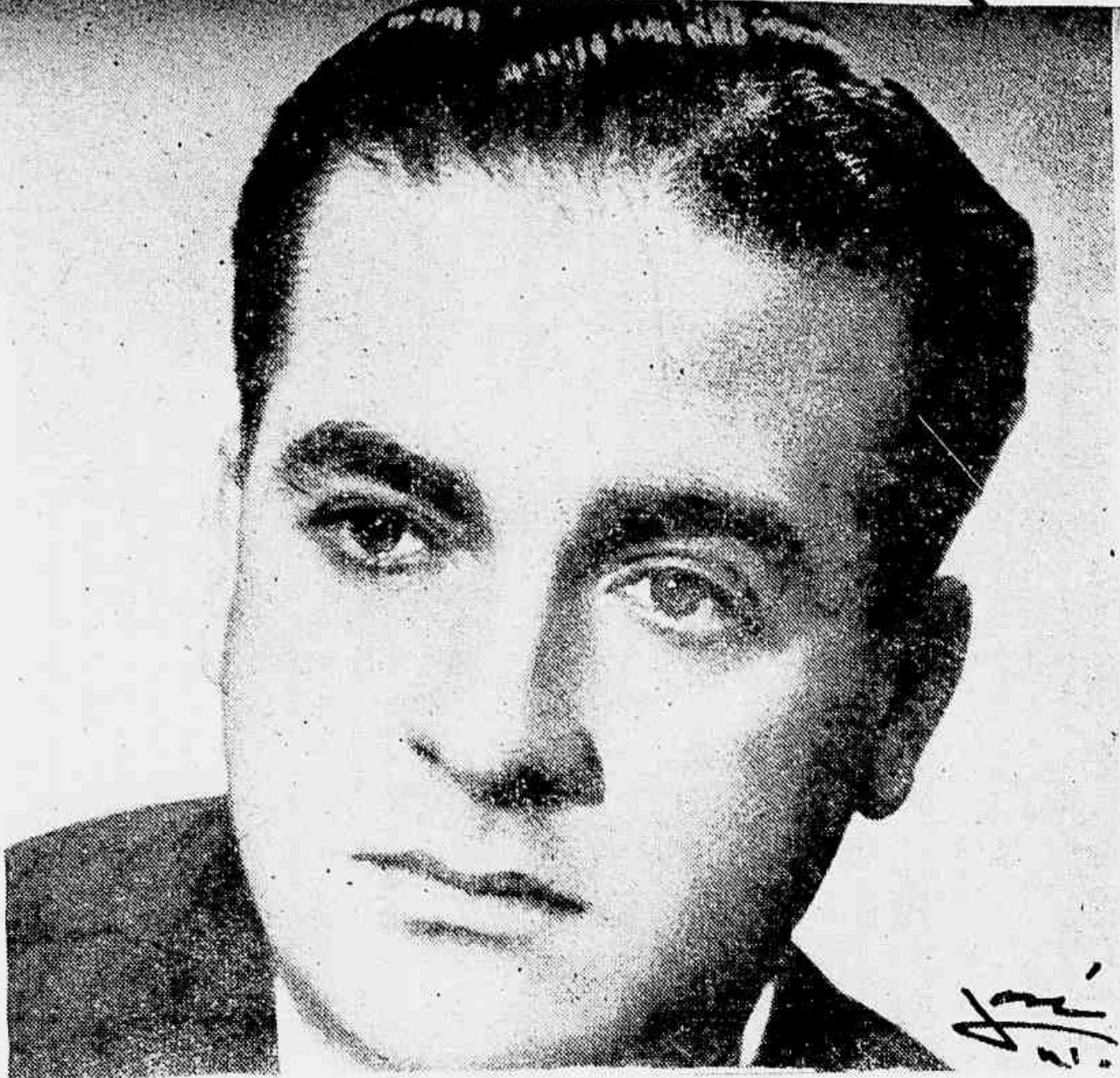
Aqui nasceram dezenove príncipes e princesas de Bourbon. Foi pela pequena porta do fundo que Maria Antonieta fugiu para se juntar a Luís XVI, na madrugada de 6 de outubro de 1789, enquanto o povo invadia o palácio pela escada de mármore e sala dos guardas da Rainha. E esta aqui é a sala que ela atravessou com sua família, deixando o palácio para nunca mais voltar... Mas deixemos estas lembranças revolucionárias... De trás deste espelho, encontra-se a famosa ante-câmara. Quantos cortesãos, quantos grandes da terra não esperaram aí a honra de serem recebidos pelo rei quando ele se deitava ou se levantava. Quantos acontecimentos históricos não foram resolvidos entre estas paredes!"

Se o guia se mostra inesgotável, não deixa de ter desculpa. Não se sabe verdadeiramente para onde olhar, tantas são as obras primas, desde as que nos fazem evocar importantes acontecimentos históricos até os comoventes retratos de numerosas e jovens mulheres em traje da época. Que riqueza de idéias para um grande costureiro! Eis aqui Maria Adelaide de Saxe, mãe de Luís XV, com um vestido de caça de linha puríssima, Madame-Infanta, filha do mesmo Luís o Bem-Amado, ostentando um admirável chapéu de veludo, Madame Adelaide emergindo de um vestido, cujo azul não pode ter nascido senão do pincel de Nattier... Depois vemos a batalha de Rocroy por Le Paon, um cravo com cinzeladuras de ouro, candelabros de bronze e lampadários de madeira dourada... E também digamos aqui o que lá não se encontra mais: cômodas do século XVII, secretárias de acajú, de pau rosa e de mármore raros.

Entre essas reproduções de batalhas com profusão de estandartes, de cavalos e de espadas e esse encantamento produzido pela paciência de tranquilos artesãos, não se pode deixar de se sentir transportado a um mundo tão distante do



Capela real do Palácio de Versalhes. — (Foto do S.F.I.).



SE nos fosse dado fazer uma estatística sobre os maiores fornecedores de astros para o "broadcasting" carioca, Pernambuco ocuparia lugar de grande destaque, tamanha tem sido sua contribuição. Entre esses elementos figura Gagliano Neto, nascido a vinte e quatro de dezembro de 1911, numa ruazinha estreita de Recife, e hoje ocupando o cargo de locutor esportivo da Rádio Globo, onde aliás chefia o departamento especializado. Com um punhado de sucessos na carreira que abraçou, inclusive o de ter irradiado a Copa do Mundo, ele nas horas vagas dedica-se ao jornalismo, assinando comentários esportivos em um dos vespertinos cariocas, independente de manter um jornal sob sua própria responsabilidade. Iniciando suas atividades radiofônicas ao microfone da Rádio Cruzeiro do Sul, de São Paulo, mais tarde veio a atuar na Rádio Club do Brasil, onde muito contribuiu para a valorização de nossos artistas. Da PRA-3 transferiu-se para a Mayrink Veiga, daí para a Nacional, emissora que deixou para assumir importantes funções na Transmissora, do que resultou a transformação dessa emissora em Rádio Globo. Na PRE-3, moldou seu programa de ação na escolha de verdadeiros valores, reunindo em torno desse prefixo, artistas de destacada projeção, como Amaral Gurgel, Zezé Fonseca, Delorges Caminha, Urbano Lôes e vários outros. Sem fugir à regra, Gagliano Neto, apesar de locutor-esportivo, possui um clube predileto: O Andaraí F. C., do qual é sócio. Assim, pode transmitir sossegado o campeonato, sem a preocupação de forçar pelos quadros de primeira categoria da Federação. Gosta imensamente de um bife com legumes, quando há... Procura ler Machado de Assis, Eça de Queiroz e Humberto de Campos, quando lhe sobra um pouquinho de tempo. Seu lema preferido é trabalhar, lema do agrado do ex-ministro Negrão de Lima... Antes de desempenhar funções no rádio, exerceu a profissão de bancário. Nunca lançou mão de pseudônimo, e quanto aos seus grandes sucessos deixa que o público opine. Pesa setenta e oito quilos.



O nome de Jorge Veiga está em foco. A ele cabe em parte a popularidade da marcha "Eu quero é rositar", de Milton de Oliveira e Haroldo Lobo, agora excluída do seu repertório para evitar certos dissabores. Mas o cantor das emissoras associadas está firme no palco carnavalesco, uma vez que possui outros números de sucesso. A carreira artística de Jorge Veiga é fruto de sua força de vontade, porque, sendo de condição humilde, não teve quem o ajudasse galgar os degraus da glória com a mesma presteza com que o fazem certos protegidos. Simples pintor de paredes, trabalhando durante o dia para comer a noite, nem assim se deixou abater, cuidando de melhorar de situação. E, para desfazer as tristezas, o nosso biografado passava as horas cantarolando, a ponto do mestre da obra incentivá-lo a procurar uma estação de rádio. Relutando a princípio, acabou por bater na Transmissora, estação de prestígio na época, e onde pontificavam os "medalhões", como Francisco Alves, Marília Batista, Renato Murce e muitos outros. Seu "test" constituiu uma surpresa geral, motivando sua inclusão imediata no quadro de cantores da PRE-3. Não mais deixou esse prefixo, acompanhando as fases bonançosas por que o mesmo passou. E, nas horas de folga, tomava parte em programas circenses, arrebanhando multidões para ouvi-lo. Com a venda da Transmissora, Jorge Veiga ficou desiludido. Mas a Tupi já o havia incluído nas suas cogitações, procurando atraí-lo para o seu "cast". Lá se foi ele, com armas e bagagens, disposto a prosseguir nos seus sucessos. Atualmente, o popular cantor é uma das verdadeiras atrações da PRG-3. Sua presença em qualquer programa superlota o auditório. Por sua vez os circos, quando o anunciam, esgotam a lotação. O mesmo acontece nas apresentações do "Trem da Alegria", em cuja bilheteria há verdadeiras pelepas para a aquisição de ingressos. Gravando para a Continental, tem posto na cena os maiores êxitos do ano, inclusive "Manuela e Benedito", popular composição de Manezinho Araújo.

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA

Por ARMANDO MIGUEIS

LOURDINHA BITTENCOURT é o que se pode chamar de menina prodígio, levando-se em conta sua precoce carreira artística. Assim, já aos oito anos de idade, vamos encontrá-la tomando parte no "Programa Infantil" da Rádio Guanabara, interpretando toda sorte de composições. A seguir, vêmo-la no cinema, como um dos elementos de "Cidade Mulher". Mais tarde, ei-la formando entre as alunas de Maria Olenewa, no curso de bailados do Municipal, onde permaneceu pelo espaço de quatro anos. Andou por diversas estações, ingressou no primitivo elenco de Walter Pinto, assinou contrato para animar os "shows" dos cassinos, passou pela Rádio Nacional, excursionou pelos Estados e ganhou muito dinheiro. Depois, o governo resolveu acabar com o jogo, obrigando os cassinos a cerrarem as portas. Lourdinha teve então seu contrato rescindido com a Urca. O rádio voltou às suas cogitações. Foi quando a Globo foi ao seu encontro, oferecendo-lhe vantajosa proposta. Voltou a interpretar bonitas melodias, enchendo os programas de estúdio da PRE-3 com sua voz agradável e educada. Então Chianca de Garcia convidou-a para integrar seu elenco, o que é logo aceite. A estréia é feita em "Sonho Carioca", peça em que mereceu os mais calorosos elogios da crítica. Sendo assás supersticiosa, quando trabalha foge a todos. Tranca-se no seu camarim, não falando a ninguém, antes da primeira entrada em cena. Também não gosta muito de passar embaixo de escadas, porque já sofreu um banho de tinta... Apreciadora do cinema, frequenta-o, na medida do possível. Seus astros prediletos são Charles Laughton, Orson Welles e Lawrence Tibbett. Também gosta de teatro, admirando o trabalho de Procópio Ferreira, Alma Flora e Rodolfo Mayer. No rádio admira Zezé Fonseca, Ismenia dos Santos e Isis de Oliveira. Dos cantores, não tem preferências. Além desses divertimentos, Lourdinha Bittencourt gosta muito de dançar, procurando exercitar-se o mais que possa.

IVETE SAVELLI é um nome completamente desconhecido dos radio-ouvintes. Em compensação, Isis de Oliveira é bastante familiar, dada sua presença na maioria de novelas que a Rádio Nacional tem irradiado. Ambos esses nomes pertencem a uma só pessoa, nascida a dezoito de março de 1922. Iniciando sua atividade artística num conjunto de amadores, foi a estrela de "Manhãs de Sol", popular comédia de Oduvaldo Viana. Nessa peça, veio a conhecer Altivo Diniz, o qual lhe propôs tomarem parte juntos num concurso levado a efeito pela Nacional, sob o título de "Raio K em busca de talentos", então animado por Celso Guimarães. Ela aceitou a ideia, inscrevendo-se como candidata a uma colocação de rádio-atriz. Resultado, acabou tirando o primeiro lugar que, por sinal, lhe valeu um contrato para tomar parte nos espetáculos do "Teatro em Casa". Mais tarde passou a colaborar em "Vozes novas de 1938" e em "Páginas inesquecíveis". Interrompendo por um ano suas atividades radiofônicas, ao voltar viu-se destacada para as novelas, tendo trabalhado, entre outras, em "Imortalidade", "Clarice", "Três vidas", "O homem que caiu do céu", "Mestiça", "Ana Maria" e "Em busca da Felicidade". Encarando a sério a profissão que abraçou, Isis de Oliveira tornou-se, em pouco tempo, uma das mais apreciadas artistas do "broadcasting" nacional, possuindo um invejável número de "fans". Suas diversas preferências são o cinema e a praia, embora não saiba nadar muito bem. Independente de seu trabalho de rádio-atriz, Isis de Oliveira, que é niteroiense de nascimento, empregou-se também nos escritórios da PRE-8, onde exerceu funções de escriturária, cativando a simpatia de todos os colegas. Sua mascote preferida é um trevo de quatro folhas dentro de um triângulo de ouro, que guarda avaramente, pois lhe tem dado muita sorte. Não acredita em outras superstições, embora goste de levantar com o pé direito. Não tem preferência pelos "astros" do rádio, porque admira por igual a todos os colegas.





A PLANÍCIE DAS ARANHAS

Conto de H. G. WELLS

Ilustração de A. PACHECO

CERCA de meio-dia, em uma curva rápida formada pelo leito do ribeiro, os três caçadores desembocaram súbitamente à vista de uma grande planície. O caminho sinuoso e rochoso, pelo qual eles haviam tão longa e penosamente acompanhado os vestígios dos fugitivos, abria sobre uma larga rampa. Cedendo ao mesmo impulso, os três homens abandonaram a pista e galgaram um montículo coroado de árvores de folhagem verde escura; ali chegaram, fizeram alto; à frente o homem da brida encrustada de prata e um pouco atrás os outros dois, segundo convinha.

Durante algum tempo, sondaram com olhar curioso a imensa planície que se ostentava diante deles e se ia perder ao longe. Aquela desoladora extensão de relva amarelada só aqui e ali era interrompida por alguns raros massiços de arbustos espinhosos e secos, e pelo vago lineamento de algum fio d'água, já então completamente extinto. A superfície cor de cobre ia perder-se no dorso azulado de colinas mais distantes ainda, colinas essas de um verde mais intenso, segundo parecia, as quais eram dominadas pelos cumes nevados de montanhas cujas bases não se viam. Essas montanhas ficavam como que suspensas no azul do firmamento, e acastelavam-se, mais potentes e altaneiras para os lados de noroeste, onde a planície se fechava de novo. A oeste, o vale ampliava-se até o horizonte, determinado ao longe pela mancha sombria das florestas.

Os três homens, porém, não olhavam nem para este nem para oeste, eles prescretavam obstinadamente a planície.

O cavaleiro magro, de lábio marcado por uma cicatriz, foi o que rompeu o silêncio.

— Nada! — suspirou ele desapontado. — Mas, afinal de contas, eles levavam um dia de dianteira.

— Não sabem que nós os perseguimos, — disse o homem que montava o cavalo branco.

— “Ela” deve perfeitamente supor isso, — observou o chefe, acriminosamente e como falando consigo mesmo.

— Ainda assim, eles não podem ir com muita pressa; não têm sentio a mula por minha montaria, e, todo o dia, a moça teve pé a sangrar...

O homem da brida de prata deitou-lhe um olhar cheio de furor.

— Julgas que não notei isso? — disse ele, a custo contendo a cólera.

— Em todo caso, isto pode servir, — murmurou em aparte o homem baixo.

O magro, da cicatriz no lábio, continuava impassível a sondar a extensa planície.

— Com certeza, eles não tiveram tempo de transpor a planície, afirmou ele. — Formos sempre a trote cerrado...

Mas, voltando uma vista dolhos ao cavaleiro, não concluiu o que ia dizer.

— Diabos levem os cavalos brancos! — rosnou o cavaleiro da brida de prata, voltou-se para examinar o animal, obto da sua maldição.

O homem baixo, fitou o olhar entre as orelhas da sua melancólica montaria.

— Fiz o que pude, — desculpou-se ele.

Os outros dois puzeram-se novamente a inspecionar a planície. O magro passou as costas da mão sobre o lábio arrepanhado.

— A caminho! — ordenou de súbito o chefe.

O homem baixo sobresaltou-se, puxou das rédeas, e os três caçadores entraram de novo na pista, através da relva florida, que a custo brotava no s.

pelo constante pisar das patas dos cavalos... Desceram cautelosamente o longo e árduo declive, e, entranhando-se no meio dos espinheiros retorcidos, das hastes nodosas e resequidas, de formas estranhas, que cresciam entre os rochedos, eles atingiram finalmente o vale. Aqui, o rasto que seguiam tornava-se incerto, porque o solo raramente era visível. Cobria-o um espesso tapete hervas mortas e secas.

Todavia, à força de olhar fixamente, de estender o pescoço por cima do dos cavalos, à força de pararem a cada passo, aqueles rostos pálidos lograram seguir a sua presa.

Eles pesquisavam os vestígios recentes, erguiam os raminhos de herva quebrados e derribados, e, de vez em vez, deixava-se adivinhar a impressão de um pé no solo. De uma vez mesmo o chefe distinguira uma mancha de sangue que denunciava a passagem da jovem mestiça, e então, entre dentes, chamou-a imbecil.

O magro fiscalizava as observações do chefe; o homem baixo, montado no seu cavalo branco, acompanhava-os, absorto em um sonho. Cavalgavam em fila indiana, indo à frente o cavaleiro da brida de prata, e não trocavam uma única palavra.

Passado um momento, o homem baixo teve a impressão de que o mundo estava muito calmo e isto arrancou-o bruscamente ao seu sono. A não ser o ligeiro tinido dos ferros e das fivelas dos cavalos, só havia, em toda a imensa planície, o melancólico silêncio de uma natureza morta. Diante dele caminhavam o chefe e o seu companheiro, ambos inclinados para a esquerda dos animais, e embalados em cadênceta, conforme a andadura que levavam. Precediam-n'os as suas sombras, quais silhuetas esguias, rompanheiras tranquilas e silenciosas. Mais perto, aquela forma rastejante e fria era a sua própria sombra. Ele percorreu com o olhar as cercanias. Que se teria passado? Pensou então no reverbero projetado pelas arestas da montanha, depois no estalido contínuo das pedrinhas pisadas e empurradas. Que, ainda?... Nem um sopro de ar! Era isso. Que terra vasta e silenciosa, na monótona sonolência do meio dia! O céu apresentava-se sinistro e deserto, à exceção de um sombrio véu

de bruna que se havia formado no alto do vale.

Ele ergueu o busto, agitou as rédeas, arredondou os lábios como para assoviar, mas só pôde suspirar. Voltou-se um instante sobre a sela e fitou o atalho do destiladeiro, pelo qual tinham vindo. Nada! Só declives sombrios de um e outro lado, nada que revelasse uma árvore, um animal qualquer; e ainda muito menos uma criatura humana. Que pais, que deserto!

E tornou à sua atitude anterior.

Experimentou um segundo de prazer ao ver um pau torcido, negro purpura, que inopinadamente reluziu e se extinguiu na espessura do tapete escuro. Era uma víbora. Afinal de contas, a vida palpitava então naquele vale infernal!

Depois, e isto rejubilou-o ainda mais, uma suave aragem acariciou-lhe a face, um murmúrio se levantou e passou; sobre um montículo, um espinheiro curvou imperceptivelmente os seus galhos negros e rígidos; eram os primeiros sintomas de uma brisa provável. Indolentemente, molhou o dedo e ergueu-o para o ar.

Com um estalo seco, ele deu de rédeas para evitar uma colisão com o magro, que havia parado, hesitante sobre o rumo a tomar para seguir a pista. Exatamente nesse momento de distração ele percebeu que o chefe tinha o olhar assustado sobre ele.

Durante algum tempo, depois disso, esforcou-se por tomar interesse na perseguição. Em seguida, quando já novamente em marcha, examinou a sombra do seu chefe, o chapéu, os ombros, que apareciam e desapareciam por detrás da silhueta mais próxima do magro.

Havia quatro dias, desde que tinham transposto os contornos do mundo habitado, que eles cavalgavam, — encontrando, quando muito, a água necessária para se desalterarem, munidos apenas de um pedaço de carne seca, metido em baixo da sela — através de fragas e montanhas, sobre aquela terra de desolação, onde de certo ninguém se atrevera a penetrar antes dos fugitivos. E por que?

Tudo isso por causa de uma rapariga, uma simples criança caprichosa! E aquele homem tinha à sua disposição, para satisfazer os seus ignóbeis desejos, populações inteiras de raparigas e de mulheres! Por que razão havia a sua louca paixão escolhido esta entre todas as mais, perguntava a si mesmo indignado o homem baixo, passando sobre os dedos ressecados uma língua enegrecida pela sede. Aquele era na verdade o seu senhor! Não havia outra explicação: unicamente porque ela procurava esquivar-se-lhe.

O seu olhar deteve-se sobre uma comprida fileira de altas hastes matizadas que se inclinavam com harmonia; depois, as pontas da faixa de seda, que lhe fluíam junto do pescoço, estalarão. A brisa tornava-se mais forte, desfazendo

o véu de imobilidade que pesava sobre todas as cousas, e era muito melhor isso.

— Olá! — gritou o magro.

Os três homens estacaram simultaneamente.

— E então? — perguntou o chefe, — que há de novo?

— Acolá! — exclamou o magro apontando para o fundo do vale.

— Que é?

— Qualquer coisa que vem correndo para nós.

Enquanto ele falava, um animal ruivo emergiu sobre uma grimpá e desceu para eles em disparada. Era um enorme cão selvagem: corria na direção da brisa, com a língua pendente, em galope regular, diretamente para o alvo, e tão absorvido que não parecia ver os cavaleiros para os quais se dirigia. Ia de ventas para o ar e parecia evidente que não seguia nem uma pista, nem uma presa certa. Quando já vinha perto, o homem baixo pôs a mão na espada.

— Ele está danado, — disse o magro.

— Soltemos gritos, — aconselhou o homem baixo, e gritou.

O cão galopava sempre; o homem baixo tinha já desembainhado a espada, quando ele, afastando-se para um lado, passou arquejante. O homem baixo seguiu-o com os olhos, sempre a fugir.

— Ele não tinha espuma na boca, — observou.

Durante alguns minutos o cavaleiro da brida de prata ficou a examinar o fundo da planície.

— A caminho! — exclamou por fim.

— Que importa!

E agitando as rédeas, tornou a pôr em marcha o cavalo.

O homem baixo, desistindo de penetrar aquele insolúvel mistério de um cão que não fugia de outra coisa que não fosse apenas o vento, mergulhou em uma profunda meditação sobre a natureza humana.

— A caminho, — murmurou de si para consigo. — Por que é dado a um homem dizer “A caminho” com este incrível poder de autoridade? Durante toda a sua vida, sempre o homem da brida de prata falou desse modo. Cá por mim, se eu dissesse essas palavras... — ruminou o homem baixo.

Mas a idéia de obedecer ao senhor, mesmo nos mais fantásticos caprichos, excedia a imaginação. Para ele, como para todos, aquela jovem estava louca, era quase sacrilega. Por comparação, o seu pensamento passou a considerar o magro, que tinha uma cicatriz no lábio; tão vigoroso como o senhor, tão destemido, talvez mesmo mais valoroso e, no entanto, a sua sorte era obedecer, obedecer sempre, cegamente, afetuosamente.

Certas sensações das mãos e dos joelhos impeliram o homem baixo a realidades mais imediatas. Ele examinou o animal e foi colocar-se ao lado do companheiro magro.

— Já notou como os cavalos estão ficando agitados? — perguntou à meia voz.

A face magra tornou-se interrogadora.

— Este vento não lhes prenuncia boa coisa, — acrescentou o homem baixo, mas, como o cavaleiro da brida de prata se voltava para ele, tornou a ir tomar o seu lugar atrás.

— Qual! isto não quer dizer nada, — pofeiú o da face magra.

Continuaram a cavalgar em silêncio durante algum tempo; os dois primeiros iam inclinados, examinando a pista que seguiam, o último observava o nevoeiro que invadia a vasta planície, rastejando cada vez mais próximo, e verificava que o vento aumentava de intensidade e cada momento. Ao longe, à esquerda, ele avistou uma linha de massas escuras; eram sem dúvida javalis, que desciam à planície a galope, mas absteve-se de os indicar, bem como de arriscar novas advertências sobre a inquietação dos cavalos.

Pouco depois, ele deu com o olhar em um grande globo branco, lustroso, depois viu dois, depois três, semelhantes à penugem de uma cabeça gigantesca de cardo, os quais flutuavam impelidos pelo vento, em sentido transversal à pista que eles seguiam. Essas bolas pairavam muito alto no ar, caíam de repente, tornavam a subir e baloiçavam-se um instante, depois, redobrando de velocidade, desapareciam. Ao vê-las os cavalos redobram de agitação.

Imediatamente depois de os avistar, ele observou que muitos desses globos errantes, cujo número aumentava rapidamente, desciam do vale, correndo para eles, com notável celeridade.

Ouviu-se um grito agudo. Um enorme javali atravessava a pista em disparada; um instante, ele voltou a cabeça para os cavaleiros, observou-os, depois prosseguiu na sua carreira para o fundo do vale. Vendo isto, os três homens pararam, ergueram-se nas selas e volveram os olhos para o nevoeiro, cada vez mais denso, que vinha descendo sobre eles.

— Se não fosse essa penugem de cardo... — principiou o chefe.

Eis senão quando uma grande bola flutuante rodolou a uns vinte passos dele. Na realidade, aquilo não era uma esfera regular, mas sim uma coisa enorme, macia, angulosa e chela de fios, como um tecido branco amarrado pelos cantos, uma medusa aérea, poder-se-lá dizer, que avançava girando sobre si mesma e rebobando no seu trajeto uma longa estelra de ralos e de fios de tela de aranha.

— Aquilo não é penugem de cardo, — opinou o homem baixo.

— Não adianta nada em dizer isso, — retorquiu o homem magro.

E olharam um para o outro.

— Maldição! — gritou o chefe. — O ar está chelo deles, lá em cima! Se isto dura muito tempo nesse andar, daqui a pouco seremos obrigados a parar de todo.

Instintivamente, como um bando de gamos toma posição ao ver aproximar-se qualquer objeto duvidoso, eles voltaram os cavalos para o vento, deram alguns passos e consideraram aquelas massas flutuantes que se adiantavam, inumeráveis. Elas vinham vindo, impelidas pela brisa, rápidas, mas sem atropelo, subindo e descendo sem rumor, caindo no chão, tornando a subir muito alto, pairando, tudo isto em um movimento uniforme, com uma segurança calma e deliberada.

(Continua na pág. 51)



A VIDA DE EL GRECO

(DOMINICO THEOTOKOPULI — 1548 - 1625)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com o Livraria do Globo, de Porto Alegre)



Dominico Theotokopuli, mais conhecido pelo nome artístico de "El Greco"

PARA ALGUNS, El Greco era um louco. Outros lhe concedem o benefício de duvidar dessa loucura e afirmam que seu trabalho não era o resultado de um cérebro desequilibrado, mas simplesmente de um aparelho visual imperfeito. Garantiam que via todas as coisas distorcidas porque sofria de estigmatismo. Outros ainda acreditam que El Greco é, sem dúvida, o maior de todos os artistas. Loucura, enfermidade ou gênio? Esta questão tem sido objeto de constantes debates, desde a época em que se fixou em Toledo, para pintar, até os presentes dias.

"El Greco" significa o Grego, em espanhol. Seu nome verdadeiro era Dominico Theotokopuli, e nasceu na Ilha de Creta. Ali segundo a antiga lenda, Teseu matara o Minotauro. Ali os arqueólogos haviam descoberto as mais estranhas arquiteturas, estátuas e cerâmicas, datando do período da antiga civilização micênica. Creta fora sempre uma ilha de mistério e Dominico levou esse mistério a toda parte por onde andou. Toda sua vida está mergulhada em incertezas. Sobre ele temos apenas alguns fatos autênticos. A data de seu nascimento é duvidosa. Sabemos simplesmente que nasceu mais ou menos, entre 1541-1548. Como passou os primeiros vinte e cinco anos de sua vida é outro mistério. Em 1570, entretanto, uma carta escrita por Clóvio ao Cardeal Farnese Viterbo, menciona um moço de Cândia, em Creta, um "discipulo de Ticiano, que chegara recentemente a Roma". Clóvio considera-o um pintor de raro talento. "Entre outras coisas, pintou um auto-retrato, que causou admiração a todos os artistas de Roma". Clóvio pede ao Cardeal para recolher o moço ao Palácio Farnese, "até que possa achar outra acomodação".

O segundo fato confirmado da vida de El Greco foi esclarecido através de uma carta escrita em 1576, por certo Giuseppe Martinez. "Domenico Greco", escreveu Martinez, "instalou-se na famosa e antiga cidade de Toledo, introduzindo um estilo tão extravagante como até aqueles dias

não havia sido visto igual. A tentativa de discutí-lo poderia causar confusão no mais sadio dos cérebros".

A terceira referência a El Greco recorda uma discussão entre ele e o Cabido da Catedral de Toledo, sobre o preço de um retábulo que lhe haviam encomendado, pouco depois de sua chegada à Espanha. A discussão teve de ser levada ao Tribunal. O Cabido designou uma comissão composta do arquiteto, do escultor e do pintor da igreja para avaliar o trabalho. El Greco era representado por uma comissão semelhante. A comissão de Greco informou, depois de um mês de deliberação, que o mérito do referido quadro "era tão grande, que não podia ser avaliado ou calculado". Mas fixou o preço da compra numa soma equivalente a cerca de oitocentos e setenta e cinco dólares. A comissão representando, contudo, a resposta da catedral, achou que "tal avaliação era excessiva e estava fora dos limites da razão". Certo negociante de prata, Alego de Montoyo, foi indicado para julgar. Depois de considerável deliberação, conseguiu vencer, afirmando que o quadro era um dos melhores que até hoje vira e que, se fosse avaliado de acordo com seu verdadeiro mérito, a quantia seria tão grande, que ninguém poderia pagá-la. Acrescentou, contudo, que "em vista da natureza da época e a importância paga, geralmente, aos quadros dos grandes artistas", fixaria o preço de três mil e quinhentos reais — cerca de trezentos e cinquenta dólares americanos.

O quadro é hoje considerado uma das obras-primas do mundo. É o "Espólio" ou "Cristo despojado de seus trajes no Calvário".

Os poucos incidentes conhecidos da vida de El Greco parecem estar ligados a discussões. Existe um documento sobre uma alteração que teve, em 1580, com um personagem que era nada menos do que o rei da Espanha. Havia sido incumbido por Filipe de pintar, no Palácio Escorial, a legenda do martírio de São Maurício. A princípio, El Greco se queixou de que

não poderia empreender o trabalho porque lhe faltava grande parte de uma tinta muito cara, chamada azul ultramarino. Felipe adiantou o preço da tinta e o trabalho foi executado. No entanto, quando o quadro ficou pronto, Felipe recusou-se a pendurá-lo no Escorial. Mandou que o artista o levasse de volta, envergonhado. Uma pessoa ligada à corte, o Padre Siguenza, escreveu sobre esse quadro: "Ele não satisfaz a Sua Majestade. E isto não é de espantar, porque não agradou a quase ninguém, ainda que dissessem tratar-se de um trabalho da mais alta arte e ser o autor homem muito instruído, de cujas mãos tem saído grande número de excelentes trabalhos".

Durante toda sua vida, El Greco parece ter sido centro de discussões. Era insultado pelos inimigos e incompreendido pelos amigos. Viveu em Toledo durante trinta e oito anos, até sua morte — um completo enigma para seus contemporâneos. Teria sido casado? Não há registro de casamento. Existe, contudo, o registro de um filho, Jorge Manuel, que se tornou um medíocre arquiteto. Alguns biógrafos de El Greco pretendem que o registro de casamento tenha-se perdido; outros, que o filho era de uma amante, a qual aparece em diversos de seus retratos. Ninguém sabe se teve outros filhos. Diversos de seus estudos de

moças foram considerados retratos de uma filha. Um de seus quadros representa um grupo de família, julgada sua própria família. Todas essas ocorrências, contudo, são meras conjecturas.

Que aparência tinha El Greco? Um auto-retrato que pintou quando moço, e que Clóvio menciona em sua carta, perdeu-se. Uma das figuras que aparece em diversas de suas obras-primas é, na realidade, segundo alguns, um auto-retrato. Uma figura com as mesmas características se repete em seus quadros: um rosto com um longo perfil admirável e nervosas mãos esguias, nariz forte, boca meio cruel, fronte alta e olhos negros e inquietos. Será este um retrato de El Greco? Talvez, mas nada o prova com evidência.

Sua morte está mergulhada no mesmo mistério de sua vida. Não deixou testamento. Mas a data de sua morte estava inscrita no livro de registro da cidade — 7 de abril de 1614. "A 7 de abril morreu Domenico Greco. Não deixou testamento. Recebeu sacramentos. Foi enterrado em São Domingos, o Antigo".

Mas seu corpo foi removido, pouco depois desta data. Não se sabe, ao certo, onde se encontram seus restos.

★

Com esses poucos fatos isolados, como poderemos reconstruir o homem? Embo-



"A Crucificação" — quadro de El Greco, existente na Galeria Nacional de Atenas, na Grécia, até a invasão italo-alemã.

ra os fatos sejam pálidos e insignificantes, temos razão em acreditar que o homem era inteiramente o contrário. De fato, por todas essas indicações, El Greco era um dos mais estranhos e fascinantes nomes que têm existido. E é uma ironia que uma personalidade tão poderosa pudesse ter deixado, de si própria, tão escassas notícias. Há uma forte suspeita de que levara deliberadamente uma vida de solidão, em sua terra adotiva, e de que deliberadamente destruiu todos os registros pessoais que pudessem servir como um traço pelo qual a posteridade fosse capaz de descobri-lo. Isto é, destruiu todos os traços, exceto um — sua pintura. Todos os seus quadros importantes foram assinados por ele em atrevidas letras gregas. Era como se dissesse: "O mundo me conhecerá somente por meus quadros. Eles são suficientes para assegurar minha fama". Isto é o supremo egoísmo. E, no entanto, é verdade. O homem chamado El Greco, chegou até nós como uma curiosidade lendária. Mas o trabalho tem uma personalidade própria, definida. Com uma diabólica clareza, o homem envolveu-se em mistério. Mesmo seus contemporâneos não puderam aproximar-se dele o bastante para compreendê-lo. Pacheco, cunhado de Velázquez, conta que "O Grego era um estudioso de tudo, um filósofo, um sábio, um escultor e um arquiteto, tanto quanto pintor". Considerava-a, em todas as coisas, "tão singular como em sua pintura". Acima de tudo, era um crítico severo de seu próprio trabalho e dos trabalhos alheios. Uma ocasião, observou brandamente a Pacheco que "Miguel Angelo era um bom homem, mas que não sabia pintar". Queria dizer com isto, segundo parece, que Miguel Angelo era preliminarmente um escultor e carecia da sensibilidade de um colorista. Tal crítica chocou o conservador Pacheco, para quem todos os mestres da Renascença Italiana eram deuses. Giuseppe Martinez, na carta que já mencionamos, escreveu acerca do pintor: "Sua natureza era extravagante como sua pintura. Não se sabe, com segurança, o que fazia com seus trabalhos, porque costumava dizer que nenhum preço era suficiente para eles. Recebia muitos ducados, mas gastava-os também em grandes festas e ostentações em sua casa, ao ponto de pagar músicos para entretê-lo, à hora das refeições. Foi um famoso arquiteto e muito eloquente em seus discursos. Teve poucos discípulos, mas nenhum se preocupou em seguir seus caprichos e seu estilo extravagante que se ajustava somente a ele próprio".

★

Viveu na Espanha os últimos trinta e oito anos de sua vida. Mas nunca se ligou à sociedade espanhola. Conservou-se firmemente à distância. Era orgulhoso de sua nacionalidade grega e olhava com desdém os habitantes de sua terra adotiva. Se vivia socialmente uma vida solitária, era ainda mais sózinho espiritualmente. Outros pintores pertencem a escolas, têm predecessores e continuadores. Com exceção de seus primeiros quadros italianos, alguns dos quais podem ser confundidos com os trabalhos de Bassani, El Greco não apresenta sinais de nenhuma genealogia artística. Não teve continuadores diretos.

Era tão desdenhoso das coisas da Espanha, esse pai da pintura espanhola, que o aborrecia ter de aprender a língua nacional. Quando se exaltava numa raiva cega, diante da sociedade — ocorrência que era frequente — gritava com força em seu grego nativo, coisas que ninguém poderia entender. Ao chegar a Toledo, em 1576, o Prefeito da cidade fez-lhe uma série de perguntas rotineiras sobre sua vida. Replicou abruptamente: "Não me considero obrigado a informar por que vim a esta cidade, ou por que razão deverei responder a qualquer outra pergunta que me façam".

Na verdade, os únicos traços de El Greco deixados são seus quadros. E esses revelam muita coisa sobre ele. Muitos dos que nós agora consideramos obras-primas estiveram escondidos em adegas empoçadas, durante centenas de anos. Assim sucedeu até que, no século vinte, El Greco foi descoberto. Somente com o nascimento da arte moderna e o aparecimento de Cézanne, El Greco encontrou seus verdadeiros contemporâneos. No século dezessete era um estrangeiro. Talvez tenha sido esta a razão de se ha-

ver envolvido num véu, preferindo que seus quadros falassem a outra geração, possivelmente mais capaz de entendê-lo.

Que foi feito desses quadros? Pela cor e pelo desenho, assemelhavam-se a uma história de detetive. O Prado em Madrid, o São Tomé em Toledo, a Galeria Nacional em Londres, o Museu Metropolitano em Nova York — todos eles contêm magníficos fragmentos da espantosa arte de El Greco. Juntamos os fragmentos e teremos um admirável capítulo da história da arte.

Nascido em Creta, bizantina pela cultura, El Greco era bizantino no íntimo. Essa cultura bizantina do Este viera às costas da Espanha, através do rasto dos navios das invasões árabes. Os árabes viveram na Espanha durante sete séculos, e lá deixaram impressos seus arabescos. Quando os cristãos subiram ao poder na Espanha, e expulsaram os infiéis, herdaram deles os frutos do Oriente. A Espanha era oriental. O que significa ter sido parte semita, parte egípcia e parte maometana, além de apaixonadamente cristã em sua psicologia. Sua arte característica, mesmo antes do tempo de El Greco, disseminara rostos escuros e longos, pés descalços, ardente olhos castanhos e barbas de profetas. Tudo isso era uma arte imigrante. Quando o monarca da Espanha queria quadros para a corte, comprava-os dos Países Baixos, Alemanha e

Itália. O centro da vida nacional da Espanha era Madrid, onde o rei vivia. Mas El Greco viera a Toledo. Esta era a cidade perfeita para ele. Parecia uma Veneza em cores frias. Achava-se entre rochas de um marrom avermelhado contra um fundo de um isolado céu ultramarino. Havia força em suas paisagens, uma expressividade violenta e única. Era uma cidade de silêncio e contemplação. Poucas de suas casas abriam-se nas ruas. Foram construídas rodeadas de pátios, em completo e sagrado retiro doméstico. "Uma cidade estranha e orgulhosa! Era um paradoxo de misticismo e imundície, um cruzamento de esplendor e de vulgaridade, de poesia e juramentos falsos". Causa admiração que um estrangeiro como El Greco interpretasse o espírito dessa cidade tão penetrantemente e tão esplendidamente. E que se tornasse o pai da moderna pintura espanhola. Era uma espécie de Enéias, de última hora, que trouxe as sementes de uma nova visão para um novo país. E julgando-se pela poesia alucinada de sua visão, sua peregrinação o poderia ter levado, como Dante, através das moradas dos condenados.

★

A primeira obra-prima de El Greco foi o "Espólio", sobre o qual, como já notamos, discutira com o Cabido da Cate-

dral. Seu segundo trabalho popular era o "Martírio de São Maurício". A lenda do martírio, em torno da qual o quadro foi pintado, é a seguinte: Maurício e sua legião tebana eram cristãos convertidos vivendo no império romano. Como súditos leais do Imperador, eram obrigados a saudar os deuses pagãos de Roma. Como leais súditos de Cristo, recusaram-se a fazê-lo. Decidiram então morrer pela fé.

O quadro é composto de três episódios do drama. No primeiro plano, Maurício é mostrado explicando a situação a cinco dos oficiais do seu Estado-Maior. A direita e no plano central da tela, Maurício está em pé, estóicamente, e observa os soldados oferecerem suas cabeças, uma por uma, para serem executadas. Um homem nú está estendido no cepo. Os outros esperam pacientemente por sua vez, numa longa fila que se retorce como uma serpentina, até o próprio fundo da tela. No canto do lado direito, anjos esperam para receber as almas de Maurício e seus companheiros mártires. A pintura é executada num tamanho imenso. É de quinze pés de altura e dez pés de largura — reminiscência do "Juízo Final", de Miguel Angelo. As cores são em tons claros — azul real, rosa pálido e amarelo limão, para as fardas dos militares, e verdes, amarelos e cor de rosa, para os anjos.

(Continua na pág. 33)



"Retrato do Rei Fernando", obra de El Greco pertencente ao Museu do Louvre.

OS PRECURSORES DE UMA GRANDE DESCOBERTA

A idade de ouro da Física — De 1895 a 1920 — Sir William Crookes, o homem que separou o urânio-X do urânio — As experiências de Millikan nos Estados Unidos — Lord Rutherford, o primeiro a "bombardear um átomo", em 1911, e descrevê-lo acuradamente.

Por JOHN WOODWARD

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

NOS começos do século passado, John Dalton, cientista britânico geralmente considerado como o fundador da química moderna, defendeu uma teoria muito justa, que resultava das suas experiências sobre o peso relativo em que as substâncias elementares se combinavam umas com as outras, descrevendo um elemento (uma substância que não se pode resolver em outra substância) como composto de partículas idênticas umas às outras em todas as suas propriedades e iguais em peso. Dez anos mais tarde, o químico britânico Prout ia mais longe, declarando que os átomos de todos os elementos se compunham de átomos de hidrogênio, os mais leves e — sabemos-lo agora — os mais simples em estrutura entre todos. A ciência teve de esperar mais de cem anos por uma prova indisputável, visível, da solução do mistério, mas já em 1886 a solução correta era apresentada. Nesse ano, Sir William Crookes lia uma comunicação à Associação Britânica:

"Acredito, portanto, que, quando dizemos que o peso atômico do cálcio, por exemplo, é 40, realmente exprimimos o fato de que,

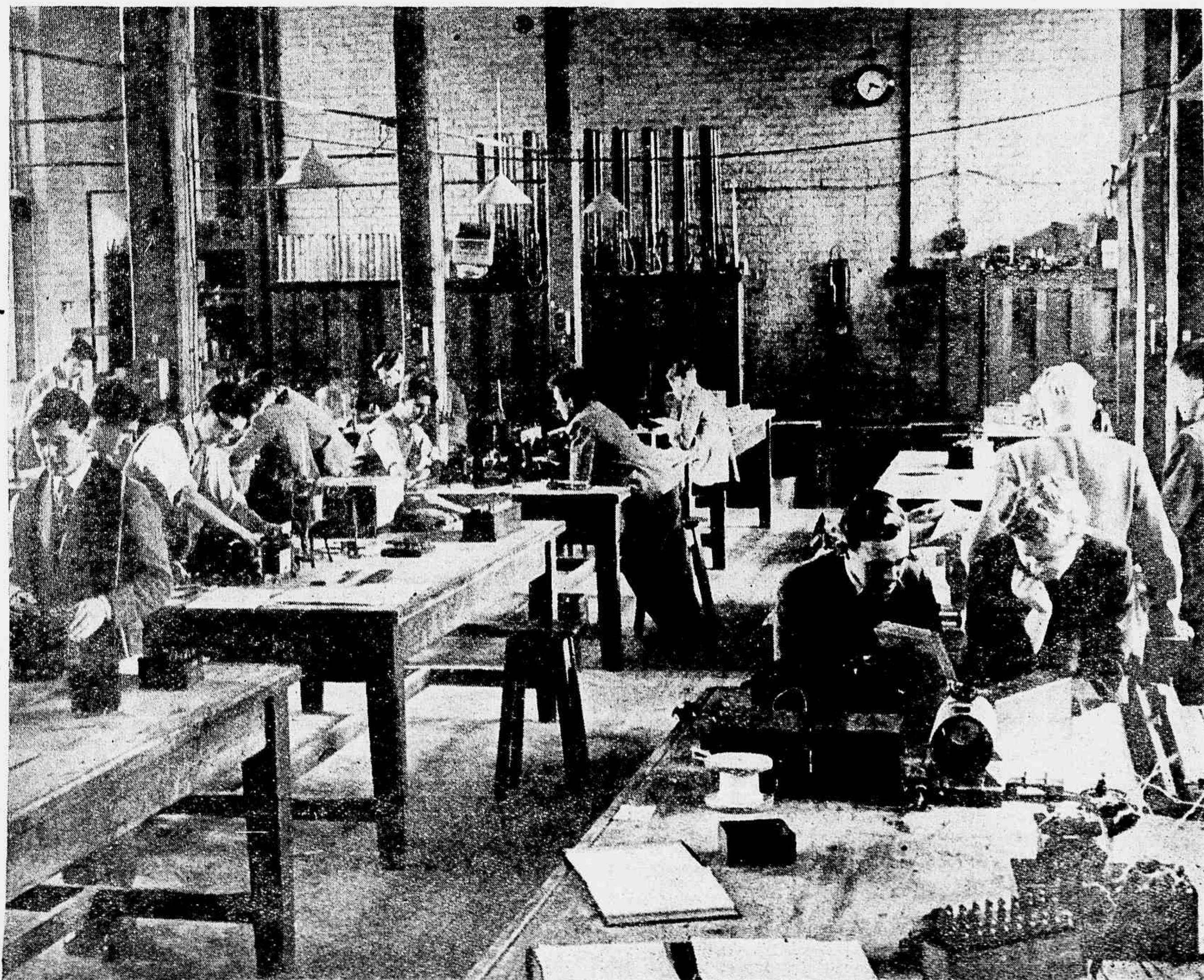
embora a maioria dos átomos de cálcio tenha um peso real de 40, não deixa de haver alguns que sejam representados por 39 ou 41, um número menor por 38 ou 42, e assim por diante... Isto pode parecer uma especulação audaciosa, mas não creio que esteja além dos poderes da química pôr à prova a sua exequibilidade".

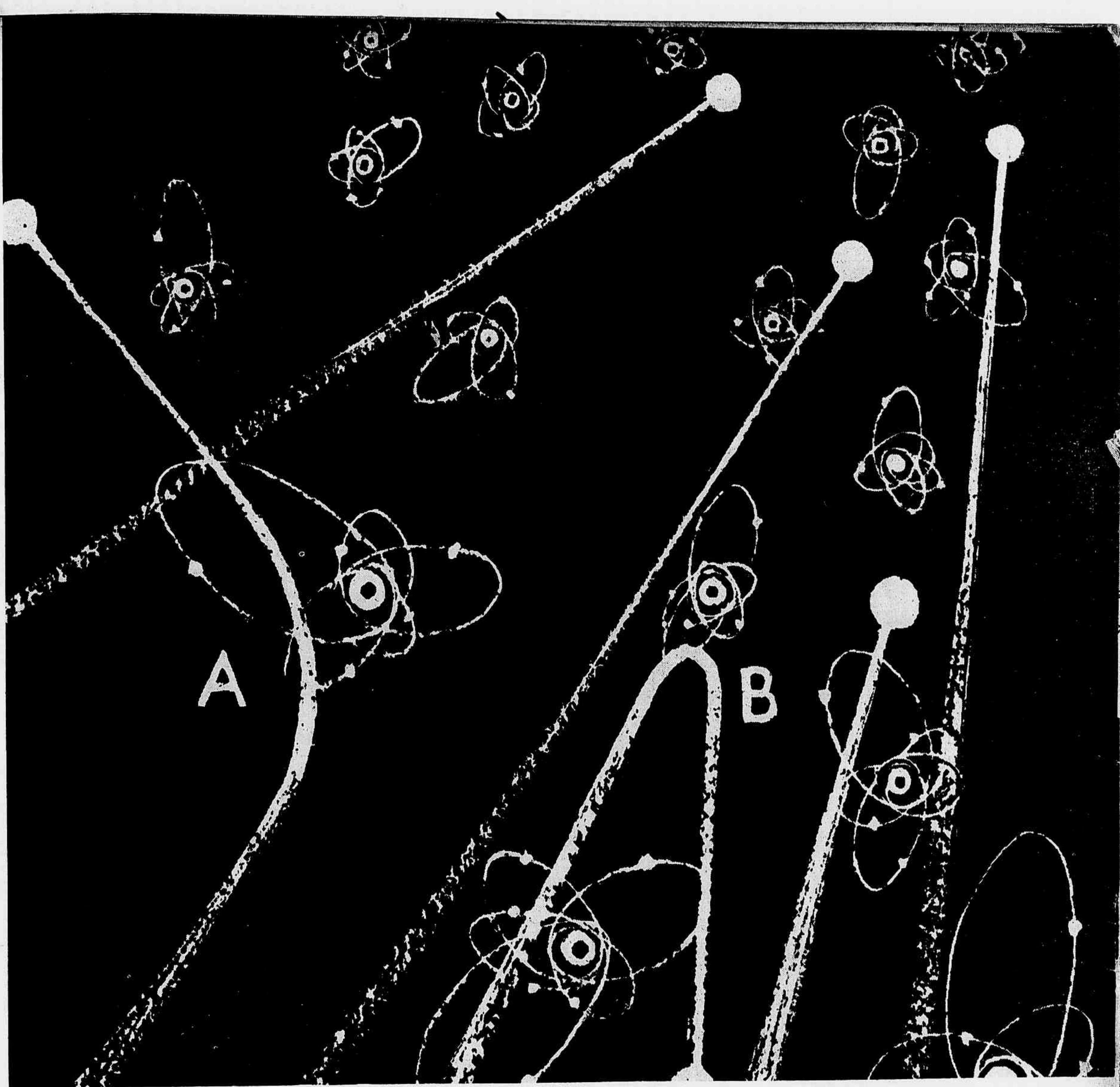
Sir William Crookes buscou pessoalmente a confirmação da sua teoria, utilizando o exame do espectro de certos elementos, como meio de captar a presença de diferentes pesos de átomos num só elemento.

Há poucos aspectos das primeiras pesquisas de física atômica em que Sir William Crookes não tivesse desempenhado importante e significativo papel. Além dos seus grandes trabalhos sobre a condutividade elétrica dos gases, Sir William separou o urânio-X do urânio em 1900, descobriu o raro elemento thallium e fez notáveis contribuições aos primeiros progressos da telegrafia sem fios.

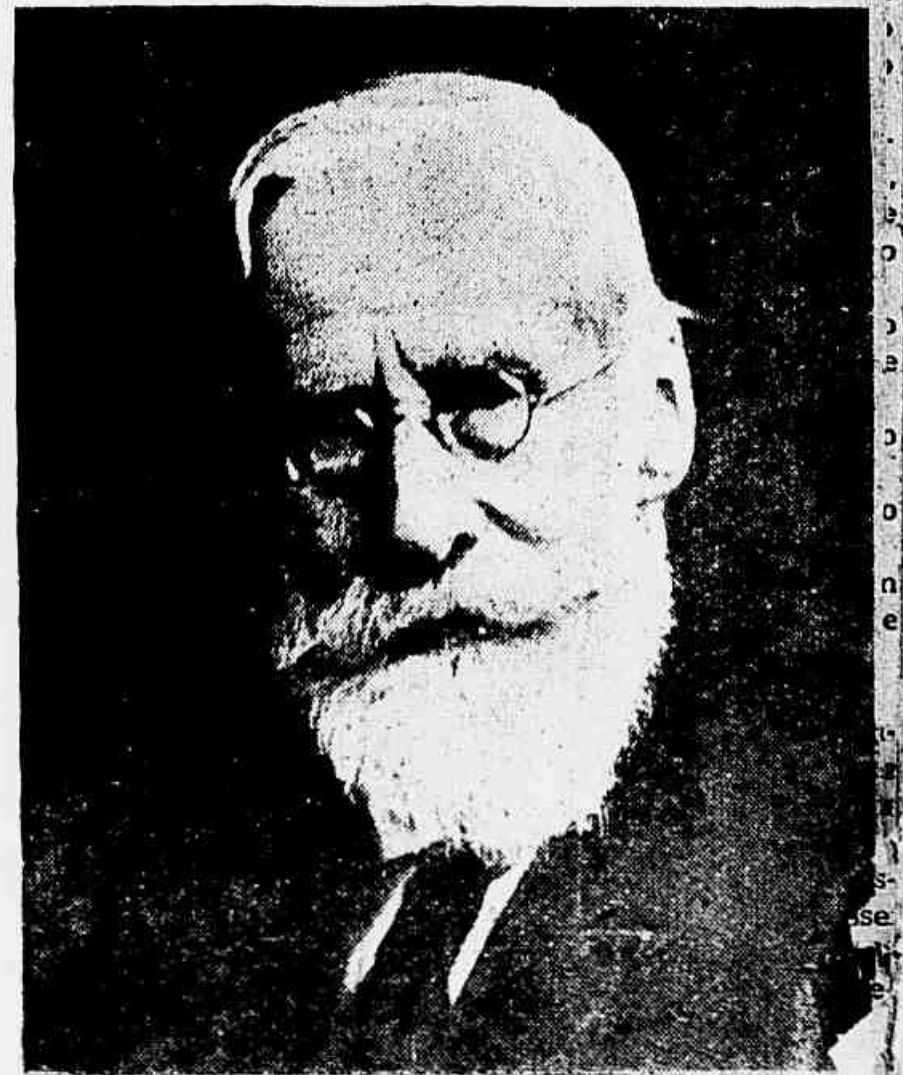
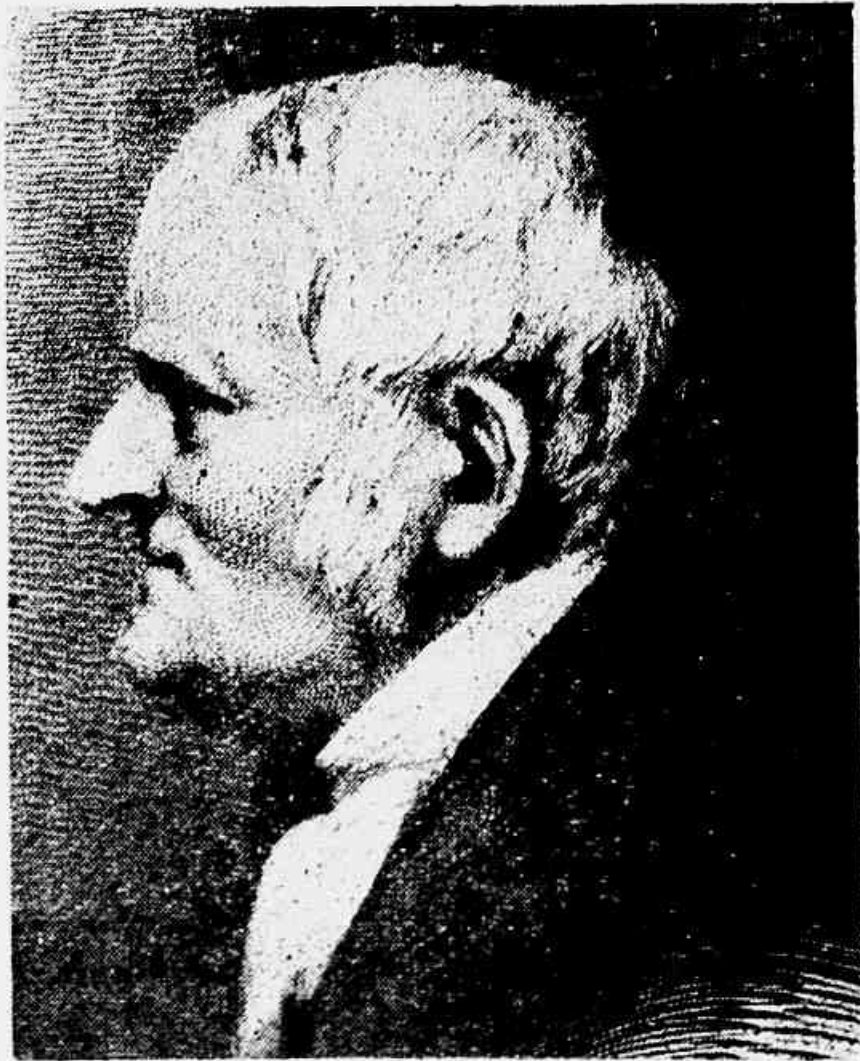
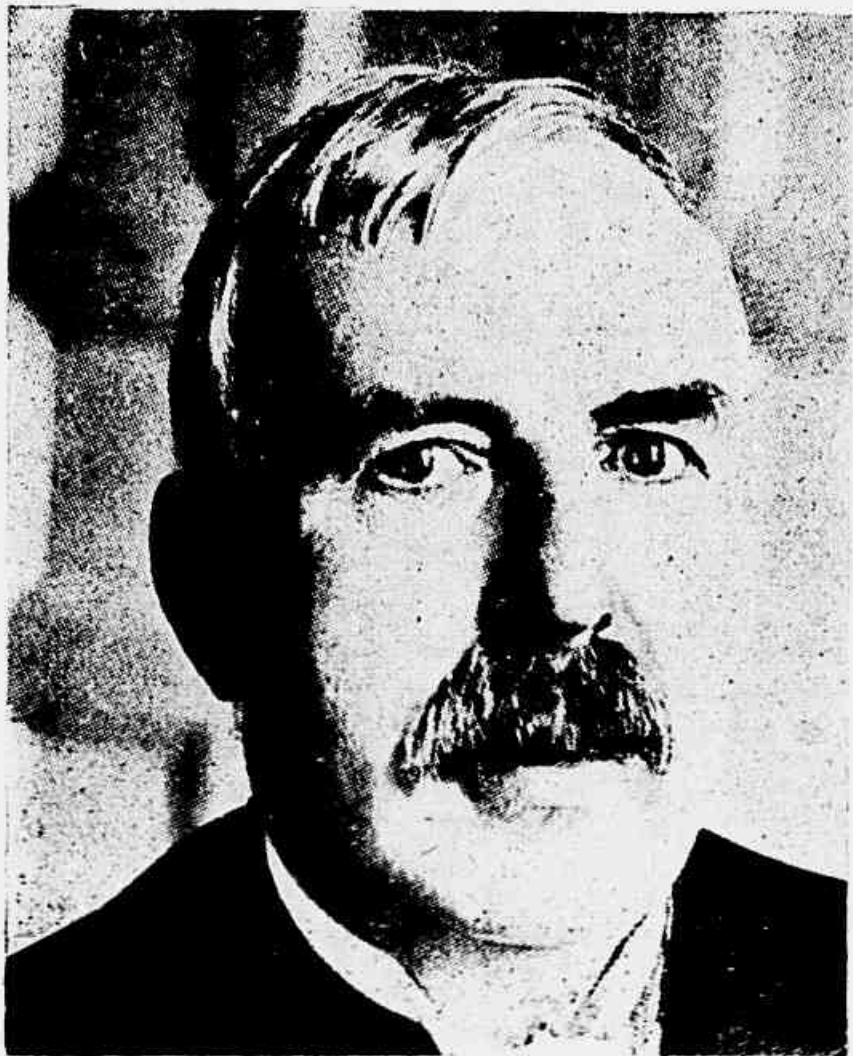
Estudantes trabalhando no Laboratório Cavendish, de Cambridge, onde a física atômica teve o seu maior desenvolvimento.

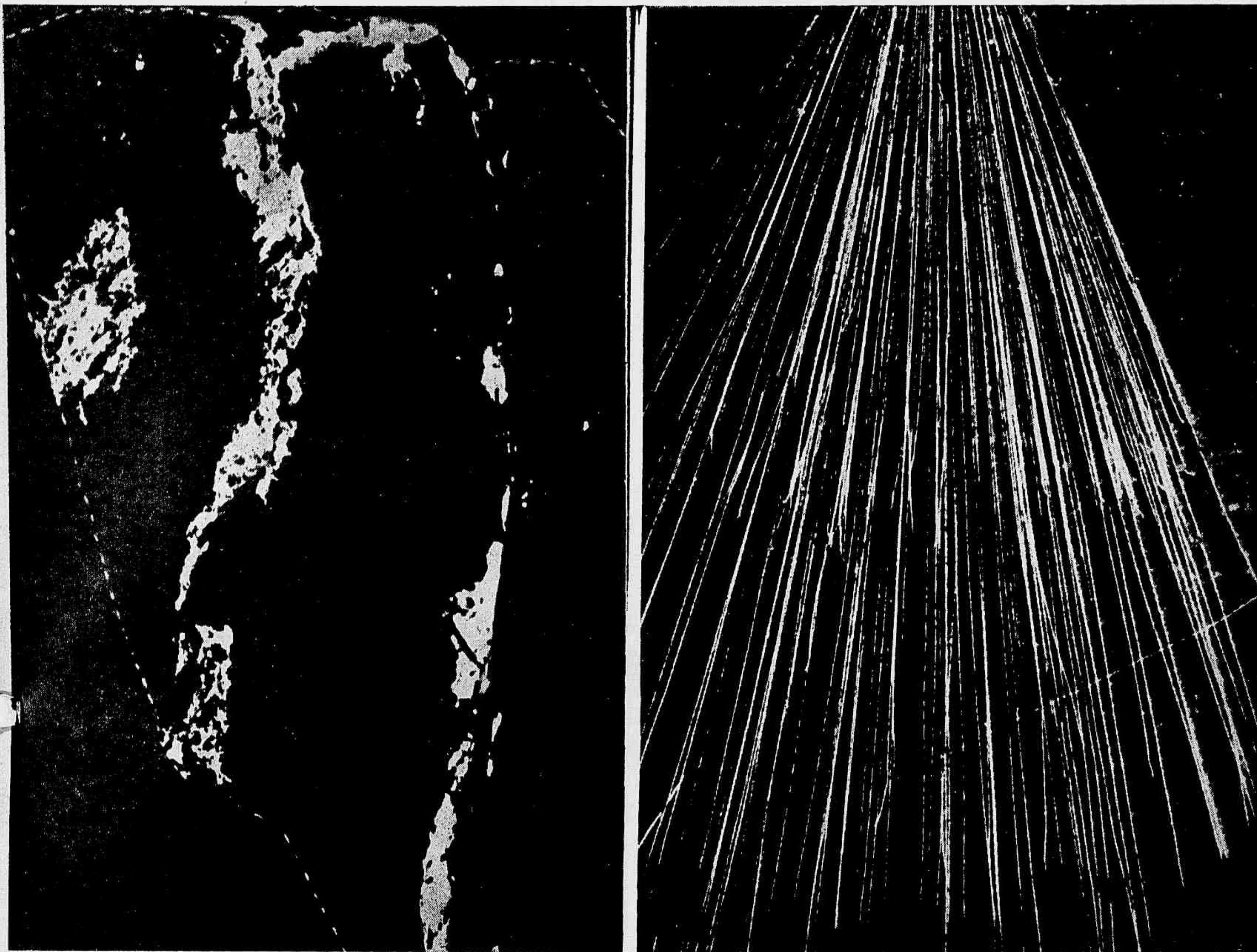
E' curioso que a primeira partícula ultra-diminuta a ser identificada e satisfatoriamente explicada não fosse um átomo, mas um pequenino componente do átomo, o electrão. Antes de 1935, quando Roentgen, de Munique, descobriu os raios X, muito se havia aprendido, pela experiência, sobre a passagem da eletricidade através de gases muito rarefeitos. Faraday, Giessler, Hittorf e Crookes acumularam grande soma de conhecimentos valiosos. Mas, embora houvesse muitos dados experimentais sobre os raios catódicos, a sua natureza só foi satisfatoriamente explicada com as históricas pesquisas de J. J. Thomson e dos seus colegas no Laboratório Cavendish, em Cambridge, pesquisas que resultaram na completa identificação da partícula elementar da eletricidade e da matéria. O nome de "electron", dado pelo cientista britânico Johnstone Stoney, muitos anos antes, à unidade final de eletricidade, foi adotado. Alguns cientistas, na ocasião, supunham que os raios catódicos eram ondas, como a luz, mas Crookes confirmou o seu ponto de vista de que eram partículas, fazendo-os desviar do seu caminho direto por meio de um campo



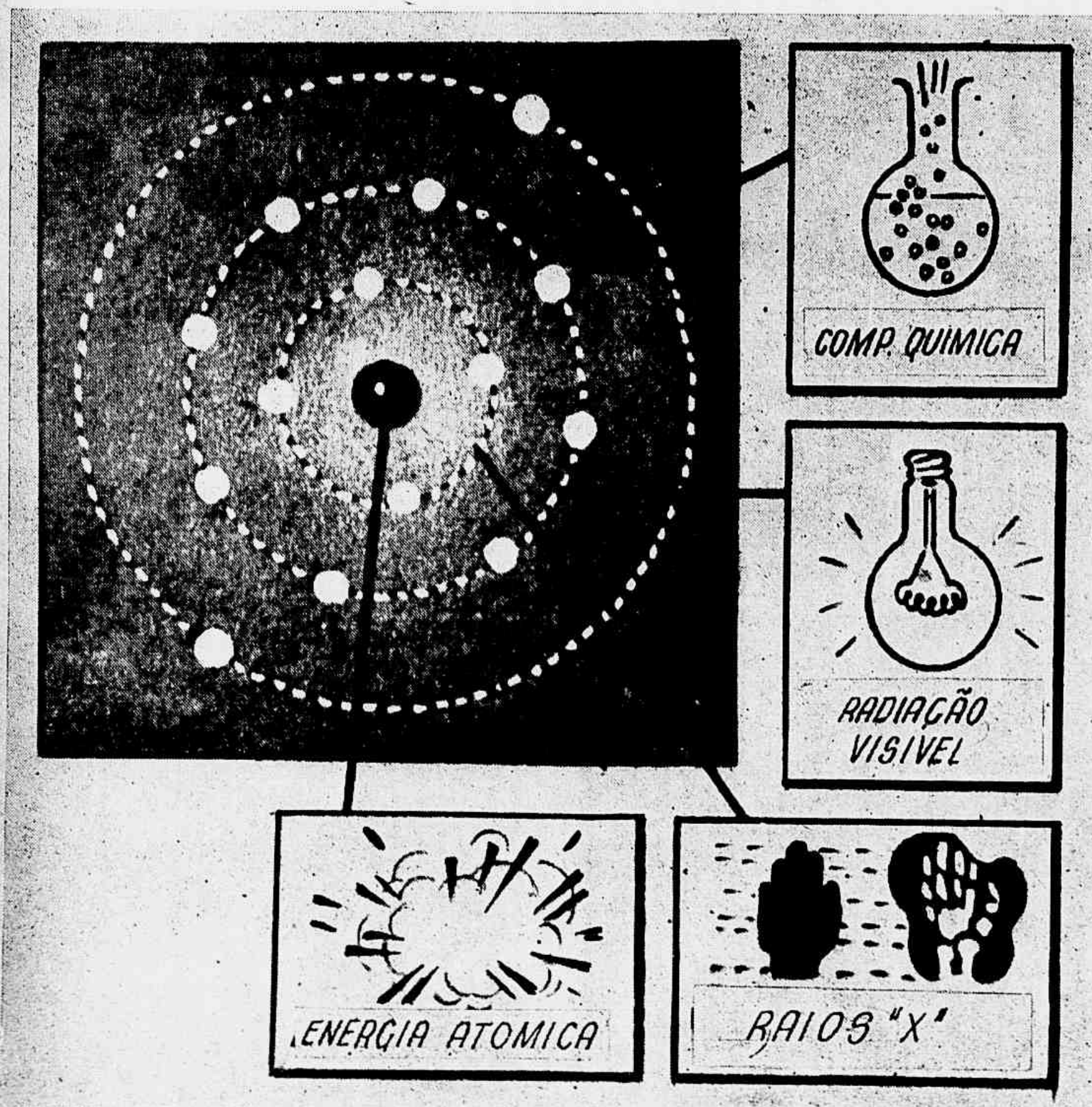


Desenho imaginário do interior de uma pequena chapa metálica quando bombardeada com partículas alfa, como nas experiências históricas de Lord Rutherford. Os átomos, com os seus electrons satélites, na realidade são mais espaçados do que se indica aqui e o fato de que a maioria das partículas-projetis não encontre obstáculos pode ser rapidamente percebido. No ponto A, entretanto, o projétil se aproximou de um núcleo — e, como o núcleo e o projétil estão carregados de eletricidade positiva, forças de repulsão fazem com que o projétil se desvie muito da sua rota original. Uma situação diferente ocorre no ponto B: aqui o projétil vai entrar em colisão direta com um núcleo — e é forçado a voltar num ângulo muito semelhante ao seu caminho de ida. Em baixo, da esquerda para a direita: Lord Rutherford, descobridor da estrutura nuclear do átomo, cujo brilhante trabalho é considerado como a maior contribuição individual para o nosso conhecimento da natureza da matéria. John Dalton, "pai da química moderna", autor da primeira teoria atômica, na base dos pesos relativos em que diferentes elementos se combinam. Sir William Crookes, glória da física britânica, responsável pela maioria dos progressos dessa ciência na segunda metade do século passado.





A esquerda : Um pedaço de pitchblenda, mostrando as veias de materiais rádio-ativos que contém. A direita : A primeira transmutação artificial de um elemento em outro : a partícula que se vê afastando-se para a direita foi arrancada a um núcleo de nitrogênio, partindo-se em oxigênio e hidrogênio, fotografada na "camara" de Wilson.



magnético. Pouco depois, Thomson conseguiu desviá-los com um campo elétrico. Fizeram-se várias tentativas de medir a razão entre a sua massa (peso) e a sua carga elétrica, com bons resultados.

Subsequentemente, Thomson produziu ions e mediu, por meio de um complicado processo, a sua carga de eletricidade. Um dos seus assistentes, C.T.R. Wilson, produziu então uma das mais importantes invenções na história da ciência — a câmara de nuvens, provavelmente a contribuição mais valiosa ao desenvolvimento da física atômica. Desde essa ocasião, a câmara de nuvens de Wilson, construída numa variedade de formas, tem estado e continua a estar em uso contínuo, desempenhando importante papel no desenvolvimento recente da energia nuclear e na produção de energia atômica. Thomson mediu tanto a carga elétrica (usando a câmara de nuvens) quanto a razão da massa para a carga (usando o desvio magnético).

Mais tarde, nos Estados Unidos, Millikan melhorou o resultado, fazendo cair gotas minúsculas de óleo através de ar ionizado e utilizando uma chapa inferior, a que se podia comunicar eletricidade, o que tornou possível manter em suspensão, durante dias inteiros, para a sua observação, uma gota de óleo contendo um simples ion. Com este método experimental, Millikan pôde calcular a carga de um átomo ionizado de hidrogênio e deduzir a massa de um electron negativo — ou seja, 1.830 vezes menor. A explicação era a de que o peso do átomo estava praticamente

(Continua na pág. 52)

Estas partículas, fotografadas na "camara" de Wilson, resultam dos efeitos dos raios cósmicos, misteriosa radiação de imensa energia, vinda do espaço.



Conto de OSWALDO ALVES

Ilustração de ABELARDO ZALUAR

ELE chegou a nossa casa com duas malas enormes — e se instalou como hóspede de honra de meu pai, que havia anunciado a sua chegada no dia anterior, à hora do jantar: "Dr. Rangel chega amanhã". Certamente minha mãe já sabia que o estranho homem ia passar uma temporada conosco, porque meu pai havia falado aquilo, como se apenas quisesse lembrá-la do que ela devia fazer: preparar o quarto de hóspedes e tomar algumas providências que julgasse indispensáveis.

Desde aquele momento não deixei de pensar no Dr. Rangel. Imaginava-o a cada momento — e minha imaginação criava centenas de figuras diferentes, que afinal não me satisfaziam. Apesar de alimentar vagos pressentimentos, eu ansiava para que ele chegasse, pois sabia que só assim poderia me desfazer dos pensamentos incômodos. Tinha a certeza de que iria vê-lo no dia seguinte, e que, portanto, qualquer idéia que fizesse dele, seria

inútil. Mas esta convicção não impedia a ação do subconsciente. E o Dr. Rangel continuava passando pela minha cabeça — ora alto e seco, velho e cheio de rugas, ora moço e forte, jovial e amigo. Esta última hipótese era sempre afastada. As vezes via-o descer do automóvel, alegre e bem disposto — e nesses momentos admitia mesmo a possibilidade de um presente para mim. Parecia-me impossível que ele não soubesse de um filho de onze anos, do amigo que iria hospedá-lo como um príncipe.

Dormi mal naquela noite, aflito para que o dia amanhecesse e a tarde trouxesse o Dr. Rangel.

No dia seguinte calculei a hora exata em que deveria chegar o automóvel da estação, e fiquei assentado no gradil do alpendre, esperando. Mas por desgraça o trem atrasara — e por este motivo permaneci muito tempo quieto, reprimindo a minha impaciência.

Minha mãe passara várias vezes no alpendre, dando ordens e fazendo os últimos arranjos. Olhara-me intrigada. Naturalmente achara esquisito o meu comportamento. Ela sabia que o filho era incapaz de permanecer 10 minutos quieto, sem cometer um disparate. Ao passar pelo alpendre a quarta vez, parou diante de mim e abanou a cabeça dizendo:

— Esse menino tem coisa hoje. Há quase uma hora que está empoleirado no gradil do alpendre, sem se mexer!

Faltavam poucos minutos para às nove, quando um farol de automóvel iluminou a ponta da rua. Instintivamente compreendi que vinha para nossa casa. Alguns segundos mais, e o carro fazia a volta, projetando o farol sobre os meus olhos, impedindo que eu visse a figura do Dr. Rangel desfeita pela escuridão, no assento de traz. Eu tinha a certeza de que era ele, não admitia nenhum imprevisto que pudesse impedir a sua chegada.

Precipiei-me impaciente, no momento exato em que ele abria a portinhola. Na semi-escuridade eu vi o seu corpo arqueado saindo, enquanto perguntava ao "chauffeur" quanto tinha de pagar. A voz era espantosamente grossa e me pareceu áspera, desagradável. Quando entrou no alpendre fiquei a olhá-lo fixamente, como procurando descobrir vestígios dos mistérios que minha imaginação havia criado em torno da sua pessoa.

Alto, magríssimo, o rosto enrugado e o queixo pontudo, projetado para a frente. Assim era o Dr. Rangel, tão ansiosamente esperado, que me decepcionou tanto, e que mais tarde iria obrigá-lo a renovar várias vezes o juízo apressado que eu ia fazendo dele.

Minha decepção aumentou mais nesse dia, quando o vi tirar o chapéu e alisar a cabeça onde poucos fios de cabelos brancos se alvoroçavam.

Naquele momento meu pai me havia arrancado do embarço, interrompendo a minha análise:

— Cristiano, leve as malas do Dr. Rangel para o quarto.

Peguei as malas, fiz um grande esforço — e nem sequer pude movê-las. Então o Dr. Rangel, voltou-se para mim com indiferença e disse secamente:

— Deixe. Você não pode com elas.

Senti-me chocado, pois até aquele momento ele parecia não ter dado pela minha presença. Isso me fez sofrer muito — e desde aquele instante senti por ele uma grande antipatia.

Olhei-o com raiva, cuspi nas mãos, redobrei o esforço, disposto a mostrar àquele "esguicho" (assim passe a chamá-lo desde o primeiro dia) que eu seria capaz de levá-las. Ao ver a força que eu fazia, sem nenhum re-

ANTOLOGIA BRASILEIRA DO CONTO

OSWALDO ALVES é uma das revelações mais recentes do romance brasileiro. Em "Um homem dentro do mundo", deu-nos esse jovem escritor uma obra densa e de grande significação. Não era a sua estréia, porque antes já publicara um livro de versos. Mas era a afirmação de um excelente prosador, liberto de influências, com uma personalidade marcante e com um estilo sem hesitação. Depois de uns três ou quatro anos, apareceu Oswaldo Alves novamente desta vez como contista, com o livro "Uma luz na enseada". E' desse volume o conto "O Estranho", que transcrevemos nesta página.

(Continua na pág. 54)

Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO

CANCIONÁRIO, SÁTIRAS, PRECEITOS E CONCEITOS, versos de Bastos Tigre — Rio de Janeiro, 1946.

São três livros pequenos que resumem, exemplificando-a, vastíssima obra poética. Nunca no Brasil, e podemos bem dizer na língua portuguesa, alguém produziu tantos versos como o Sr. Bastos Tigre. E sempre bons, eis a maior singularidade, conforme o preceito atribuído a Apelles, não deixa passar um só dia sem cultivar a chamada linguagem dos deuses. Faz versos para as suas peças de teatro; para a sua colaboração em revistas e jornais; para — e não é segredo isto — a sua agência de publicidade; e ainda, e sobretudo, por amor à arte. Os seus livros rimados ocupam uma boa prateleira de estante. E foi por entre tantas flores e luzes de culto apolíneo que ele escolheu as páginas agora divididas por estes tres brevíssimos de poesia.

Cancionário, que é quase inteiramente em redondilha maior, assim principia:

Pela ponte lá da praia,
Vieste cá me visitar;
Deus queira que a ponte cáia
Quanto quizeres voltar.

Maldigo quem te ache feia,
Quem tem ache bela também.
Quero mal a quem te odeia
E odeio a quem te quer bem.

E' ver-te o que mais desejo;
Mas vê tu que insensatez:
Eu vejo que te não vejo
Se vejo que não me vês.

Em luas frias maneiras
Eu não me incomodo, pois,
Embora tu não me queiras,
Meu amor vale por dois.

Meu amor enche-me a vida
E eu vivo feliz assim.
Basta que gostes, querida,
De ser querida por mim.

Quem ama (dizem) não pensa.
Pensa, sim, pensa em amar.
Do resto é que se dispensa!
Não perde o tempo em pensar.

CANCIONÁRIO

RIO DE JANEIRO

ANTIGA FAMÍLIA DO SERTÃO, reconstituição genealógica por Esperidião de Queiroz Lima — Livraria Agir Editora — Rio de Janeiro, 1946.

Trata-se de uma reconstituição genealógica, historiada às vezes, outras romanceada, sempre em linguagem clara e cativante.

A narrativa principia em 1685, com a chegada de Antônio Duarte de Queiroz, ao Engenho Jacaré, pertencente a seu tio Manoel Pereira de Queiroz e situado à margem esquerda do rio Goiana Grande, na Capitania de Pernambuco. Esse Antônio Duarte veio a ser o tronco brasileiro da família Queiroz, que se ramificou em Pereira de Queiroz, Queiroz Lima, outros galhos mais ou menos robustos, mais ou menos ditosos e frondando um pouco por todo o Ceará.

Os enlances e desdobramentos da árvore benfada se efectuaram por entre aventuras variadas, lances ora dramáticos ora caprichosos ou joviais, e a que estas páginas vão dando vivo interesse literário. Temos aí a parte verdadeiramente da autoria do Sr. Esperidião de Queiroz Lima, pois se os casos que se sucedem não foram por ele criados e sim colhidos na tradição familiar, a sua exposição, como agora a podemos apreciar, exigia positivas qualidades de escritor e de artista. Eis o que dá à obra caráter, valor e, portanto, indica a quem ela deve, como título autoral, pertencer.

Os episódios aproveitados nos capítulos do livro, podem ser divididos entre sentimentais e políticos. Felizmente, predominam aqueles. Os outros, ligados à história de Ceará e, naturalmente, um tanto ou quanto à do Brasil, devem ser conhecidos de todo leitor educado; e nem o Sr. Queiroz Lima lhes poderia introduzir inovações, revelações. Na categoria afectuosa se incluem as passagens de mais relevo, que mais impressionam. Assim nos comovem os amores que, subitamente, à primeira vista, para sempre uniram os dois rapazes Ignácio Pereira de Queiroz Lima e Victoriano Nogueira de Queiroz, a suas primas Francisca e Bertoleza Brito. Nada mais enternecedor. Outra história acontecida, e agora bem contada, é a da desavença surgida entre o capitão Joaquim Ferreira de Araújo e sua esposa, por causa do noivo, que ele resolvera impor à filha do casal: sujeito abastado mas antipático, brigão e "pouco branco". Chegou a desavença a ponto de os conjuges se não falarem, ou antes: de D. Anastácia passar um mez sem dar palavra ao marido. Mas, em certo domingo de "missa santificada", a esposa do capitão como sempre o acompanhou à igreja. Iam os dois no mesmo cavalo, ela à garupa e dificilmente se mantendo, pois, em todo o percurso, nem uma só vez, encostou as mãos ao marido. No templo, rezou fervorosamente, pedindo a Deus que lhe valesse bem como à filha ameaçada daquele sacrifício cruel. E então o coração inspiradamente lhe disse que, se não vencesse o marido pela humildade e a doçura, pelo capricho e o orgulhomuito menos. A' volta, "tirou as mãos da burrinha da sela, colocou-as nos ombros do marido e, apertando-os suavemente, disse:

— Meu marido, não casemos nossa filha com aquele homem que tanto aborreço!
Ao que ele respondeu:
— Descanse seu coração, que já está desfeito tal casamento".

Com efeito, mal chegados a casa, o capitão escreveu ao pretendente da moça, declarando-lhe que dava o dito por não dito. E o ponto mais lindo da passagem é que a excelente D. Anastácia atribuiu a um milagre a conversão do marido e por tal prodígio para sempre ficou dando graças ao Senhor.

D. Francisca Barreira de Queiroz, chama à ordem dois filhos que, por questões de terras, andam de mal; e, não sendo prontamente atendida, tira do guarda-comida um couro de bode, estende-o no meio da sala, põe-lhe em cima uma travessa de pirão e carne e, com uma ordem irresistível, obtém que os filhos comam juntos, se reconciliem. E diz ainda:

— Foi assim que os criei, sentados no mesmo couro e comendo na mesma tijela. Não admito brigadas entre os meus filhos."

D. Bárbara, esposa do revolucionário Tristão de Alencar, sendo este preso e enviado para Recife, acompanha-o, por não ter tempo, de se arranjar melhor, vestida apenas de saia e camisa — até que, no porto, uma escrava, condóida, lhe cobre com uma toalha os ombros nus. — D. Anna Ferreira Lima de Alencar Araripe, por morte de seu marido Tristão Araripe, vítima de um assassinato político, passa a chamar-se Anna Triste de Araripe. — Um sentenciado, diante da escolta de fusilamento, solta um grito de alma: "Valha-me o Senhor do Bomfim!" Quatro vezes os soldados ajustam a pontaria, o condenado repete o brado devoto, e as balas se acharam contra o muro da execução. Então o povo liberta o homem que devia morrer e proclama o milagre. — O crioulo Francisco, intimado, entre suplícios bárbaros a revelar o esconderijo de Pedro de Queiroz Lima, responde sempre: "Não sei e não digo nem que me matem." Até que o deixam estirado no chão, todo em sangue e como morto. — A meio da terrível seca de 1825, os joazeiros da região repetiram, cobrindo-se de mel, o maná do deserto bíblico. — Um sertanejo explica o remoinho como sendo o "rio do demônio", que passa espalhando a fome, a peste e a guerra. E a seca, a varíola, e as lutas revolucionárias de algum modo dão razão ao tabaréu. — No dia marcado para o seu casamento, Luciano Dias Araújo é, a mandado de um rival, ferido à traição e de morte. Com ânimo ainda para chegar a casa da noiva pergunta a esta e o aceite por marido "assim mesmo". Resposta da moça, "De certo, se é esta a tua vontade". E chamada a toda a pressa o sacerdote, realiza-se a cerimônia do amor e da viuvez.

Outras histórias se encontram, doces ou patéticas, no volume que a gente nunca tem vontade de interromper nem de precipitar. E, como impressão final, se reconhece quão bem cumprida foi a missão que o autor se propoz, de minorar o mal resultante da migração das famílias rurais para as cidades, da sua disseminação e do abandono das belas e nobres tradições em que seus avós ainda viveram: "Justamente para combater a tendência à dispersão e ao esquecimento, resultante da inquietação dos tempos atuais, e para congregar a família numa união espiritual de simpatia e de amizade, mantida pelas afinidades de parentesco e pela memória comum do mesmo passado — é que foi escrito este livro, sincero e verdadeiro, urdido com as histórias recebidas, por tradição, através de muitas gerações e tecido com as gratas saudades da terra distante e as vivas lembranças da distante mocidade.

SONETOS, de Correia Pinto — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro, 1946.

Tendo-nos dado a série de louvores arrebatados à selva amazônica, que se intitula *Fascinação*, agora nos oferece o Sr. Corrêa Pinto obra bem mais serena e moderada.

A nova inspiração o transportou para as idéias e aspectos do mundo civilizado. Trouxe-o para diante dos monumentos, dos templos, das fábricas, dos poetas e das mulheres. E' certo que de vez em quando, a saudade da natureza bruta e livre o induz a rimar o louvor da *Seringueira* ou a procurar na música dos alexandrinos alguma coisa parecida com a *Onomatopéia amazônica*. Mas aos temas pagãos do primeiro livro agora sucedem dominadoramente as realizações do pensamento e os ímpetos ou enlevos do coração dos homens cultos. Assim os seus versos não traduzindo ora o respeito sagrado, ora a homenagem reflectida, e também a indignação, a revolta ou o desprezo. Às vezes, este último sentimento lhe dita estrofes do realismo descabelado que Jean Richepin deixou nas *Blasphèmes* e que raros poetas de valor tem repetido. Isso, porém, no presente livro, são excepções. O tom geral traduz elevação, benignidade, nobreza.

A' semelhança — não à imitação — do arrebatado Martins Fontes, com a sua prodigiosa faculdade de admirar e benquerer, celebra o Sr. Corrêa Pinto a figura e a obra de prozadores e poetas da sua predileção: Castro Alves, Bilac, Machado de Assis, Camilo, Eça, Fialho, Antonio Nobre. São esses, talvez, os melhores sonetos dos quarenta e seis reunidos no volume. Vejamos o de Olavo Bilac:

Miliardário da rima e das sensuais ardências,
cálido menestrel das estrélas e poentes,
filósofo e pagão de idéias eloquentes,
alquimista a filtrar feiticeiras essências.

há em tua poesia arroubos, confidências,
síncopes, frenesies, gozos, afagos quentes,
ritornelos de fonte e gorgheios trementes,
rangidos, escarcéus, rapsódias e plangências.

Nô icarismo aprumado e sóbrio dos teus voos;
nos hinos tropicais, de longevos rebôos,
posterizando o nome em intacta memória,

helenizaste o idioma, e a pátria enalteceste.
docilizaste o verso e nele entreteceste
O Belo, o Amor, o Irreal, a Perfeição e a Glória!



ANTIGA
FAMÍLIA
DO SERTÃO

AGIR

NOS BASTIDORES FEMININOS

A arte de preparar umas férias agradáveis requer, de uma mulher organizada, o talento de saber fechar a casa antes de partir. Ha certos detalhes, como os que enumeraremos a seguir, que merecem ser tratados com atenção:

1 — Aproveitar a ausência para mandar lavar cortinas e tapetes.

2 — Passar uma pincelada de água fervida com cebola sobre os quadros e pinturas de cores claras, afim de preservá-las contra manchas de moscas.

3 — Reunir os móveis nos centro das peças e cobri-los.

4 — Deixar as panelas e bateria de cozinha bem limpas e embrulhadas separadamente.

5 — Não deixar roupa suja. A roupa de cama deve ser retirada e enviada à lavanderia.

6 — Deixar cada chave em seu lugar ou juntá-las todas num só local. O importante é encontrá-las ao regressar.

7 — Limpar e embrulhar todos os "bibelots".

8 — Não deixar nada começado na cozinha. Latas de conservas já abertas por certo se estragarão.

9 — Fechar os relógios de gás e eletricidade.

10 — Esvaziar os vasos, floreiras, deixando-os perfeitamente limpos.

11 — Deixar bem fechadas as portas principais.

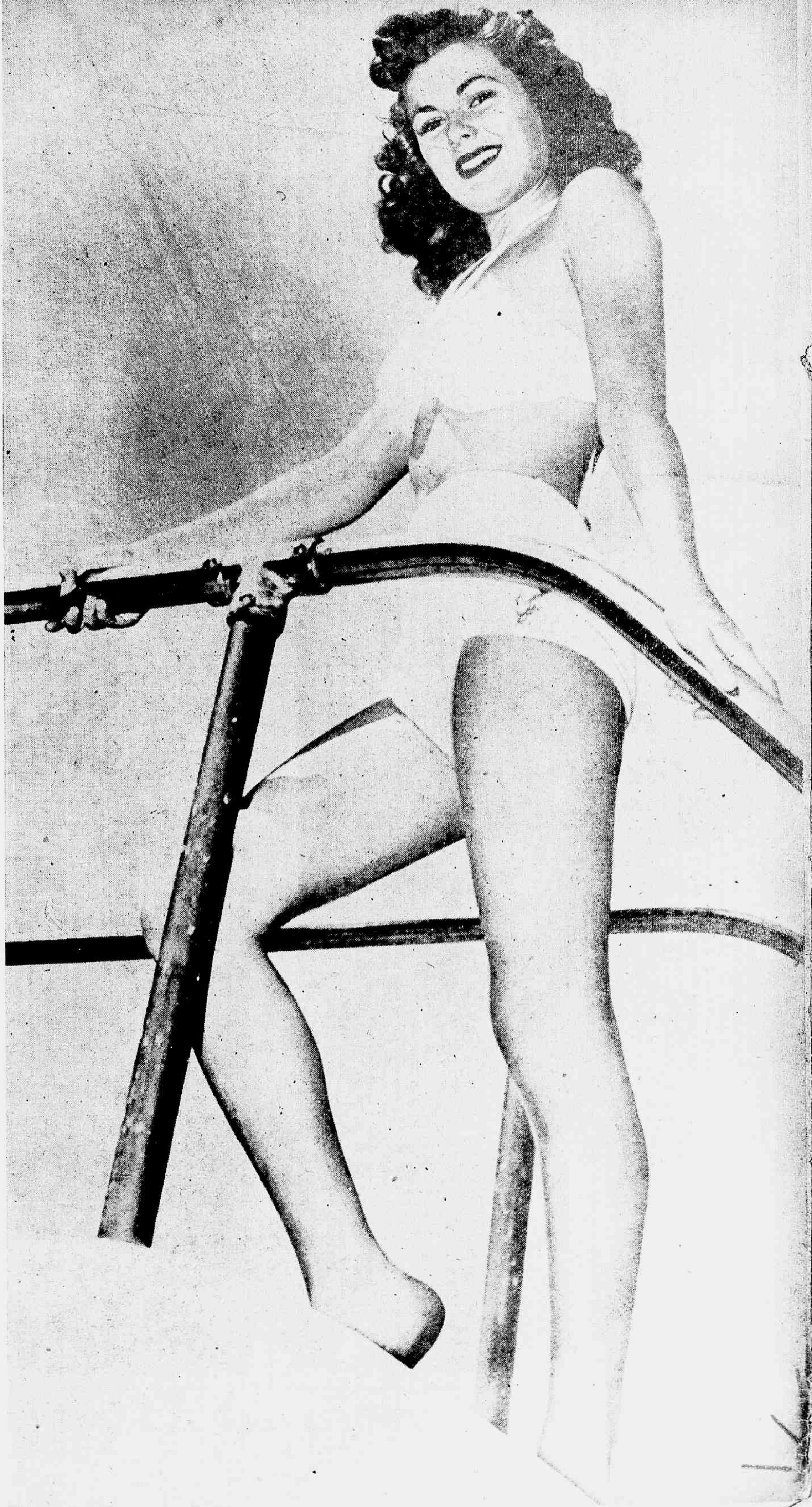
12 — Deixar uma chave com pessoa de confiança afim de que possa tomar qualquer iniciativa em caso de acidente.

13 — Enviar para a lavanderia as roupas de uso, ternos, vestidos, etc., que já estejam precisando de limpeza.

14 — Deixar pagas as contas do leite, da luz, gás, armazém, etc.

Tomadas estas precauções, você poderá viajar tranquila, e com a certeza de que ao regressar encontrará todas as cousas em ordem. Ai, bastará chamar uma pessoa para fazer uma limpeza e colocar as cousas nos respectivos lugares.

KITTY



Barbara Hale, a linda estrelinha da PKO, exhibe sua plástica maravilhosa neste audacioso "maillot" duas-peças de fustão branco.



MODELOS DE JUNE ALLISON PARA MOCINHAS



JUNE ALLISON, graciosa "estrelinha" da MGM, sugere às suas amigas do Brasil, uma coleção de traje juvenis e esportivos, que por certo mereceu atenção. Da esquerda para a direita: Blusa de "lingerie" amarela, com saia de tropical havana, bem "godet". Cinto de couro. Com uma saia cinzento escuro com listras finas brancas e vermelhas, formando losangos, June usa uma blusa de seda azul de mangas compridas com

punhos. Gola alta, com laço de "gros-grain" vermelho. Para jardinagem, ela usa este avental apropriado, de bolsos de diversos tamanhos, os quais são feitos especialmente para as ferramentas. Muito gracioso este modelinho de tafeta quadriculada, vermelho branco ou verde e branco. As mangas são folas com bordado inglês ao redor. Gola franzida, adornada com broche de cristal e laço de mesmo tecido. Saia "godet".

A esquerda : Para uma tarde mais fresca, ela usa saia de lã cinza es-
curo com "sweater" de malha vermelha e colarinho branco.

Em baixo : Modelinho de tobralco estampado com mangas e pala de
"piqué" branco. Decote quadrado com bordado inglês ao redor. O
mesmo bordado nas mangas. Saia franzida.



Em baixo : "Slacks" de panamá branco, com blusão branco com listras azuis e vermelhas formando quadrados.

A direita : Com uma calça de tropical azul marinho, June Allison usa um blusão a "vaqueiro", de algodão vermelho com grandes quadrados.







VIRGINIA HUSTON, "estrela" da RKO Radio, exhibe aqui um elegante traje composto de saia de pesado crepe cinza claro, com pregas soltas e blusa de "shantung" azul claro com peito pregueado imitando camisa de rigor. Mangas compridas, punhos duplos, laço de gorgurão azul sob a gola.

DOIS MODELOS FRANCESES

Apresentamos nesta página às nossas leitoras duas das mais recentes criações da moda francesa. A esquerda: Modelo de Andrélou em seda azul claro. Bordado em "soutache" nas mangas e no decote, em interessante desenho. E à direita temos um traje esportivo de André Ledoux. Calça de veludo "cordonnnet", cinzenta e grande casaco vermelho.

TRES TIPOS...

TRÊS

VESTIDOS

OS MODELOS para a noite requerem sempre uma atenção maior por parte das elegantes, pois eles devem ser escolhidos de acôrdo com a idade, físico e tipo de cada uma. Ilustramos aqui alguns exemplos:



Ao alto: Para a "jeune-fille", para a moça que inicia as suas atividades sociais; aquela que encanta com o seu sorriso simples e juvenil, Jean Morrison, da MGM, sugere este gracioso vestido de organdi sulco, de decote redondo e blusa imitando jaqueta. Ao redor do decote e na cintura, babados de organdi bordado. Fita enfiada no decote e laço na cintura. Sala "godet" bastante ampla.



A direita: Para um tipo mais intelectual, mais distinto e também mais "senhora", a elegantíssima Claudette Colbert sugere essa alinhadíssima "toilette" em gaze listrada preta e branca, com gola e punhos de organdi branco. A sala é "godet", bastante farta. Forro de "faille" preto.



Finalmente na página ao lado, para um tipo mais alegre e "indiferente" a lindíssima Paulette Goddard, aconselha este encantador modelo em tule branca e rendas pretas. Agora leitora amiga é só você escolher o modelo que mais lhe agrada e convém.









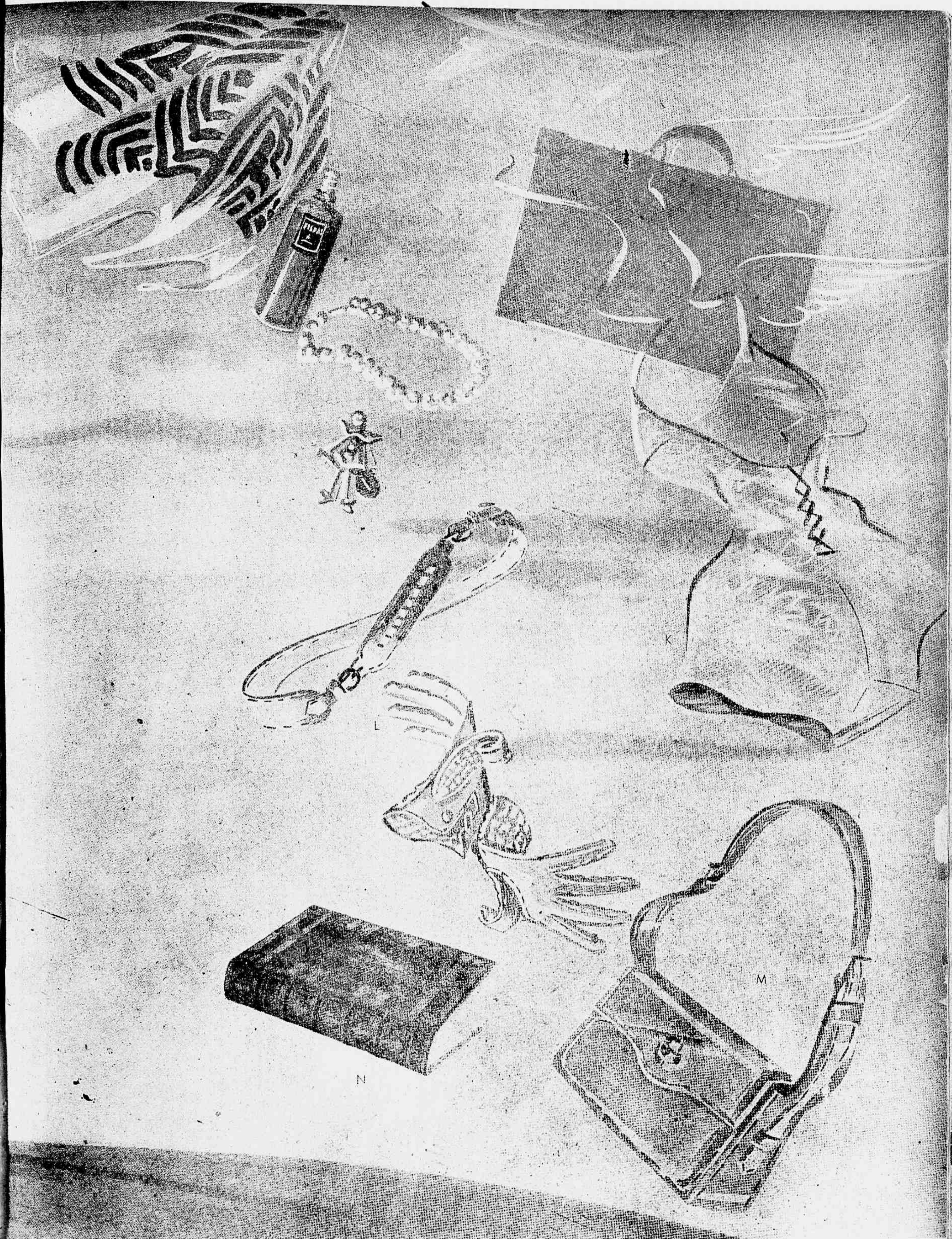
Falar sobre lingerie à uma mulher elegante, é falar de uma coisa muito íntima e preciosa. Porque, não há mulher verdadeiramente elegante que não dedique grande parte da sua atenção a essas peças maravilhosas que tanto contribuem para aumentar a sua graça e feminilidade. Nestas páginas, estampamos alguns modelos que a leitora de gosto por certo apreciará. O primeiro é um "negligée" de crepe romano rosa, com pala formando ombro e onde saem franzidos. Pequenos laços enfeitam as mangas, busto e cintura. O segundo, é uma camisola de noite, em cetim branco, com fita trançada na frente, ajustando à cintura. Fitas e bordados enfeitam a parte superior. Grande laço na cintura. Finalmente, a quarta é uma camisola de noite de crepe romano rosa seco, guarnecida de renda verdadeira.

LINGERIE



OS ULTIMOS DETALHES PARA A VIAGEM...

HA um mundo de cousas a ver quando se vai em viagem de férias. Muitas vezes, já no trem, nos lembramos de qualquer coisa que poderíamos ter trazido. Por isso, deve-se fazer, na véspera da



partida, uma revisão afim de que nada venha a faltar. Lembramos aqui cousas indispensáveis para a sua viagem :

a) filmes fotográficos; b) perfumes, água de colônia.

etc.; c) uma "sweater de lã para as manhãs frias; d) luvas; e) sapatos de saltos baixos; f) maleta para equipamento de "maquillagem"; g) vestidos ligeiros; h) lenços de cores vivas; i) Tônico para a pele, produtos de beleza, etc.; j) Co-

lar vistoso que dará um toque elegante à sua "toilette" esportiva; k) "maillot" de banho; l) cintos e luvas esportivas; m) a bolsa a tiracolo; n) os bons livros.

Nem se pergunta*



Só uso Kolynos!

diz

Ann Rutherford

famosa estrela de Samuel Goldwin
que aparece em "A VIDA SECRETA DE WALTER MITTY"

Por que? Porque sabe que o sorriso radiante é chave que abre todas as portas... Um centímetro apenas deste agradável creme dental concentrado se transforma em uma abundante e ativa espuma que deixa os dentes limpos e brilhantes, a boca toda deliciosamente fresca e perfumada. As mulheres mais atraentes do mundo sabem que Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos...
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia

K-405-PH

McCann



MODELOS PARA SOIRÉE

Próprio para a noite, este lindo figurino que aqui apresentamos poderá ser executado em cetim cinza claro ou pérola. O decote é quadrado, blusa de mangas japonesas salpicada de pedras multicores dão a este modelo muita originalidade. Saia "godet" franzida.



A ELEGANCIA NA INTIMIDADE

LYNN BARI é de opinião que a mulher deve ser atraente em qualquer ocasião, em qualquer lugar e a qualquer hora. Principalmente, diz ela, dentro do lar... A mulher que não se cuida com o mesmo interesse nessas horas íntimas, está pondo em jogo a sua felicidade... Lynn dá aqui uma prova do quanto pode ser elegante na intimidade, usando esta maravilhosa camisola de noite em crepe romano preto, com o corpete de renda preta sobre fundo rosa. O "ensemble" é também de romano preto com renda nos ombros. Mangas fartas. — Foto R.K.O.

Lynn Bari

PROPORCIONAM
PRAZER E SAUDE.
OS TRADICIONAIS

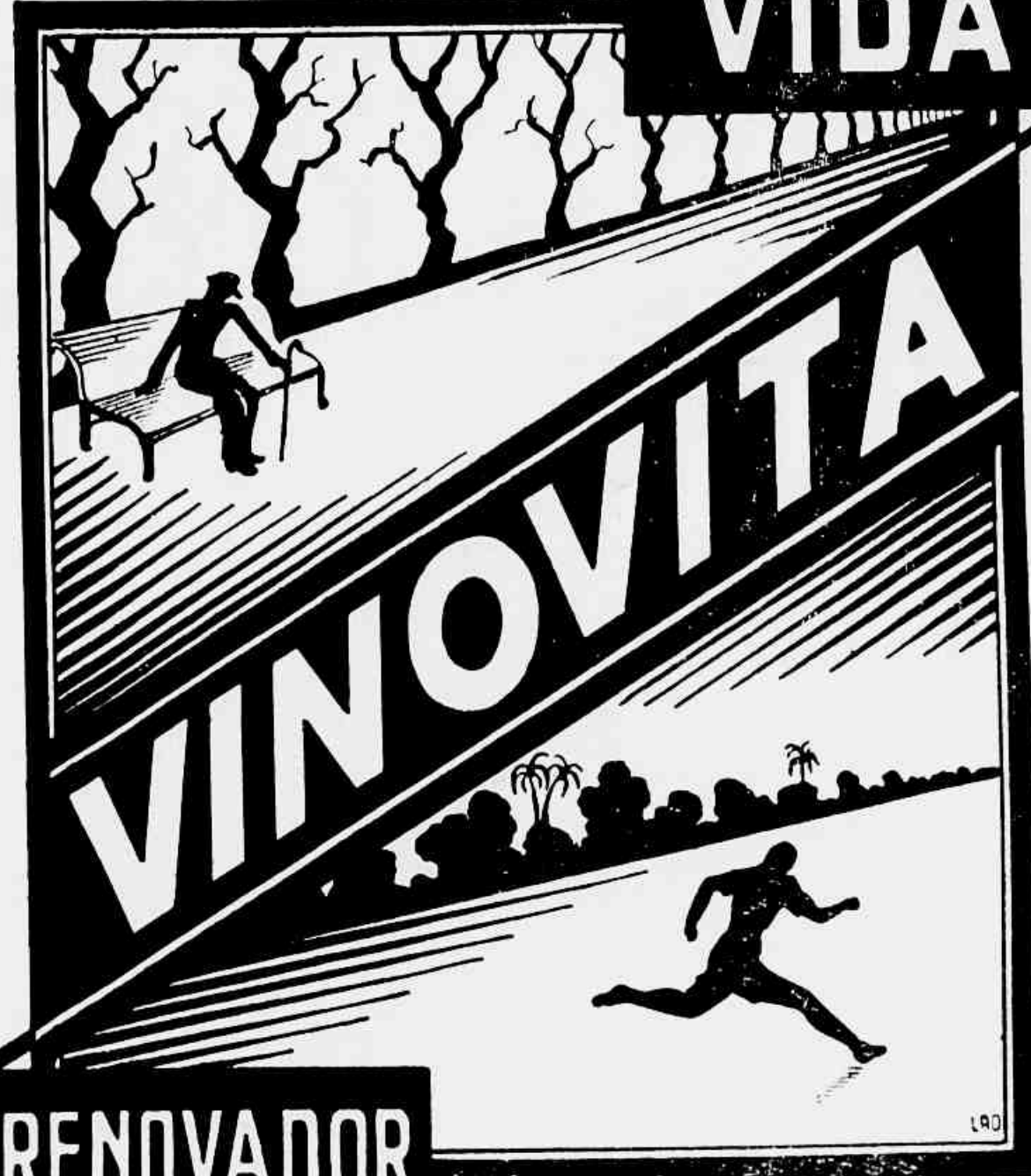
QUINADO
ROS-PINTO

VINHOS
RAMOS-PINTO

SEMPRE PREFERIDOS

*Contra o esgotamento
físico e mental!*

**VINHO
DA
VIDA**



**RENOVADOR
DAS
FORÇAS**

Tônico poderoso

MÚSICA DE IGREJA

(Continuação da pág. 10)

Passou desse dia em diante a sonhar com ele. A criança no catecismo falava pelos cotovelos. Maria Eugênia nas preces ficava com os olhos acesos quando via o Dr. Nelson. Queimava os dedos na cera quente da vela.

No domingo chuvoso ela passou toda sorridente sob o guarda-chuva branco. Olhou para mim e sorriu ao ver o meu nariz achatado na vidraça. Talvez estivesse engraçado. Eu é que não achei.

A cidade inteira comenta agora as atenções do jovem engenheiro. Maria Eugênia domingo passado voltou de automóvel da igreja e o guarda-chuvinha branco veio sequinho.

O dr. Nelson ficou para tomar café com bolinhos.

★

Analena Mendes voltou do passeio que andou fazendo pelo Rio. Esqueci de dizer que Analena é a moça mais rica e mais bonita daqui. Loura. Olhos verdes. Parece mulher má mas não é. Mulher de olhos verdes nem sempre é sereia. Eu acho que Analena não é sereia. Mas não sei. O que sei é que ela tem linhas impecáveis e roupas perfeitas. É a única moça realmente chique da nossa cidadezinha. Vovó outro dia contou que Analena tem seis vestidos de baile. Não há moço aqui que sirva para ela. Quer dizer... eu acho que há... ou antes, Analena já achou.

Nos bailes de Carnaval eles dançaram muito. Analena de blusa branca e "slacks" azuis. Nelson ficou enfeitado.

Todo mundo achou que os dois formavam um par muito bonito.

Depois foram juntos ao cinema. Passearam no jardim. Andaram à cavalo. Nadaram. Jogaram tennis.

A cidade inteira já sabe que o Dr. Nelson está apaixonado por Analena.

★

Maria Eugênia já soube. Entristeceu. Perdeu o viço de outrora. Debaixo dos olhos há agora um vinco preto e lustroso. Anda tão exaustiva. Triste de fazer dó.

Resolvi visitá-la. Recebeu-me com sorrisos gentis. Não queria falar do assunto mas mulher sempre dá com a língua nos dentes.

Maria Eugênia sorriu sem brilho e disse:

— Cecilinha, olhe pra mim... Quem sou eu para querer tanto? Veja Analena... rica, culta, bem-vestida, encantadora... Se eu usasse as roupas que ela usa ficaria que nem palhaço. Não saberia nem andar...

Fiquei quieta. Maria Eugênia foi ao piano e tocou uma valsa vienense alegre e brilhante. Depois olhou-me e continuou:

— Se eu fosse homem, Cecilinha, também escolheria a valsa brilhante. Música de igreja acaba enjoando.

★

O romance de Analena com o dr. Nelson andava perigando. Analena não era moça que desprezasse as atenções masculinas. Gostava de ser admirada. Não estava certa de amar a Nelson. Os seus dezoito anos estavam muito fresquinhos para ficarem encerrados num coração só.

Um dia o boato correu. Tinham brigado.

Analena no princípio não fez caso. Continuou a se divertir. Mas não era feliz. Como sempre, agora que o perdidera sabia que o queria muito. O sofrimento foi enorme. Ela era orgulhosa e não cederia.

Maria Eugênia percebeu tudo. No íntimo ficara contente porque Analena sofria. Na sua simplicidade boa disse uma tarde pra mim:

— Cecilinha, imagine eu tão insignificante sofrendo o mesmo que Analena que é tão extraordinária!

Fiquei brava com ela. Intimei-a a lutar agora que o campo estava livre. Discuti. Afinal deu resultado.

★

O Dr. Nelson esteve lá em casa ontem. Criticou as modas modernas. Falou mal dos costumes de hoje. Disse que moça deve ser assim como a Maria Eugênia... natural, espontânea, sem artifícios. Ao sair comunicou-nos que ia passar alguns meses em São Paulo.

★

Maria Eugênia iniciou a campanha de auto-remodelação. Comprou vestidos novos. Pintou-se. Pôs saltos altos. Soltou o cabelo. Está um primor.

★

Em São Paulo Nelson pensou bastante. Achou que procedera mal. Voltaria para falar com Maria Eugênia.

Tomou o trem. Ao chegar dirigiu-se à porta da igreja. Esperou.

Lá vem ela. Agora tem-na debaixo dos olhos. Como está artificial! Mal-pintada, exaustiva. O que será que aconteceu com ela? Balbucia um cumprimento banal e sai devagar, desiludido. Maria Eugênia não compreende. Vem-lhe uma súbita vontade de chorar.

★

O dr. Nelson foi embora para S. Paulo. Maria Eugênia deixou os hábitos modernos. Emagreceu. Empalideceu mais. Na igreja quando vai comungar sob o véu de filó barato, a gente fica até com medo daquela expressão sem cor.

★

Maria Eugênia continua a dar o catecismo debaixo de sol e chuva. O guarda-chuvinha branco já está enferrujado de tanto uso. Da janela eu fico cismando... Será que não vai acontecer mais nada?

A vida de Henrique VIII

(Conclusão do número anterior)

Ana retirou-se para junto da sua roca, despiu as vestes da realeza e assumiu o título de Irmã do Rei; nunca mais se ouviu falar nela.

Havia ainda uma coisa a que Henrique precisava atender antes de varrer definitivamente do espírito o desagradável episódio do casamento com Ana de Cleves. Mandou executar o artista que pintara demasiado bem o retrato dela.

★

Henrique Tudor baixava melancolicamente os olhos para os seus súditos; parecia-lhe injusto que até o mais poderoso dos reinados devesse ter um fim. No seu próprio caso, sentia a velhice aproximar-se com rapidez alarmante. Era uma velhice prematura — um horrível erro do destino, aquela diminuição da força muscular, aquela perda de energia vital, a embaraçosa obesidade, a insônia, a sensação geral de estupor, de indolência. Mas não havia de entregar-se. Tinha apenas cinquenta anos. Era cedo demais para que aquela perna direita ficasse tão deformada pela gota. De que lhe servia repoucar em almofadas de finíssimo veludo encarnado? Os seus vassallos mais humildes podiam ainda caminhar, correr, andar a cavalo, jogar, fazer projetos, casar. Tossiu asmaticamente. Vinte anos antes, a sua respiração era tão fácil como de qualquer outro homem. "E eu, também, hei de casar. Verão se não me caso outra vez!"

Ameu a sua quinta mulher mais do que a todas as outras. Catarina Howard, a que veio após o desgraçado episódio de Ana de Cleves, era uma rapariga de olhos de fogo. Tinha apenas dezoito anos.

Reavivou as cinzas do velho coração do rei. A própria Ana Bolena não conseguira despertar nele tantas emoções. E ele a fez rainha, não com o espírito cinico dum rei que tivera quatro mulheres e sobrevivera a três delas, mas com a romantica esperança dum poeta no seu primeiro amor. Recusara acreditar o que toda a gente afirmava em voz baixa — que Henrique Tudor era um homem maldito e que mulher alguma havia de encontrar felicidade a seu lado. Casou com Catarina Howard; adorou-a; descansou o corpo envelhecido entre seus braços; buscou server-lhe nos lábios o néctar da juventude. Foram tempos felizes aqueles em que ficava sentado com ela no jardim e a achava mais linda do que nunca; em que cada manhã lhe beijava as pálpebras cerradas, despertando-a. Foi um último fulgor que atravessou o crepúsculo da sua vida, antes que as longas, negras sombras do anoitecer o enregelassem.

★

Tinha cinquenta e cinco anos, e jazia deitado de costas na cama. O arcebispo conservava-se solenemente a seu lado.

— Morreis na esperança de vossa salvação pela graça de Jesus Cristo?

— Sim. — Virou o rosto, de modo que a face ficasse descansando sobre o travesseiro. — Tragam minha mulher — pediu em voz débil.

Tinha os olhos fechados, mas quando ela entrou no quarto percebeu imediatamente a sua presença. Tomou-lhe a mão.

— Catarina — murmurou. A voz que lhe respondeu despertou-o com um choque desagradável. Esta já era outra Catarina. Não, não era mais a sua jovem Catarina, que também tivera o destino

das outras. Mas linguas tinham murmurado contra ela; haviam plantado nele as sementes da suspeita; haviam proferido negras acusações de infidelidade, tornando-o louco de ciúmes. Houvera um julgamento precisamente como acontecera com as outras... Ela pousara a adorada cabeça sobre o cepo... Tudo isso tinha sido há muito tempo, há cinco anos. Casara-se mais uma vez. E esta era a última mulher, a serena e bondosa Catarina de Parr...

— Foste uma boa mulher para mim — murmurou; e a pálida, frouxa luz dum sorriso perpassou-lhe pelo rosto.

— E vós, Majestade — disse ela, polidamente, — fostes um bom rei.

Discreta, esta mulher. As outras, infelizmente para elas próprias, tinham falado demais. Mas esta falava muito pouco, e só dizia o que era conveniente dizer; tratava da gota do marido; ficava horas a fio junto de seu leito; lia em voz alta livros de teologia, para salvar-lhe a alma imortal. Tinha sido viúva, antes deste casamento régio. Sabia como lidar com o homem. Estava resolvida a não se deixar sacrificar. Sabia como acalmar este rei velho e impaciente.

Ele ergueu a cabeça com esforço e apoiou a face no braço de Catarina. Um criado avançou alguns passos, como para prestar auxílio.

— Vai-te! — rugiu Henrique, com um pouco do seu vigor antigo. — Sai deste quarto! Deixa-me só com a minha mulher!

Ela estremeceu. Temia a provação de ficar só com aquela massa balofa em decomposição, a ouvir o mortal estertor da garganta do monstro.

Bem, bem, em poucos minutos estaria novamente uma mulher livre, a única que sobreviveria ao tirano. A pobre Ana Bolena tinha falado demais. Sim. E Jane Seymour. E Catarina Howard...

— Majestade? — cochichou, em resposta a um murmúrio que vinha do travesseiro. Que corpo impotente, pútrido, jazia a seu lado! Antigamente, fora o mais forte da Europa. Agora ela podia aquietá-lo de todo, com um simples tapa. Que era aquilo que ele estava balbuciando? Perguntou a si mesma se Henrique as ia encontrar no outro mundo, e tentar abraçá-las e tiranizá-las como antes. De que estava ele falando agora? Tentando justificar o seu reinado; resmungando que tinha dado glória e prosperidade ao seu povo. Teria mesmo? E felicidades às suas mulheres? E fora justo em suas sentenças? Desejou que ele parasse de falar e morresse tranquilamente. Pobre alma, sofredora e má; em vida não tivera sossego... E assim, uma mulher ia fechar-lhe as pálpebras, afinal. Que Deus tivesse piedade dela...

Fez-se um medonho silêncio. Ela levantou-se, estremeecendo. Estivera seguindo a mão dum cadáver...

Quem verterá uma lágrima por Henrique, uma única lágrima que seja? Nem uma alma na Inglaterra, dos grandes aos humildes, do príncipe ao camponês, da duquesa à criada. Mas sim, lá está uma dama chorando — duas, três; então, uma outra lentamente toma forma, e mais outra. Têm os olhos vermelhos de chorar, e os braços estendidos para receber o seu senhor que chega de longa jornada. A primeira é uma princesa espanhola, que sorri entre as lágrimas. E a segunda é uma rapariga a quem chamam Mistress Anne...

(Do livro "Vidas de estadistas famosos").

REVEILLON DE FIM DE ANO NO "GOLDEN ROOM" DO COPACABANA PALACE



O presidente da Comissão de Diplomacia da Câmara dos Deputados e senhora João Henrique, em companhia do Dr. Oswaldo Camargo e senhora.

A planície das aranhas

(Continuação da pág. 27)

A direita e à esquerda dos cavaleiros desfilaram os batedores daquele estranho exército, e, como um deles rolasse pelo chão, aí se desfazendo, amorfo, e deixando um rastro de longas fitas e de filamentos agressivos, os três cavalos principiaram a amedrontar-se e a resfolegar.

Uma impaciência súbita, desarrazada, apoderou-se do chefe, que amaldiçoou com todas as suas forças aqueles globos flutuantes.

— Para diante! gritou ele, — Para diante! Que nos importam essas máquinas? Que é que isso nos pode fazer? Continuemos a seguir a pista!

E principiou a praguejar contra o seu cavalo, apertando-lhe a boca com o freio.

O seu furor transbordava estrepitoso. Ele clamava:

— Quero seguir esta pista, ouvem? Onde está ela?

Empunhou a brida do cavalo que caracolava, e principiou a procurar por entre a herva. Um fio, longo e viscoso, caiu-lhe sobre o rosto, uma espiral pardacenta se lhe enroscou em volta do braço que sustinha a brida; uma cousa qualquer, volumosa e movediça, com muitas pernas, desceu-lhe pela cabeça. Ele ergueu os olhos e descobriu uma daquelas massas pardacentas, ancorada, por assim dizer, por cima dele, por meio daqueles filamentos, e agitando as extremidades, como a vela de um navio bordejando sem ruído. Teve a sensação de que o rodeavam uma grande quantidade de olhos, de corpos acorados, de membros alongados, com múltiplas articulações, que puxavam pelas amarras para alçarem até ele aquela cousa.

Conservou os olhos levantados durante alguns instantes, gulando instintivamente o cavalo empinado, com a segurança de um cavaleiro de há muito versado em equitação.

No mesmo instante, a lâmina de um sabre precipitou-se sobre o seu ombro, o aço reluziu por cima da sua cabeça, cortando e desprendendo a bola flutuante, e a massa inteira, erguendo-se mansamente, afastou-se e dispersou-se.

— São aranhas! — exclamou uma voz, a do homem magro. — Estas bolas estão cheias de aranhas enormes! Senhor, veja!

O chefe surpreendeu-se considerando um objeto de cor vermelha, aderente ao solo, que continuava, posto que meio destruído, a torcer os membros impotentes; quando, porém, o magro apontou para outra massa que se precipitava sobre eles, ele puxou da espada. No extremo do vale, via-se agora como que um muro de névoas desfeitas e recortadas. Tentou então mostrar-se senhor da situação.

Corramos por cima! bradava o homem baixo. — Corramos por cima delas!

Foi então que se produziu uma confusão semelhante a uma refrega de combate. O chefe viu o homem baixo passar junto dele, perfurando furiosamente umas telas de aranha imaginárias; viu-o lançar-se como uma bala de canhão contra o cavalo do magro, deitando por terra cavalo e cavaleiro. O seu próprio cavalo deu uma dúzia de passos, sem que ele pudesse contê-lo. Ergueu os olhos, afim de evitar problemáticos perigos, depois voltou-se de novo e viu o cavalo derribado rolar pelo chão, e, por cima dele, o magro, de pé, acutilando uma massa cinzenta, adelgada, em constante movimento, que se alastrava e se enroscava em volta dos dois corpos.

E as enormes telas de aranha avançavam, espessas e rápidas, como uma penugem de cardo sobre um campo não cultivado, impelidas pelo vento de julho.

O homem baixo tinha desido do cavalo, mas sem ousar soltar as rédeas. Com um braço, ele lutava no intuito de refrear o animal indócil, enquanto que com o outro brandia a espada ao acaso.

Os tentáculos de uma segunda massa cinzenta agarraram-se ao magro e ao animal que estava por terra, e, lentamente, a massa inteira caiu sobre esta presa.

O chefe rangeu os dentes, empunhou a brida e, abaixando a cabeça, impeliu para diante, esporeando-o, o seu valente puro sangue. O cavalo que rolara ao chão fez um movimento: vlam-se-lhe sobre as espáduas manchas de sangue e umas formas movediças; o magro abandonou-o subitamente e correu em direção ao senhor. Transpôs um a pequena distância, mas tinha as pernas enleadas e enredadas nas filamentos; tentou fazer com o sabre alguns movimentos impotentes. Pendiam-lhe dos membros espirais pardacentas e impediam-lhe a passagem um tenue véu cinzento. Com a mão esquerda, deu um golpe em uma cousa que tinha sobre o seu corpo, depois, de repente, tropeçou e caiu. Buscou erguer-se à viva força, mas vacilou, e subitamente principiou a gritar desesperadamente: oh! oh! oh! ohoo!!!

O chefe pôde ver as enormes aranhas amontoarem-se em cima do infeliz, e muitas outras descenderem para o chão.

Na ocasião em que ele forcejava por impelir o seu cavalo na direção daquele vulto pardacento que gesticulava e bramava, erguendo-se e tornando a cair, percebeu um rumor de patas de cavalo: o homem baixo, com a espada embainhada, procurava montar novamente; agarrado à crina do animal, ele passou como um turbilhão.

Novamente, um fio visguento de gase cinzenta veio coar-se ao rosto do chefe. Em redor dele, aquela nuvem de aranhas, flutuando silenciosa, parecia querer cercá-lo e apertá-lo cada vez mais.

Até ao seu último dia, ele ignorou o que se havia passado exatamente naquele momento. Deu ele de fato meia volta ao seu cavalo, ou este se atirou por si mesmo em seguimento do seu companheiro? O certo é que, um segundo mais tarde, ele descia o vale em disparada, executando com o sabre furiosos movimentos de rotação. E, em volta dele, ao impulso da brisa, cada vez mais rápida, os balões-aranhas, as naves aéreas, as telas enfiadas pareciam-lhe precipitarem-se todas em uma determinada direção.

Clip, clap, clip, clap... o cavaleiro da brida de prata galopava, sem designio

certo, com feições demudadas pelo pavor, olhando ora à direita, ora à esquerda, o braço e o sabre prontos a ferir. A algumas centenas de metros, adiante, com um farrapo franjado preso atrás de si, o homem baixo, que não tinha podido colocar-se em boa posição na sela, galopava no cavalo branco. Os canços curvavam-se diante deles, soprava um vento fresco e violento, e, voltando-se, o chefe podia ver as aranhas redobrando de celeridade para alcançá-los...

Unicamente preocupado em escapar aos

(Continua na pág. 53)



Não há dúvida!

Esta é das minhas! Um cabelo assim tão bem cuidado, tão sedoso, tão bem penteado... Sim, não há dúvida! Ela, como eu, também usa BRYLCREEM! Realmente o Brylcreem fixa sem emplastar, amacia, dá brilho, torna jovens os cabelos! É produto científico, não contém goma, nem amido, nem álcool e nem sabão! Brylcreem doma o cabelo mais rebelde, evita a caspa. Usado e aprovado em cerca de 60 países, onde se vendem mais de 27 milhões de unidades anualmente, Brylcreem é produto de classe e está ao alcance de todos nas suas 5 embalagens diferentes, ou nos cabeleiros e barbeiros de lá.

Brylcreem comprado, cabelo penteado!

BRYLCREEM

O mais perfeito fixador de cabelo!

TRAGÉDIA FEMININA

É tão delicada e sensível a saúde feminina, está ela sujeita a perturbações tão frequentes e torturantes que um célebre autor deu a uma obra sua a respeito este título sugestivo: "A Tragédia Biológica da Mulher". Sim, a tragédia feminina, os mesmos e dolorosos sofrimentos todos os meses do ano e todos os anos da vida. Perturbações de toda ordem, dores, mal-estar nervosismos, desânimo. E a triste perspectiva de males que se não forem bem cuidados se tornarão crônicos e incuráveis! Gentil leitora, não permita que a sua vida se transforme em tal tragédia! A ciência coloca ao seu alcance o seu grande remédio — o remédio capaz de afastar os seus males femininos, porque é fabricado de acordo com a natureza deles — o Regulador Xavier. O Regulador Xavier Nº 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências, o Regulador Xavier nº 2 se aplica na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o Nº 1 ou o Nº 2, de acordo com o seu caso — combaterá eficazmente os seus males e riscará do seu calendário os dias tristes e dolorosos. Faça do Regulador Xavier o guardião da sua saúde, e viva alegre e feliz todos os dias do mês e todos os meses do ano.

Os precursores de uma...

(Continuação da pág. 32)

te concentrado numa das suas partes, mais tard chamada núcleo.

Levando mais longe as suas investigações, Thomson usou simultaneamente o desvio elétrico e magnético e assim pôde fazer com que um feixe de raios traçasse curvas parabólicas numa chapa fotográfica. Cálculos baseados nestas curvas confirmaram os pesos atômicos de várias substâncias, aferidos por outros métodos.

O passo decisivo da física atômica se produziu em 1911, quando, na base das suas experiências com as chamadas partículas alpha, com que "bombardeou" um átomo, Lord Rutherford publicou uma descrição detalhada da estrutura do átomo, que desde então tem sido confirmada, além de qualquer dúvida razoável, de muitas maneiras: a matéria se compunha, principalmente, de espaço vazio e todo o átomo parecia ter uma estrutura muito semelhante à de um sistema solar, tendo um pesado núcleo central, como o nosso sol, em que praticamente se concentra todo o peso do átomo, com grande número de pequenos eletrons circulando em torno, em grandes velocidades. Se imaginarmos o núcleo como do tamanho de um feijão, o espaço ocupado pelos eletrons "planetários" seria tão grande quanto um quarteirão de edifícios.

Coube ainda a Lord Rutherford desintegrar pela primeira vez um núcleo de átomos.

O ESTRANHO

(Continuação da pág. 33)

sultado, ele deu uma gargalhada, uma gargalhada que ressoou no alpendre e me mogoou profundamente.

Eu sentia revolta e vergonha, desejava descompô-lo e achava que meu pai deveria ter dito a ele para tratar-me bem. E desde aquele momento o ódio cresceu em mim de tal forma, que eu já não conseguia escondê-lo. Ele tinha vindo para tirar a minha liberdade, para tomar conta do quarto que eu mais gostava e mandar em nossa casa. Vinha atrapalhar todas as coisas e reduzir minha vida a um servilismo que me parecia insuportável. "Cristiano, vá comprar cigarros para o Dr. Rangel; Cristiano, limpe os sapatos do Dr. Rangel; mostre ao Dr. Rangel onde mora fulano; faça aquilo, leve isso..." Era como se meu pai tivesse pactuado com ele para me fazer sofrer. E o espírito de revolta tomou conta do meu coração, dando-me uma grande força moral, e uma disposição infinita para não ceder em nada. Fugia dele e evitava as ordens de meu pai. Não podia esquecer um só instante que ele não trouxera nenhum presente.

Parece que o Dr. Rangel compreendia a minha aversão, pois às vezes me chamava e tentava entabolar conversa. Mas eu nunca me aproximei — passei mesmo a não cumprimentá-lo.

Uma manhã, quando entrei na sala de jantar para tomar café, meu pai olhou-me e disse severamente:

— Cumprimente o Dr. Rangel. Você já o viu hoje? Olhei com raiva, alternativamente, para meu pai e para ele.

— Não. Não vi.
Servi-me de café, calmamente, aparentando a mais perfeita indiferença, sem me voltar. Sentia, porém, os olhos de meu pai querendo devassar meu atrevimento. Ele não se conteve, disse ásperamente:

— Pois então fale com ele!
Depois o bule fumegante, enguli em seco, baixei os olhos. E as palavras me saíram amargas, difíceis:

— Bom dia, Dr.
Ele olhou-me imperturbável, sorriu com certa ironia e disse para meu pai:

— Não me parece nada docil.
Eu já não conseguia engulir o café, minha garganta queimava. Pois ele vinha atrapalhar até a confiança que eu tinha em meu pai!

Apesar das emoções fortes, fiquei a imaginar o que teria aquela palavra, repetindo-a mentalmente — "docil, docil..." Depois tive a impressão de que ele se referia ao café e me senti mais amargurado, por não merecer nem ao menos um gesto de censura.

Meu pai sorveu um gole de café e disse para o amigo:

— É matuto.
Deixou cair sobre mim um olhar duro, pediu mais café, ficou uns instantes pensativo e advertiu-me:

— O Dr. Rangel é meu amigo e vai ficar em nossa casa. Seja bem educado. Você tem educação?

Não pude conter um gesto brusco, mágoa e revolta ao mesmo tempo:

— O senhor e mamãe me ensinaram, papai.
Percebi que o Dr. Rangel ficou meio espantado, sorriu quase com entusiasmo.

— Tem resposta para tudo!
Riu alto, aquele riso que reboava e prosseguiu:

— Sei que ele não é mal educado. Apenas tem uma excelente cabeça e muita rebeldia. Garanto que é bom filho...

Não compreendi muito as palavras, mas tive a impressão de que ele me queria "comprar" com uma mistura de censura e elogio.

Deixei a mesa sem acabar de tomar café. Estava sofrendo muito, o mundo assumia novos aspectos aos meus olhos, pela primeira vez achei que tudo estava contra mim — e senti vontade de morrer. Pensei mesmo em suicídio! Depois julguei isso uma covardia. Eu devia lutar, devia ir até o fim. E tive uma idéia, uma não, muitas idéias perversas: haveria de transformar a vida dele num inferno. Faria tanta diabrura, que ele haveria de fugir da nossa casa apavorado — e nos deixaria em paz. Isso deveria ser feito com cuidado, jeitosamente, para que nada descobrissem.

Para justificar a idéia "luminosa" que me ocorrera, pus-me a lembrar o mal que ele me fazia: Tomava conta do alpendre, usando exatadamente os lugares da minha preferência; fez da área onde eu jogava bilhar uma propriedade sua; (isso me parecia um crime, pois em nenhum outro lugar, a pequena mesa do bilhar se equilibrava) andava à vontade por todas as dependências. E os sapatos, as compras! Um inferno!

Então, a minha maldade começou. Amarrava as mangas da sua camisa ou do pijama, punha um cordão atravessado no alpendre para que ele caísse, escondia os seus óculos — inúmeras dessas pequeninas coisas, capazes de enlouquecer um homem pela persistência com que são feitas.

As vezes eu ficava pensativo, achando estranho que ele nada dissesse a minha mãe. Talvez não desconfiasse de mim, pois do contrário já teria se impacientado. Suas maneiras para comigo não mudaram, eu julgava mesmo que havia mais carinho nas suas palavras. Não compreendia bem o motivo que o obrigava a se calar, quando podia, com uma palavra apenas, fazer com que eu levasse uma grande surra. Sua atitude me deixou pois, um tanto despetitado. E tive aí um pensamento verdadeiramente diabólico. Pois bem: se ele não dava nenhuma importância a mim, haveria de ver de quanto eu era capaz!

Um dia, esperei calmamente que chegasse o momento do seu passeio habitual, depois do almoço. Logo que ele saiu, fui ao quarto, peguei a carteira de cigarros Jockey Club e tirei um cigarro. Esvasiei metade dele cuidadosamente — meti dentro muitas cabecinhas de fósforo que havia raspado. Depois coloquei o fumo novamente, apertando-o bem para que não despertasse suspeitas.

Feito isso, deixei-me ficar no alpendre, esperando com impaciência a hora em que ele chegasse e, como de costume, acendesse um cigarro para fumá-lo, estendido sobre a cama.

Finalmente ele chegou. Não resisti à tentação de observar se ele pegaria exatamente o cigarro cheio de fósforo que eu havia tido o cuidado de deixar meio de fora. Fui até à porta do quarto e fiquei a observar todos os seus movimentos. Havia em mim uma alegria diabólica, meus olhos brilhavam, tudo indicava que havia algo mal feito.

Ele deu umas voltas pelo quarto, dispôs algumas coisas, olhou-me parado à porta e perguntou:

— Que quer você?
Fiz um ligeiro movimento, tentei disfarçar minha emoção, respondi prontamente:



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

— Nada. Não quero nada.
Certamente o Dr. Rangel achava muito estranho que eu ficasse parado na porta do quarto a observá-lo, coisa que não acontecera antes. Por isso indagou de novo:

— Você precisa de alguma coisa?
Como eu não respondesse ele tirou uma prata do bolso — e estendeu-a para mim, dizendo:

— Vá comprar doces. Se você precisar de alguma coisa ou estiver preocupado, pode falar que eu darei um jeito.

Recusei a prata, seu braço ficou estendido por alguns segundos. Tentei falar, mas não pude. Agora eu tinha remorsos. Desejava pedir para que ele não tirasse o cigarro, queria contar que havia feito uma maldade, mas não podia dizer uma única palavra. Ele moveu-se, andou para o lado da carteira de cigarros, enquanto eu apelejava mentalmente para todos os santos, a fim de que ele não tirasse o cigarro maldito. Seus dedos moveram-se ágeis, acariciaram a carteira. Fiquei como que suspenso, atento e aflito, desejando que a sorte o favorecesse. Mas percebi que havia tirado precisamente o cigarro com o fósforo!

Dentro de mim havia uma luta terrível — vontade de confessar a maldade e o receio de que ele me odiasse. Coisa estranha! Já havia o receio de que ele me odiasse! No fundo eu começava a sentir ternura pelo Dr. Rangel, aquele magríssimo homem que suportara todas as minhas diabruras sem uma única palavra de reprovação.

Ele acendeu o cigarro, tranquilamente, não pude mais resistir, sentia-me angustiado, a palidez subia-me ao rosto. Fiz um gesto de alucinado, supliquei:

— Dr. Rangel, não fume agora!
A expressão do meu rosto devia ser trágica, porque ele me olhou espantado, perguntando:

— Ora essa! Por que?
Tive desejo de responder a pergunta, mas não me foi possível. Pude apenas continuar suplicando:

— Não fume, Dr. Rangel! Oh! por favor, o senhor não deve fumar!

Ele caminhou lentamente para o meu lado, cada vez mais espantado, puxando uma bafarada forte, sem saber a que atribuir meu desespero. Aterrorizado, como se tivesse cometido um crime, tentei arrancar o cigarro da sua boca, mas ele desviou o rosto, rindo. Minha mão não o alcançava.

Pegou minha cabeça, esfregou os cabelos emaranhados e perguntou, agora mais sério:

— Mas o que é, afinal? Você parece doente!

Olhei apavorado para o cigarro que chegava ao meio, senti vontade de chorar, agarrei-lhe os braços, tentei alcançá-lo, inutilmente. Desvencilhando-se de mim, ele levou a mão aos lábios, prendeu o cigarro entre os dois dedos e chupou fortemente, olhando-me maliciosamente e sorrindo. Nesse momento a brasa subiu, vermelho. O resto foi terrível. Um cheiro horrível encheu o quarto.

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

produto do laboratório da GUARAMIDINA

GABRIEL RANGEL

FONE 23-4742

Máquinas de escrever e acessórios

OFICINA COMPLETA

RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2ª Loja

Ciência esotérica

Em sua própria casa V.S. poderá desenvolver suas faculdades superiores e tornar-se conciente das leis e princípios ocultos da Natureza. Peça folhetos gratuitos à Sociedade Teosófica Brasileira, rua Buenos Aires, 81 - 2º, Rio de Janeiro.

A planície das aranhas

(Continua na pág. 51)

monstros, foi somente no momento em que o seu cavalo se encolhia para formar o pulo que ele descobriu o vácuo diante de si, e só percebeu isso para se enganar e fazer um movimento em falso. Quando ele estava inclinado para a frente sobre o pescoço do animal este, entesando-se, atirou-se para trás, mas era já tarde.

a fumaça espalhou-se. Imediatamente o Dr. Rangel soltou uma praga:

— Diabo!

Atraída pelo cheiro e pela exclamação do Dr. Rangel, minha mãe veio correndo, olhou-nos espantada e perguntou o que havia acontecido. Ele estava parado no meio do quarto, muito pálido. Assustara-se demais e o cigarro esfacelado ainda preso no indicador todo queimado. Minha mãe repetiu a pergunta. Mas calmo, ele disse que se havia machucado. Mas não era possível esconder nada. A sua palidez, o cigarro esfacelado, o cheiro...

Minha mãe compreendeu tudo, olheu-me significativamente:

— Quero falar com você; venha cá!

Voltei-me para ambos, aterrorizado, esperando um perdão imerecido. Intimamente, eu estava mais arrependido do que havia feito do que mesmo com medo.

— Já vou, mamãe.

Minha voz era débil, humilde. Acompanhei-a dizendo baixinho:

— Mamãe, eu estou muito arrependido. Pelo amor de Deus, mamãe! Eu não quero apanhar!

Eu já sofria demais, para que apanhar? Torturava-me a lembrança das palavras do Dr. Rangel. "Tinha machucado apenas!" Por que não dissera a verdade?

— Estou muito arrependido, mamãe!

Oh! a minha insignificância! O remorso, uma chama de ternura nascendo em mim pelo Dr. Rangel, o desgosto por mim mesmo, pela vida. Eu rezei. Pedi a Deus para que minha mãe não me batesse, para que o Dr. Rangel fosse meu amigo. Mas foi inútil. Senti-me abandonado e imensamente infeliz, minha mãe arrastava-me pela mão, conduzia-me para não sei onde, terrivelmente silenciosa.

Nesse momento olhei-a bem nos olhos, pedi, mais uma vez:

— Não me bata, mamãe.

Vi nos seus olhos uma mistura de sofrimento e ternura, e uma decisão implacável.

Depois o chicote desceu — uma, duas, três vezes. Eu já não podia nada a Deus, tinha perdido a fé, sofria mais na alma do que o chicote sobre o corpo.

Não me lembro se chorei. Mas quando o chicote desceu pela quarta vez, vi o vulto do Dr. Rangel aparecer na porta e ouvi a sua voz grossa:

— Não faça isso, dona Aurora! Não faça isso!

A voz já não me pareceu áspera. Era doce e amiga.

Minha mãe parou para tomar fôlego, disse-lhe que eu precisava de uma lição, quis prosseguir. Então ele tomou o chicote de sua mão, polidamente, dizendo de novo:

— Não faça isso. Ao menos por essa vez.

E minha mãe atendeu. Deixou-me estirado no chão e saiu chorando. Minha mãe chorava, tinha pena de mim, sentia desgosto por ter um filho tão ruim. Como eu sofria, meu Deus! Não sabia o que pensar de tudo, sentia uma vontade doida de me atirar aos pés do Dr. Rangel, pedir perdão, dizer que ele era o melhor sujeito do mundo. Vontade de correr atrás de minha mãe, pedir para que ela não chorasse, prometer que não seria mais um menino ruim. Depois comeci a chorar baixinho. Não compreendia os sentimentos que me enchiam a alma. Sabia apenas que ele devia odiar-me e no entanto ali estava, com o dedo queimado, sorrindo e me estendendo a mão para ajudar-me a levantar. Abracei os seus joelhos e continuei chorando, enquanto ele me afagava a cabeça.

Dai por diante fomos amigos. Ensinou-me os pequenos segredos do meu mundo, o quintal cheio de frutas, a estrada que levava à represa, os ninhos de passarinho.

Um dia, muito tempo depois, ele se foi. Prometeu-me voltar, disse que haveria sempre de se lembrar de mim, chamou-m seu amigo. E ele era, realmente, o primeiro, o meu único amigo.

Senti profundamente a sua falta, tive o pressentimento de que nunca mais trônaria a vê-lo. E assim foi.

Muitos anos mais tarde, perguntei a minha mãe pelo Dr. Rangel. Só então, soube de tudo: era amigo de meu pai, desde a infância, e tinha vindo passar uns meses com ele, para esquecer a morte da mulher, trinta anos depois de casados. Pouco tempo depois, ele também morria.

Nunca o esqueci. Em todos os momentos da minha vida a sua figura alta e seca está sempre presente, pois ele me havia dado a mais humana de todas as lições.

Contudo, se, tomado de súbita perturbação, não lhe tinha sido possível preparar o salto, pelo menos não lhe tinha esquecido como se deve cair. Atirado no ar, ele se manteve ainda assim como um cavaleiro consumado, e caiu ao chão com um simples ferimento no ombro; o cavalo girou no ar, batendo convulsivamente com as quatro pernas, depois ficou estendido por terra, imóvel; a sua espada veio espalhar-se no solo endurecido e imediatamente fez-se em duas, como se a Fortuna o não quizesse para Cavaleiro servente; um dos destroços dela passou-lhe a uma polegada do rosto.

Um instante, ele estava de pé examinando cheio de ansiedade as teias de aranha que se aproximavam céleres. Ocorreu-lhe por um momento a idéia de fugir, porém, lembrando-se da ribanceira, fez um movimento de recuo. Ocasionalmente houve em que lhe foi preciso atirar-se de lado para evitar um daqueles horrores flutuantes; depois ele principiou a rolar com agilidade pelas rampas abruptas,

até ver-se fora do alcance da refrega.

Ali, abrigado pelos taludes escarpados do ribeiro, cujo leito estava seco, ele se poderia ocultar e observar em segurança a passagem daquelas estranhas massas pardacentas, até que o vento amainado lhe permitisse fugir. Conservou-se por muito tempo agachado, sempre no mesmo lugar, espiando as estranhas massas pardacentas e franjadas, que arrastavam os seus fiapos através da estreita nesga de céu que se estendia por cima da sua cabeça.

Uma aranha extraviada foi cair muito perto dele, ela media bem um pé de extremidade de uma perna à da outra, e tinha o corpo volumoso, pois tinha de tamanho a metade da mão de um homem. Ele olhou-a um instante: espantosamente ativa, ela buscava um lugar por onde fugir, procurando até lutar contra a espada quebrada; o cavaleiro ergueu a bota praguejando e, com o salto ferrado, esmagou-a: durante alguns minutos, voltando os olhos em redor de si, ele procurou ver se descobria mais alguma.

Dentro em pouco, porém, certo de que aqueles enxames de aranhas não pode-

Limpe a pele uma vez por dia
PASTA DE AMÊNDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA PARTE

riam descer ao lugar onde ele se havia entrincheirado, encontrou um sítio apropriado onde se assentou e caiu em profunda meditação, mordendo, segundo o seu costume as juntas dos dedos e roendo as unhas. Dessa meditação foi arrancado pelo homem do cavalo branco.

Antes de ver o que quer que fosse, ele ouviu um ruído de patas, um rumor de passos e uma voz tranquilizadora. O homem baixo apareceu qual visão lamentável, arrastando ainda após si alguns fios sedosos. Aproximaram-se um do outro sem proferirem palavra, sem uma saudação. O homem deteve-se por fim diante do amo e este tremeu ligeiramente sob o olhar do subordinado.

— E então? — disse enfim com uma voz que carecia completamente de autoridade.

— Abandonou-o!

(Continua na pág. 58)

O SABONETE IDEAL PARA O BANHO!

● Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

* À VENDA EM TODO O BRASIL *

P. Ferraz.

O mundo é seu pelo

CLIPPER



★ **MÉXICO...** ★

PAIS DE ENCANTO E DE LENDA

Catedral do México
construída em 1573



Ao projetar sua viagem aos Estados Unidos pelos rápidos e confortáveis Clippers da Pan American World Airways, inclua o México no seu itinerário. V. S. poderá, assim, ver de perto as maravilhas da civilização azteca e a

influência cultural e religiosa da Espanha na terra de Montezuma. Consulte, hoje mesmo, uma agência de passagens da PAA e não perca esta oportunidade de conhecer o México... país de encanto e de lenda.



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers Voadores

PASSAGEIROS ★ CLIPPER EXPRESS ★ CORRESPONDENCIA

A vida de El Greco

(Continuação da pág. 29)

Na cena da execução há montes de carne nua lembrando o melhor Miguel Angelo. Existe a mesma descrição dinâmica dos membros do homem em agonia. No entanto, a intensidade do sofrimento é abrandada por uma nota de serenidade lírica e resignação religiosa, que quase eleva a tragédia a um hino de alegria. Não nos admiramos que El Greco tenha observado ser Miguel Angelo grande como escultor mas não como pintor. O italiano podia expressar a tortura do sofrimento em baixo-relevo. Mas era incapaz de expressar o êxtase da religião em cores. Um escultor, na verdade. Mas um pintor? Certamente não. Assim pensava El Greco, e provou melhor ser argumento no "Martírio de São Maurício".

El Greco tinha o grande gênio de um colorista. Transformou os tristes marrons escuros e os rígidos prateados e verdes de sua herança bizantina no amarelo canário e azul ultramarino de sua original imaginação. Combinou o modelado de um Signorelli com a cor de um Renoir. Essa unidade de desenho e cor tem sido a última etapa dos pintores, nos últimos mil anos. E os coloristas, os femininos do mundo da arte, lutaram sempre, violentamente, contra a hipocrisia masculina da linha aguda e do relevo esculpido. Talvez apenas três pintores em toda a história da arte, tenham reunido com fidelidade os dois sexos — Giotto, El Greco e Cézanne.

A terceira das obras-primas de El Greco, em Toledo, acha-se pendurada na Catedral de São Tomé. É o "Funeral do Conde de Orgaz". O Conde fora um nobre muito piedoso, de Toledo. De acordo com a lenda, quando ia ser enterrado no túmulo da família, seus dois padroeiros, Santo Estevão e Santo Agostinho, desceram do céu, numa chama de glória, para assombro de toda a assembléia de nobres castelhanos, e tomaram parte na cerimônia. A pintura desta cena por El Greco é amplamente conhecida. Há vinte nobres espanhóis testemunhando a descida do conde à sepultura. Estes espectadores estão reunidos formando um sólido grupo atrás de Santo Estevão e Santo Agostinho, que, ternamente, seguram a cabeça e os joelhos do corpo vergado. Todas as figuras são de tamanho natural e dão uma impressão de vida. Parecia terem passado pela Igreja de São Tomé apenas poucos minutos antes, a fim de assistir ao serviço. Há uma atmosfera de silêncio e um lírico e grave misticismo que oprime o espectador, quando se aproxima do quadro. Cada cabeça de nobre que se observa no enterro é o estudo de uma personalidade completa. Não há duas expressões iguais. No entanto, todo o quadro representa um único e harmonioso resultado — um profundo sentimento de espanto, veneração e respeito. Uma perfeita mistura de finito e infinito, o real e o irreal, o poder da vida e o mistério da morte. Mil e um detalhes concretos para produzir um pensamento abstrato. Os punhos e golas de rendas e os galões das mangas desses grandes homens de Castela são pintados com a estranha perfeição de um Rubens ou de um Velázquez. As delgadas faces delicadamente desenhadas e as mãos pálidas, vivas, débeis expressam a poderosa qualidade espiritual da cena que presenciávamos. Porque em todas as pinceladas realistas e no desenho fotográfico é o espírito, do misticismo que guia a mão do pintor. A palidez da morte no rosto do conde contrasta delicadamente com as tintas vivas da face de Santo Agostinho, quando se curva sobre o corpo. Tem-se afirmado que há poesia de Rembrandt no semblante desse Santo. A metade superior da tela contém um grupo de anjos. Estão pintados no ato de carregar a alma do conde para o céu, onde o Cristo e a Virgem, rodeados pelos profetas, esperam para recebê-la.

Tais são suas telas, num esboço ligeiro. Enganariam os amantes de arte de todos os tempos. Porque todos esses retratos íntimos são executados num tamanho que

lembra Miguel Angelo. Mas embora italiano pela concepção esse quadro é inteiramente espanhol pelo espírito. Representa uma cena de um enterro espanhol. Os rostos de todos os espectadores são rostos de nobres espanhóis. No entanto, este trabalho tipicamente espanhol foi pintado por um grego. E existe ainda mistério nesse quadro. No primeiro plano, à esquerda, há um pagem ajoelhado, que parece ser o narrador da história. Seus olhos se dirigem para a frente, fitando o espectador e uma de suas mãos aponta a cena do enterro. Um documento sai para fora de um de seus bolsos. No documento, o artista assinou seu nome em letras gregas — Domenico Theotokopuli. Em seguida ao nome, escreveu uma data — 1578. O menino e a data têm sido objeto de uma grande quantidade de controvérsias. A data não pode ser aplicada à pintura do quadro. Porque o quadro foi encomendado não em 1578, mas oito anos mais tarde, em 1586. Alguns críticos assinalam a data relacionando-a com o menino. El Greco tinha um filho que, produto de um amor livre, nasceu em 1578. E na época em que o quadro foi pintado tinha justamente a idade precisa do pequeno pagem.

Depois do "Enterro do Conde Orgaz", El Greco voltou a praticar a pintura em tamanho pequeno. Embora fosse um grande anatomista, começou a tentar alongar o desenho dos membros até o exagero e a caricatura. Seu grande gênio imaginativo procurou novas formas e novos limites artísticos para expressar suas próprias idéias não convencionais. Utilizou a mão como o melhor meio de expressar o caráter e a emoção latente num ser humano. Nenhuma característica do rosto, nenhum outro membro do corpo, e talvez mais difícil de ser pintado. O trabalho das mãos é uma prova pela qual podemos separar o artista aristocrata do plebeu. Já se tem dito das mãos pintadas por El Greco que se acham "diretamente em contacto com o cérebro: não são membros, mas simplesmente nervos postos a descoberto". E aparecem delicadas e brancas, tão brancas como as golas de renda de seus donos. E possuem um "tom de músculo". Sem esse tom de músculo, essa imperceptível carga de energia que sempre corre através das mãos, exceto na morte, nenhum artista poderia revestir seus retratos da aparência e do "toque" de vida. Nos quadros de El Greco a mão é o espelho do homem.

A maioria dos grandes mestres tem errado, como alguns dos entusiastas de El Greco assinalam, representando a mão humana de forma estritamente anatômica. Quando pintam um gesto, mostram dedos com as juntas voltadas para a frente, quando deveriam apresentá-las no lugar certo — as costas das juntas em baixo do tecido do dedo. El Greco nunca errara a esse respeito.

Se El Greco foi um anatomista observador, foi também um grotesco anatomista. No período final de sua arte, suas pernas e seus torsos não são proporcionais a suas cabeças. É o trabalho desse período o mais popularmente associado a El Greco. Basicamente oriental, mesmo em sua fase mais realista, a arte de El Greco, em sua velhice, retornava cada vez mais aos ídolos bizantinos, com suas figuras de cabeças esguias, que possuíam pernas semelhantes a pernas de pau. Ocasionalmente, atirou-se a paisagens incontroladas, feitas de pedaços de terra selvagem e rochosa, subindo verticalmente dentro de estreitos limites, num fundo de céu carregado de luz. Parecia que se tornara ligeiramente louco, por causa das visões de sua velhice. No entanto, mesmo nessa época, não poderia haver dúvida sobre seu gênio. Fez nesse período uma paisagem de Toledo, num dia de tempestade, que é uma caldeira mágica de fantasia. Contém toda a poesia das cenas de tempestade do Rei Lear, de Shakespeare. A pintura é admiravelmente tridimensional, com uma personalidade viril feita de relâmpagos que cintilam, nuvens claras e verdes brilhantes. É uma arte ultrarequintada. Algumas das figuras de seus

(Continua na pág. 58)



Frutos da incompetência

QUEM se der ao trabalho de comparar as letras das melodias destinadas ao próximo Carnaval com as dos carnavais anteriores, melodias essas que já estão sendo insistentemente irradiadas pelas nossas emissoras, verá que os nossos compositores não têm a preocupação de abordar assuntos pelo menos pouco explorados. É claro que existem, até agora, uma ou outra exceção e, entre elas, cumpre destacar "Pirata da perna de pau", "Eu quero é rosetar" e "Palhaço". No ano passado "Trabalhar, eu não" foi uma das canções que, mesmo sem estar gravada, obteve um retumbante êxito de execução nas ruas e nos bailes. Pois bem, este ano já surgiu uma outra intitulada "Trabalhar eu sim", explorando assunto idêntico. A Praça Onze, o calor, o senhor do Bomfim, a gasolina que chegou, são alguns dos motivos mais usados e abusados. Daí a monotonia que se nota nessas canções, o consequente desinteresse do ouvinte e a reação das orquestras que executam em número cada vez maior os "hits" passados e já consagrados pelo público. No entanto, assunto não nos falta em absoluto. O que se nota não é outra coisa senão a comprovada incompetência dos nossos letristas em saber descobrir e explorar novos filões...

THAT'S THE BEGINNING OF THE END

Fox de Joan Whitney e Alex Kramer

When she don't sweet talk anymore,
Her kiss ain't like it was before,
It's time you added up the score,
my friend
That's the beginning of the end.
She keeps you waiting for a date,
Makes no excuse for being late,
Wake up and recognize your fate,
my friend
That's the beginning of the end.
What she's doing to you she did to me
But I was in love, so how could I see?
Better get wise, better beware
Or one of these days you'll turn around
and she won't be there.
Don't say that you were never told,
I know that character of old,
When she starts straying from the fold,
My friend,
That's the beginning of the end.

DESESPERADAMENTE

Letra e Música de Gabriel Ruiz

Criação de Elvira Rios

Ven, mi corazon te llama
Tan desesperadamente
Ven... mi vida te reclama
Ven... que necesito verte.

Sé que volverás mañana
Con la cruz de tu dolor
Ay... mira que forma de quererte
Ven... que necesito verte.

FAROLITO DE PAPEL

TANGO

Letra de F. García Jiménez

Música Tiofilo y Mario Lospés

I

Cien halagos escuché;
cien promesas me creí;
y en mi sana y buena fe,
solo y pobre al fin me vi.
Esta tarde me encontré
la tristeza del adiós
en los labios donde ayer
la ternura habló de amor.
Farolito de papel
que alumbra mi vivir
con la luz amiga y fiel
del querer que ya perdí.
Otro lado alumbra hoy,
te apagaste para mí,
y yo a oscuras aquí estoy,
solo y pobre... como fui.

I

Solo quedé
yo no tenía más que a ti.
Pobre, porque
eras mi mundo y lo perdí.
Ya no he de ver
tu débil llama de ilusión;
y ha de tener
eterna noche el corazón.

I (BIS)

Las promesas, de papel
Los halagos, débil luz,
Nada frágil queda en pie.
Solo es firme la virtud.
No es de ley ese brillar
que quemó mi corazón
y algún otro que al pasar
su reflejo encandiló.
La prosaica realidad
cuánta pena me custó!
y en la sal de la verdad
mi infatigable se curó.
Me resigno con mi cruz
si tu entrana ya la sé:
mucho humo y poca luz,
farolito de papel.

DIVORCIO

(SAMBA)

Se o divórcio vier
Vou me casar
Com outra mulher.

O desquite é contrário
A um novo casamento
Eu casei-me com uma louca
Ai meu Deus que sofrimento
Que o divórcio venha logo
Pra salvar um brasileiro
Sou casado e no entanto
Vivo pior que solteiro.

ABAIXO DE DEUS

Santa de Geraldo Pereira e Elpidio Vianan

Gravação de Alcides Gerardi

Abaixo de Deus foi ela.
Sim!... foi ela, quem me ajudou
Eu cá na cama, desempregado
E nada me faltou.
Brêêê. Abaixo de Deus.

E o carnaval vinha chegando
Eu dizia: o que será?
O que será da minha vida
Se não estou bem até lá
Se ela não é ela
Ao mundo eu dava adeus
Se hoje estou sambando
Agradeço a ela, abaixo de Deus.



DENTIFRICIOS
PANNAIN





O Orfeão Carlos Gomes, com sua diretora e professora Hilda Nascimento e Silva.

CANTO ORFEÔNICO NAS ESCOLAS

Villa-Lobos e "Vira Lobo" — O homem dos cães — Uma experiência pitoresca — O orfeão Carlos Gomes e o Instituto de Educação — A educação musical e sua influência na formação do caráter.

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

NÃO se pode dizer que fosse própria-mente uma turma dócil. Apanha-dos de surpresa na sala de aula, os alunos da escola pública ficaram alvoro-çados com a idéia de suspender o estudo maçante. Uma viagem, em bonde espe-cial, os excitara ainda mais. A chegada ao estádio produziu um espanto coletivo. Os uniformes iguais, calça azul, paletó branco se dissolveram nas arquibancadas. Boquiabertos, olhavam em torno e viam, infinitamente multiplicado, seu grupo. Crianças de todas as idades enchiam o recinto. No centro do gramado, uma es-pécie de coreto, onde um homem que, à distância parecia pequenino, gritava or-dens num microfone que lhe ampliava a voz, dando-lhe uma imperiosa onnipre-sença em todos os recantos através dos autôfalantes.

Passado o momento inicial de reconhe-cimento desconfiado do terreno, prontos para recolherem as armas, ao primeiro sinal de presença de superior hierárquico, imobilizando-se em atitude hipocritamen-te angélica, quando verificaram, final-mente, que as advertências do microfone não materializavam providências contra qualquer infração às instruções expedi-das, nesse momento explodiu a desordem. Um dos meninos beliscou o outro. Hou-ve protesto veemente por parte da vítima. Rolaram os dois num corpo a corpo. Os outros cercaram a briguinha, agulando os contendores com comentários.

Uma professora, com apito pendente do pescoço por uma fita branca, veio cor-rendo verificar o que acontecera. E, em virtude do procedimento daquele setor foi reforçada, ali, a vigilância. Mas as re-beliões aparecia de todos os lados. Para conter as crianças, não bastavam os gr-ltos ao microfone, nem as mestras a cor-rerem e apitarem comandos de silêncio e ordem. Uma irreprimível anarquia rei-nava por todos os lados.

A certa altura, o homem que se acha-va no coreto, tirou do bolso um grande lenço enxugou o suor. Depois aproximou-se do microfone e, exgotada a paciência, pronunciou calaramente:

— Calem a boca, seus cães!

Tudo isso aconteceu há cerca de dez anos, porém nunca mais poderei esque-cer aquele dia. Pela primeira vez, tenta-va-se a grande concentração de crian-ças para o canto orfeônico. O preparo apressado, nas escolas, devia, agora, pro-duzir seus frutos. Teóricamente, o plano era simples. As professoras familiariza-ram os meninos e as meninas com os ges-tos do regente, ensinara-lhes-lia a segul-rem o compasso, afinaram as vozes, pu-ras e frescas, mas terrivelmente rebeldes, selecionando, dentro todas, as aprovei-táveis. E, no dia marcado, todos rumo ao estádio, e era só juntar, em conjunto har-monioso, aqueles grupos já previamente instruídos.

A prática foi muito diferente. Os pre-

parativos puseram as instrutoras muitos metros além do limite extremo da capa-cidade sobrehumana de resistir à exaspera-ção. E o resultado foi que as turmas vieram para aquele campo, ainda virgens, mantendo o ar feroz de animalzinhos não domesticados.

O regente, cujo nome fora anunciado — Villa-Lobos — foi logo apelidado de Vira-Lobo. E a meninada se aplicou, laborio-samente, à tarefa de fazer com que aquele homem, que avistava ao microfone, per-desse a cabeça e a paciência.

Começou com o hino nacional a prova. Nunca se viu um hino nacional tão desen-contrado. De um lado alguns ainda esta-vam proclamando que as margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retum-bante, enquanto, mais além, e simulta-neamente, o sol da liberdade já brilhava em raios fúlgidos cuja correspondente musical, para aquelas cabeceiras, era o urro esganiçado, demonstrando entusias-mo consentâneo com a vibração cívica...

ORFEÃO CARLOS GOMES

Quando a Professora Hilda do Nas-ci-mento e Silva me relatou episódios da formação do orfeão Carlos Gomes, lem-brei-lhe, para consolá-la das dificuldades, o esforço de Villa-Lobos para controlar aquela massa de crianças. De qualquer forma, não foram poucas as dificuldades contra as quais ela teve que lutar.

Compreendendo, com a clarividência,

a alta função educativa do canto orfeô-nico, a prof. Hilda do Nascimento e Sil-va não mediu esforços para garantir o sucesso que hoje já está firmemente con-quistado pelos componentes do orfeão Carlos Gomes. Achava-se a turma que atualmente compõe o grupo ainda no pri-meiro ano ginasial quando ela tomou conta daquelas vocações moças e mol-dou-as, orientadon-as e conseguindo que, num curso em que a música é apenas um complemento, desabroche o entusiasmo pela arte, colaborando em programas muitas vezes realizados no período de férias escolares, num trabalho de con-junto que não tem outra remuneração senão o gosto pelo canto e o prazer de fazer música.

Revela, sem dúvida, um importante mo-vimento no sentido de despertar na mocidade o amor à música que salienta a fun-ção desempenhada pela arte como ele-mento de aproximação assim como a im-portância e a influência da educação mu-sical na formação do caráter. Na verda-de, um fato que Villa-Lobos proclamou e que o Orfeão Carlos Gomes parece ter compreendido é, justamente, que uma obra musical vale mais do que vinte ser-mões de educação moral e cívica.

O EMBLEMA

Jovem ainda, composto de gente moça, o Orfeão Carlos Gomes já conta, a seu favor, com uma boa série de realizações positivas e coroadas de êxito. Além da participação em diferentes programas ra-diofônicos, audições particulares para al-gumas personalidades ilustres têm tra-zido o apoio, o estímulo e o louvor de muitos críticos, como, por exemplo, ma-dame D'Or, prof. Magdala da Gama Oli-veira, e sobretudo Frei Pedro Sinzig, que convidou o grupo para figurar na Disco-teca Santa Cecília, organizada sob sua direção.

O orfeão Carlos Gomes possui um em-blema, desenhado por uma das alunas, e que a Caixa Econômica mandou executar para oferecer como prêmio às atuais or-feonistas, pela sua classificação em pri-meiro lugar no Programa dos Novos de 1946.

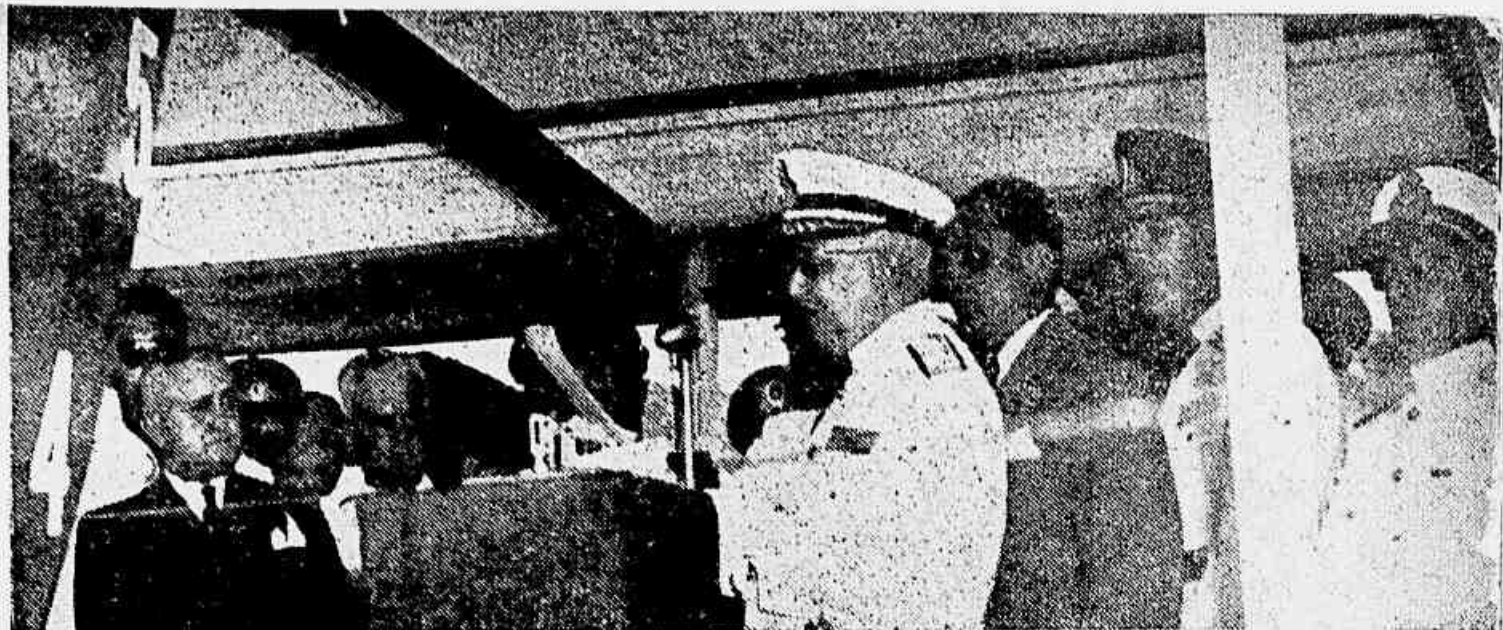
CRÍTICA CONSTRUTIVA

Não se compreende a crítica senão como estímulo e amparo aos valores no-vos que vão surgindo à procura de um lugar no panorama musical. O panorama está sempre repleto mas há lugar para os que realmente são portadores de algum talento para o ramo escolhido... Não é preciso afastar nenhum dos grandes no-mes existentes para que se aloje na esti-ma do público, como na sua admiração, aqueles que brotam vigorosamente impe-lidos por uma vocação. O Orfeão Carlos Gomes tem a vantagem de ir crescendo com os seus membros, que ampliam os seus conhecimentos e aperfeiçoam o seu já considerável cabedal de experiência, sob a orientação da professora Hilda Nas-cimento e Silva, solícita e compreensiva mestra.

A esses, sempre devemos consagrar a crítica construção, não aquela que é feita de elogios vagos e vãos, mas a que apre-senta reparos e aponta imperfeições para que possam ser corrigidas mais adiante. O Orfeão Carlos Gomes está se impondo definitivamente como um conjunto de excecional homogeneidade

Representantes do Orfeão Carlos Gomes, recebendo o prêmio "Melhor Coro Orfeônico" do "Programa dos Novos", ganho em 1946 pela terceira vez.





A esquerda: O senhor presidente da República, o ministro da Marinha e o Senhor Rui Carneiro, superintendente da Companhia de Navegação Costeira, quando chegavam à Ilha do Viana. A direita: O ministro da Marinha, Almirante de Esquadra Sílvio de Noronha, falando antes do lançamento do "Pirambú".

UMA SOLENIDADE DE ELEVADA EXPRESSÃO CIVICA E PATRIOTICA

Com a presença do Presidente da República, do Ministro da Marinha e altas autoridades civis e militares, realizou-se no dia 7 do corrente, nos estaleiros da Ilha do Viana, de propriedade e administração da Companhia Nacional de Navegação Costeira, de que é superintendente o sr. Dr. Rui Carneiro, o lançamento ao mar de mais um caça-submarino, o "Pirambú", que teve como madrinha a senhora Leonor Barros de Noronha, consorte do senhor Ministro da Marinha.

Na mesma ocasião, foi entregue à nossa Marinha de Guerra outro caça-submarino, o "Pirajú", que, como o "Pirambú", faz parte de uma série de seis, encomendada pelo Ministro da Marinha à Companhia Nacional de Navegação Costeira.

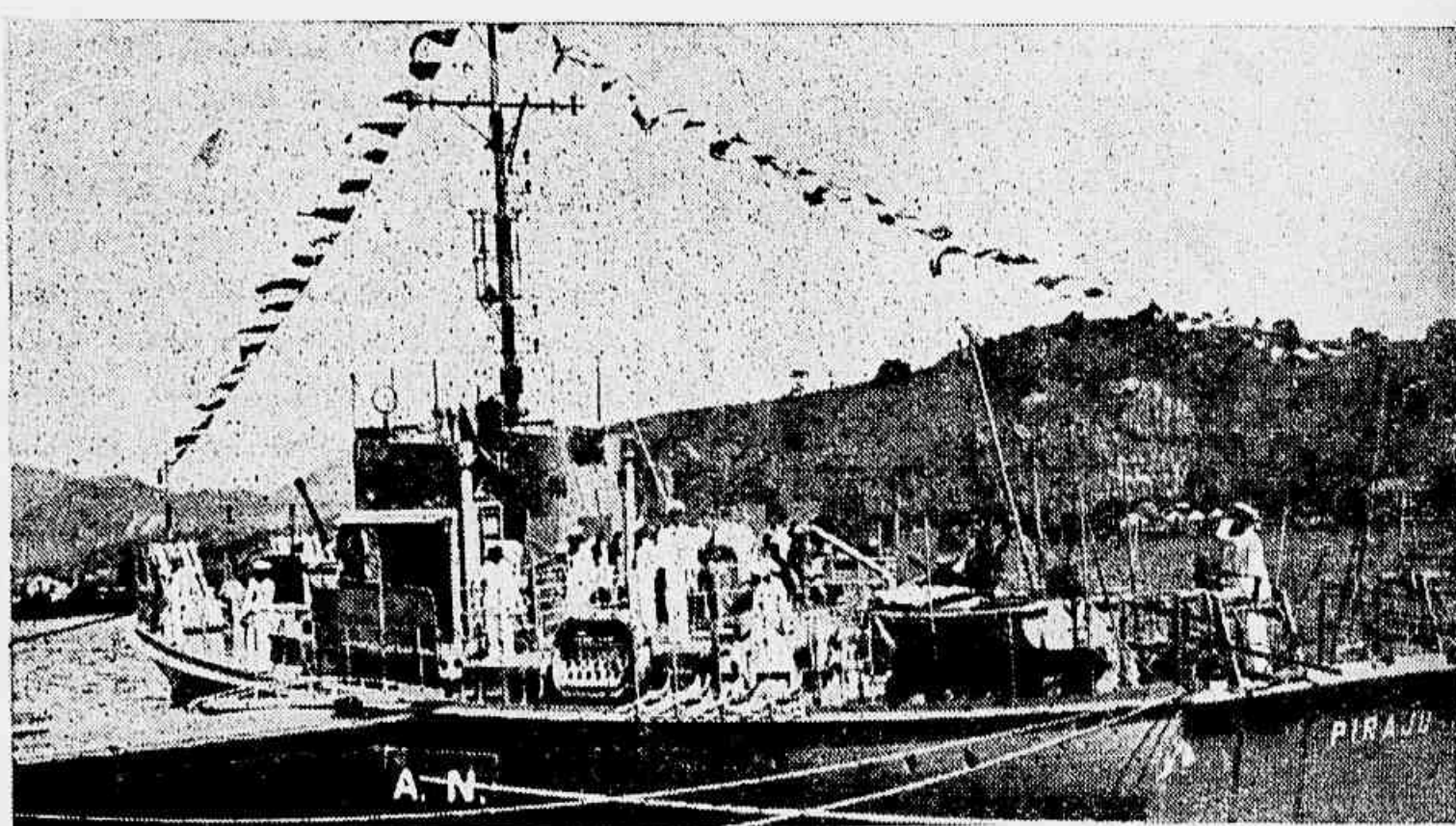
Os quatro caça-submarinos restantes, serão entregues até meados do ano, após o que a Companhia Costeira terá cumprido os compromissos de construção naval assumidos para com o governo da República. O aceleramento dos trabalhos nos estaleiros da Ilha do Viana é devido ao esforço do atual superintendente daquela Companhia, hoje incorporada definitivamente ao Patrimônio Nacional, senhor Rui Carneiro, que está dando, com a sua administração inteligente e capaz, novo ritmo à grande empresa, cuja direção lhe foi confiada pelo presidente Eurico Gaspar Dutra. No curto período de sua administração, o senhor Rui Carneiro já fez, também, reparar e reincorporar à frota da Costeira os na-

vios "Araranguá", "Arassú" e "Itaquicé", que estavam parados, a fim de aumentar as linhas e melhor servir o comércio nacional de cabotagem.

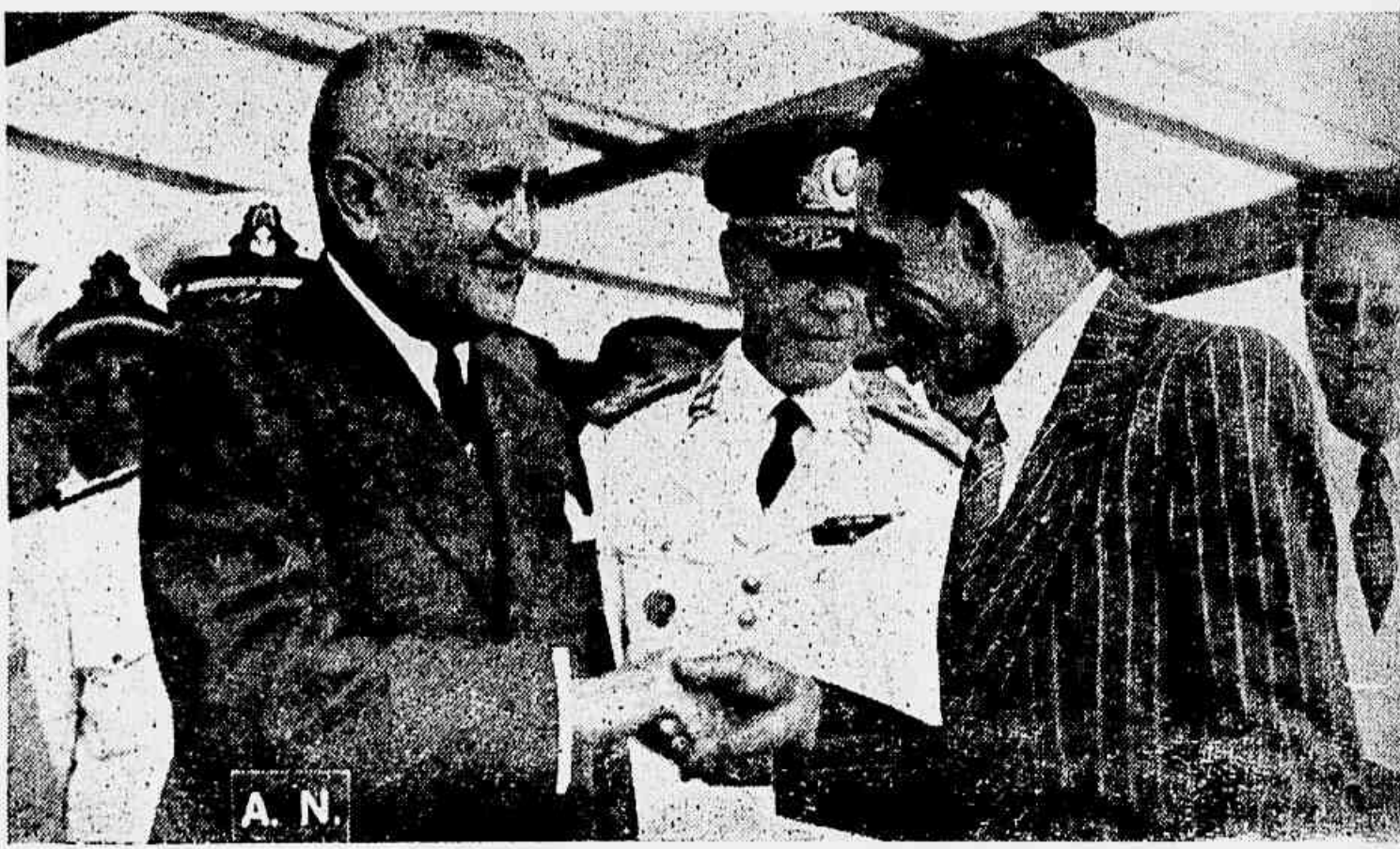
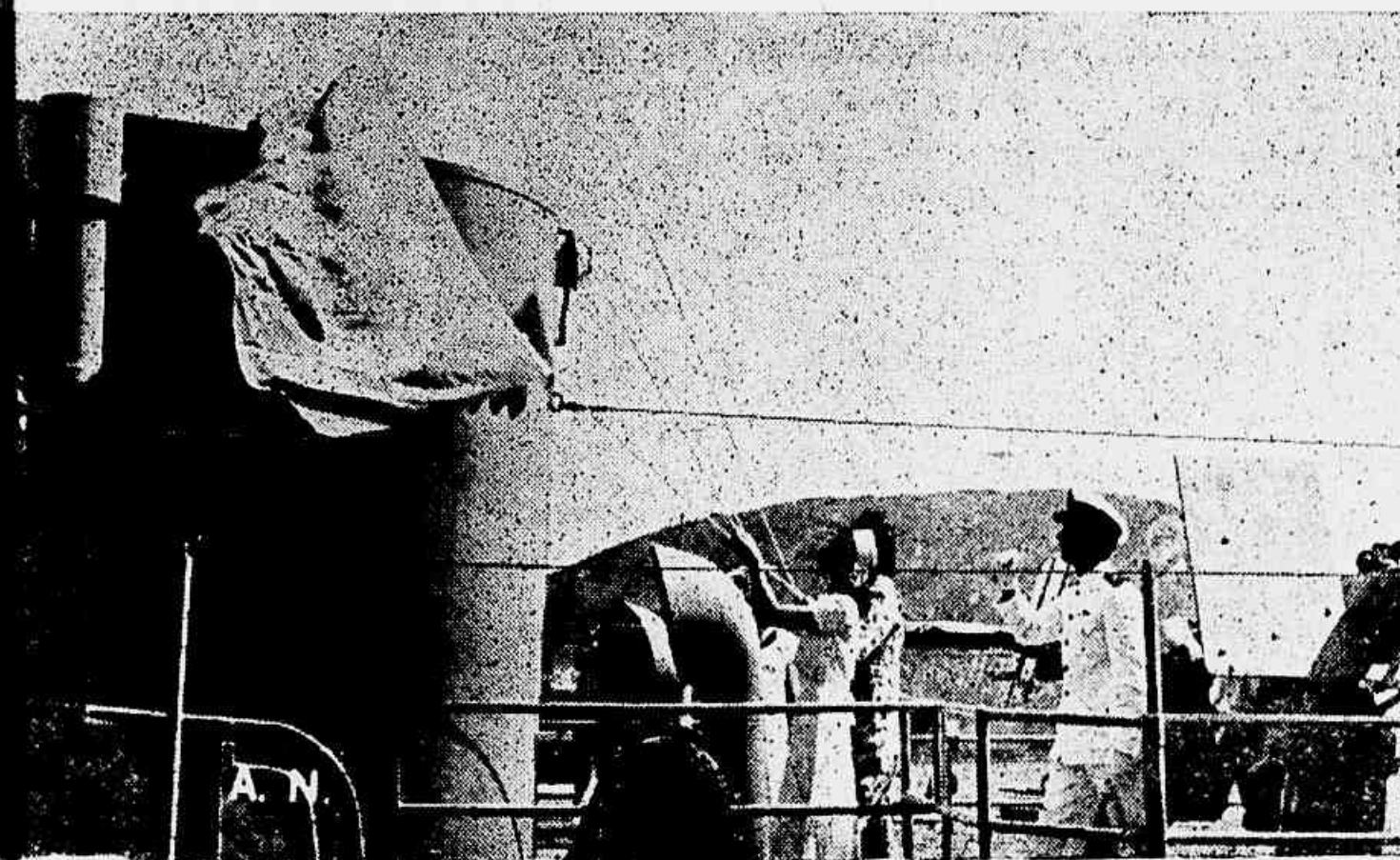
A cerimônia do lançamento do "Pirambú" e da entrega à Marinha de Guerra do "Pirajú" foi presidida pelo general Gaspar Dutra, que foi grandemente aplaudido pelos trabalhadores e operários dos estaleiros.

Em seu discurso, o senhor Rui Carneiro destacou o esforço da Companhia que superintende, pondo em relevo "a capacidade dos nossos engenheiros, a competência dos nossos técnicos e a habilidade dos nossos operários", em matéria de construção naval. E o Ministro da Marinha, almirante de Esquadra Sílvio de Noronha, depois de citar, nominalmente, os senhores Pedro Brando, antigo superintendente, e o senhor Rui Carneiro, atual dirigente da empresa, bem como os técnicos responsáveis pela construção dos caça-submarinos, disse, textualmente:

"Muito propositadamente, citei os nomes das pessoas que estão intimamente ligadas à ideia da construção desses navios, à sua efetivação e à sua fiscalização para, assim, significar-lhes o apreço em que a Marinha Brasileira tem o seu esforço para dota-la de mais navios construídos no País. Ao mesmo tempo, ressalto a capacidade e o esforço revelados pelos operários dos nossos Arsenal e deste estaleiro, na construção de navios para a nossa Marinha de Guerra, sob a direção inteligente dos seus chefes".



A esquerda: O superintendente Rui Carneiro quando usava da palavra, antes do lançamento do "Pirambú". A direita: O "Pirajú" depois de incorporado à Marinha de Guerra do Brasil.



A esquerda: "Pirajú" — hasteamento da bandeira nacional, pela senhora Alice Carneiro, esposa do superintendente da Companhia Nacional de Navegação Costeira, senhor Rui Carneiro. A direita e em baixo: aspectos da solenidade, vendo-se o senhor Eurico Gaspar Dutra, presidente da República, condecorando operários da Companhia de Navegação Costeira com a Cruz de Malta.





a Beleza do Cabelo aumenta a atração pessoal

Para assegurar a vitalidade, o brilho, e evitar queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, não há melhor meio do que o uso diário do Tricófero de Barry.

Loção revitalizante, Tricófero de Barry tem a sua ação comprovada através de mais de um século de uso. Dê aos seus cabelos o tratamento e o cuidado que merecem.

**Tricófero
de Barry**
EM USO DESDE 1801

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e sairá da cama disposto para tudo. O fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então sobrevém a sensação de fatura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pímulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pímulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

A planície das aranhas

(Continuação da pág. 53)

— O meu cavalo tomou o freio nos dentes.

— Eu sei, o meu fez o mesmo.

Ele zombava, mas sem jovialidade.

— Digo-te que o meu cavalo tomou o freio nos dentes, — repetiu o homem que tinha uma brida chapeada de prata.

— Somos dois covardes, — disse o homem baixo.

O outro refletiu um momento, sempre mordendo as juntas dos dedos e sem deixar de olhar para o inferior.

— Não me chames covarde, — retorquiu ele enfim.

— O senhor é um covarde, exatamente como eu.

— Um covarde, seja, pois há um limite à bravura de todo o homem, e esse limite eu conheci-o afinal... mas não como tu, e é isto o que faz a diferença.

— Eu nunca pensaria que o senhor o abandonasse; ele acabava de lhe salvar a vida, dois minutos antes... Porque é que o senhor é o nosso senhor?...

O chefe pôs-se novamente a morder as juntas e anuevou-se-lhe o rosto.

— Nenhum homem me chamará covarde impunemente, — proferiu. — Não!...

Uma espada quebrada vale mais do que nada... Um cavalo branco doente nunca poderá carregar dois homens durante quatro dias... Detesto os cavalos brancos, mas, desta vez, não posso fazer escolha.

Princípios a compreender?... Prevejo que, baseando-te no que tens visto e sonhado, estás disposto a desacreditar a minha reputação. São indivíduos da tua espécie que destronizam os reis. Demais, nunca pude suportar-te.

— Meu senhor! — implorou o homem baixo.

— Não! Não! — replicou o chefe, e, como o homem baixo se mexesse, ele ergueu-se de repente.

Durante um minuto talvez, eles se conservaram assim, o olhar de um fito no olhar do outro. Por cima deles as naves dafanas passavam flutuando ao sabor do vento. Entre os seixos do regato houve um movimento rápido, um rumor de pisadas depois um grito de desespero, um estertor e um baque...

Para o fim do dia o vento amainou; o sol ocultou-se em meio da calma serenidade vespertina, e o homem, que outrora havia montado o puro-sangue, de brida de prata, saiu enfim do desfiladeiro, com todas as precauções. Ele guiava então por um declive suave o cavalo branco. Bem quisera ir ter até onde estava o seu animal morto, para rehaver a sua brida de prata, mas temeu que a noite e uma brisa mais forte o surpreendessem ainda no vale; demais a mais, era-lhe intolerável a idéia de encontrar o pobre animal enredado de teias de aranha e horrendamente desfigurado.

Ao pensar naquelas telmas, em todos os perigos a que havia escapado, de maneira tão estranha, a sua mão buscou um pequeno relicário que tinha suspenso ao pescoço e ele apertou-o alguns instantes, com o coração penetrado de reconhecimento.

Ao mesmo tempo o seu olhar percorria a planície.

— Eu estava agitado pela paixão, — disse, — e agora ela já teve a recompensa... Sem dúvida as aranhas também os...

Els senão quando, do outro lado da planície, longe das rampas ocultas pelo matagal, na limpidez do sol poente, ele avistou nitidamente, sem engano possível, uma pequena coluna de fumo.

A essa vista, um acesso de enraivecida estupefação sucedeu à sua anterior serenidade. Fumaça? Ele voltou a cabeça do cavalo branco; este hesitou, porque, no mesmo momento, um leve sussurro de ar passava na herva ao redor deles; ao longe, sobre alguns pequenos arbustos, pendia uma tira cinzenta e franjada. Ele olhou para as teias de aranha e depois para a fumaça.

— Afinal, talvez não sejam eles, — articulou por fim.

Mas sabia o que havia de fazer.

Ficou algum tempo considerando a fumaça, depois saltou para a sela. Ao mesmo tempo que cavalgava, ia abrindo caminho no meio dos destroços de telas voadoras. Fosse pelo que fosse, aconteceu que muitas aranhas jaziam por terra, mortas, e as que estavam vivas devoravam criminosamente as companheiras; mas, ao ruído da spatula dos cavalos, deixavam a fugir.

A sua hora tinha passado. Arrastando-se pelo chão sem um sopro de ar que as combolasse, e privados do seu invólucro branco, aqueles monstros, mau grado todo o seu veneno, pouco mal podiam causar então.

Ele fustigava com o cinturão aquelas que parecia quererem aproximar-se demais. De uma feita, quando várias delas atravessavam em grupo, uma clareira, ele teve ímpetos de descer do cavalo e esmagá-las com o tacão da bota... Mas resistiu à tentação.

De momento a momento voltava-se sobre o selim e observava a coluna de fumo.

— Aranhas! — murmurava incessantemente. — Aranhas! Bom... Bom... Para a outra vez eu também tecerei uma tela.

A vida de El Greco

(Continuação da pág. 55)

seres humanos desse tempo nada mais são do que símbolos lineares. As carnes da imaginação de El Greco dissolviam-se no intenso ardor de seu gênio insano, deixando somente o esqueleto de uma fantasia. Quando os amigos o visitavam, ouviam-no gritar, enraivecido, uma série de imprecações cegas e salam convictos de que estava incuravelmente louco. A alma de El Greco separava-se de sua carne e imprimia o ectoplasma de sua personalidade às telas. As figuras e as paisagens não têm nenhuma semelhança com a realidade. El Greco lutava pela ciência da personalidade na arte — uma linguagem de desenho linear e liberdade geométrica. Dizem que sofria de astigmatismo e pintava o que julgava ver. Contudo, se sofria de estigmatismo, era um estigmatismo não dos olhos, mas do espírito. O espírito era um solitário, existindo na pobre e triste luz de sua própria solidão, até se tornar meio cego e ofuscar-se na adoração de si mesmo. No entanto,

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante



a solidão de seu espírito foi a razão de sua força. El Greco aprendera a conhecer-se tão totalmente, que conseguira alcançar o infinito. Via talvez, preliminarmente, os misteriosos esboços do universo nas várias formas chamadas homens. Foi um gênio verdadeiramente admirável e desconcertante. "O que fez bem, ninguém fez melhor. E o que fez mal, ninguém fez pior".

(Do livro "Vida dos grandes pintores").



TRÊS BATALHAS

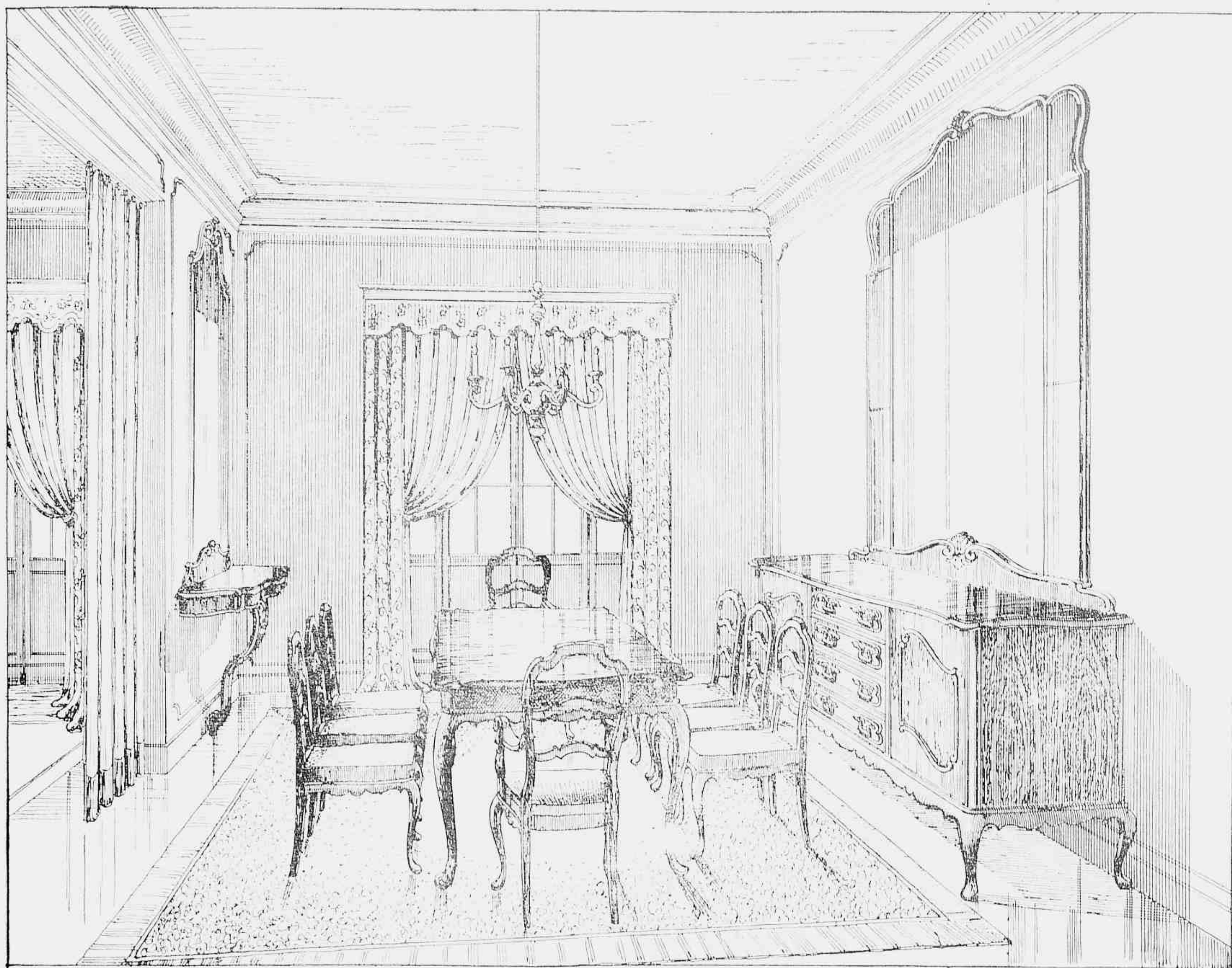
(Continuação da pág. 9)

vencido a sua segunda batalha em Buenos Aires: a crítica portenha, severa, exigente e culta, consagrava, unanimemente, sem restrições — como há muitos anos não o faz aqui com outro artista — Dulcina, como interprete e diretora!

E, do dia 22 de novembro em diante, Dulcina, até então completamente desconhecida em Buenos Aires, vem vencendo brilhantemente a sua 3ª batalha: aplaudida com vibrante entusiasmo, diariamente, pelas multidões que enchem o enorme Teatro Astral e que saem proclamando a sua admiração pelo talento artístico da heroína de "Chuva".

E, por sobre esse sucesso — que Dulcina conquistou absoluta, insofismável e exclusivamente pelo seu valor — por sobre esse sucesso que presencio todos os dias, vejo pairar, orgulhosa, a bandeira do Brasil...

No decurso de cinco anos apenas — afirmou — presenciámos o desenrolar de métodos radicalmente novos para o tratamento de várias doenças do homem e dos animais. Exploram-se atualmente novas possibilidades, e temos indícios de coisas ainda mais notáveis para o futuro, sobretudo no que respeita ao descobrimento de substâncias para o combate às doenças mais diversas, e sobretudo contra aquelas causadas pelos vírus, contra a maioria dos quais não conhecemos por enquanto remédios eficazes.



MODERNA SALA DE JANTAR

....A estilização, quando baseada no puro estilo genuíno, sem exageros de linhas, longe de se tornar ridícula ou espalhafatosa, constitui motivo de apuração estética, que não se encontra em geral nas peças originais.

Como exemplo do que acabamos de afirmar, apresentamos a sala de jantar acima, trabalhada em madeira nobre. A mesa, bem como o "buffet", são cobertos por uma camada de vidro ou cristal, que empresta um traço de modernismo ao mobiliário.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

